

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

RAQUEL CARDOSO DE CASTRO

# Do TEXTO AO HIPERTEXTO:

*COMO EFETUAR ESTA TRANSIÇÃO?*

Rio de Janeiro

2006

## FICHA CATALOGRÁFICA

Castro, Raquel Cardoso de.

Do Texto ao Hipertexto - Rio de Janeiro: UFRJ/ Campus da Praia Vermelha, 2006.  
Orientador: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro, 2006. 200 f.

Tese de Doutorado defendida ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ no Campus da Praia Vermelha.

Referências Bibliográficas:

1. Comunicação. 2. Novas tecnologias 3. Hipertexto

## FOLHA DE APROVAÇÃO

DO TEXTO AO HIPERTEXTO

RAQUEL CARDOSO DE CASTRO

ORIENTADOR: EMMANUEL CARNEIRO LEÃO

CO-ORIENTADORA: RAQUEL PAIVA

TESE DE DOUTORADO APRESENTADA PARA CUMPRIMENTO PARCIAL DAS EXIGÊNCIAS PARA O TÍTULO DE DOUTORA EM COMUNICAÇÃO E CULTURA.

APROVADA PELOS INTEGRANTES:

---

EMMANUEL CARNEIRO LEÃO – PPGCOM-UFRJ (ORIENTADOR)

---

RAQUEL PAIVA – PPGCOM-UFRJ (CO-ORIENTADORA)

---

MILTON JOSÉ PINTO – PPGCOM-UFRJ

---

PAULO VAZ – PPGCOM-UFRJ

---

MIRIAM STRUCHINER – NUTES-UFRJ

---

ERICK FELINTO – PPGCOM-UERJ

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2006

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais Luiza e Murilo*

## AGRADECIMENTOS

Na elaboração desta tese tive naturalmente a colaboração de muitos. Cumpre agradecer:

- principalmente, aos meus pais Luiza e Murilo;
- aos meus irmãos, Thiago, João e Bernardo e minha irmã Julia;
- ao meu orientador Prof. Emmanuel Carneiro Leão;
- aos professores: Prof. Márcio Tavares D'Amaral; Prof. Milton José Pinto; Prof. Raquel Paiva; Prof. Paulo R. G. Vaz; Prof. Henrique Antoun; Prof. Gonzalo April; Prof. Aluizio Trinta.
- Aos funcionários da ECO-Pós: Valéria Reis, Laércio Nonno, Abeniser Cunha, Arthur Pinto e Humberto Canuto;

pela assistência dispensada e pelo interesse, acompanhando meu trabalho, dentro do possível, durante toda sua trajetória.

E, finalmente, ao CNPq pela bolsa, sem a qual não teria sido possível esta tese de doutorado.

## EPÍGRAFE

*“Cada um de nós é como um homem que vê as coisas em um sonho e acredita conhecê-las perfeitamente, e então desperta para descobrir que não sabe nada”*

*(Platão, Político).*

## RESUMO

Esta tese tem por objetivo estudar as mudanças decorrentes de um novo elemento ou componente do atual sistema de comunicação de pesquisas acadêmicas, o Hipertexto. A questão eixo se resume da seguinte forma: DO TEXTO AO HIPERTEXTO - COMO EFETUAR ESTA TRANSIÇÃO? Em outras palavras: o que um membro da academia precisa saber para comunicar apropriadamente seu trabalho intelectual através de um hipertexto na Internet, em e com uma determinada comunidade acadêmica?

Pondero sobre esta questão, a partir de uma experiência concreta em que vivencio a construção de hipertextos: um sítio de estudo da obra de arte literária *Macunaíma* de Mário de Andrade (com tikiwiki); uma página pessoal, sobre a vida, a obra e o pensamento do Prof. Emmanuel Carneiro Leão (com html); uma página temática, sobre a proposta teórica e prática da Midiologia, de Régis Debray (com html); um portal institucional do programa de pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ (com phpnuke) e um sítio para o Laboratório de Estudos de Comunicação Comunitária (LECC) do PPGCOM ECO-UFRJ (com xoops).



## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Metodologia.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 Justificativa.....</b>	<b>16</b>
<b>2 DO TEXTO AO HIPERTEXTO.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 O Projeto do Ato de Comunicação.....</b>	<b>22</b>
Motivações.....	22
Modelo de Comunicação.....	32
Trabalho de preparação.....	36
<b>2.2 O Ato de comunicação Projetado.....</b>	<b>43</b>
Plataforma virtual.....	43
Roteiros.....	50
Apropriação dos programas.....	70
<b>2.3 O Ato de comunicação em Si.....</b>	<b>84</b>
Potencialidades do hipertexto.....	88
Texto e Hipertexto.....	109
Modelo do pensamento humano.....	119
<b>3 CONCLUSÃO.....</b>	<b>125</b>
<b>4 Bibliografia.....</b>	<b>130</b>
<b>5 Notas.....</b>	<b>136</b>

## INDICE DE ILUSTRAÇÕES

<i>Ilustração 1 - Estatísticas sobre a Internet.....</i>	<i>18</i>
<i>Ilustração 2 - Quadro de publicações acadêmicas.....</i>	<i>37</i>
<i>Ilustração 3 - Terceiro passo do Macunaíma Hipertextual.....</i>	<i>65</i>
<i>Ilustração 4 - O “médium”.....</i>	<i>87</i>
<i>Ilustração 5 - Tela de apresentação do Hiper-Macunaíma para um internauta....</i>	<i>88</i>
<i>Ilustração 6 - Estação de Trabalho A.....</i>	<i>89</i>
<i>Ilustração 7 - Tela de editoração de página.....</i>	<i>89</i>
<i>Ilustração 8 - Tela para re-nomear página.....</i>	<i>91</i>
<i>Ilustração 9 - Telas para remover página.....</i>	<i>91</i>
<i>Ilustração 10 - Tela para permissões da página.....</i>	<i>91</i>
<i>Ilustração 11 - Tela para histórico da página.....</i>	<i>92</i>
<i>Ilustração 12 - Tela do Histórico comparando versões da página.....</i>	<i>93</i>
<i>Ilustração 13 - Tela de Histórico com a fonte da página.....</i>	<i>94</i>
<i>Ilustração 14 - Tela de Histórico com listagem de páginas similares.....</i>	<i>94</i>
<i>Ilustração 15 - Tela de slides.....</i>	<i>95</i>
<i>Ilustração 16 - Tela de comentário.....</i>	<i>96</i>
<i>Ilustração 17 - Tela para anexar arquivo.....</i>	<i>96</i>
<i>Ilustração 18 - Estação de Trabalho B.....</i>	<i>100</i>
<i>Ilustração 19 - Gerenciamento de Estrutura.....</i>	<i>101</i>
<i>Ilustração 20 - Gerenciamento das Páginas.....</i>	<i>102</i>
<i>Ilustração 21 - Estação de Trabalho C.....</i>	<i>103</i>
<i>Ilustração 22 – As Midiaesferas.....</i>	<i>126</i>

## 1 APRESENTAÇÃO

*“Questionar os desafios da informática exige pensar o vigor da realidade realizando-se na informatização” (CARNEIRO LEÃO, 1992, pg. 91).*

Esta tese tem por objetivo estudar as mudanças decorrentes de um novo elemento ou componente do atual sistema de comunicação de pesquisas acadêmicas, o Hipertexto<sup>1</sup>. A questão eixo se resume da seguinte forma: DO TEXTO AO HIPERTEXTO<sup>2</sup> - COMO EFETUAR ESTA TRANSIÇÃO? Em outras palavras: o que um membro da academia precisa saber para comunicar apropriadamente seu trabalho intelectual através de um hipertexto na Internet, em e com uma determinada comunidade acadêmica?

Como pondera E. Carneiro Leão na citação acima, a Internet e sua técnica discursiva, o hipertexto, representam um imenso desafio para justa apropriação na comunicação de estudos acadêmicos, e na constituição de espaços virtuais de ensino, pesquisa e apresentação institucional. “O vigor da realidade realizando-se na informatização” da Academia reflete a vigência da técnica moderna no “desencobrimento explorador” do acervo intelectual acadêmico.

Pondero sobre esta questão, a partir de uma experiência concreta em que vivencio a construção de hipertextos: um sítio de estudo da obra de arte literária *Macunaíma* de Mário de Andrade; uma página pessoal, sobre a vida, a obra e o pensamento do Prof. Emmanuel Carneiro Leão; uma página temática, sobre a proposta teórica e prática da Midiologia, de Régis Debray; um portal institucional do programa de pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, e um sítio para o Núcleo de Pesquisa LECC.

O ponto de partida, já iniciado na dissertação de mestrado, foi um estudo sobre a natureza do discurso hipertextual, que se assentou sobre uma pesquisa bibliográfica. Intensifiquei esta pesquisa, acompanhada então de alguns experimentos práticos, como

indicados acima, explorando quais formas o hipertexto oferece de organizar e estruturar o texto. Procurando igualmente e com o mesmo empenho refletir a questão, e seus desdobramentos, em termos dos limites desta técnica comunicacional, evidenciando deste modo, as possibilidades de seu uso efetivo na transmissão de saberes.

De modo a tornar clara a exposição deste estudo, procurei primeiramente articular os planos para a construção hipertextual, apresentando, através dos conceitos de Pierre Bourdieu de campo, habitus e mercado, os fatores que exerceram influência para encetar o projeto, depois, procurei enquadrar o projeto do ato de comunicação em um modelo comunicacional, por fim, fecho esta primeira etapa com uma classificação das possibilidades que encontrei de publicação acadêmica, as respectivas soluções técnicas viáveis e o que serviria de guia para a organização dos hipertextos.

Em um segundo momento, examinei de perto o que orientou a transição do texto para o hipertexto, relatando brevemente o que encontrei nas normas da ISO, CAPES, Plataforma Lattes, e no caso da Análise de Discursos, elaborando um roteiro para conformação do texto ao formato hipertextual, recolhendo indicações em Michel Foucault, Dominique Maingueneau, Mikhail Bakhtine, Norman Fairclough, Pierre Bourdieu, Frederic Cossutta, dentre outros. Estas indicações formaram os elementos metodológicos a seguir para “dissolver” o discurso em seus componentes essenciais, aqueles que determinam seu sentido, e que devem ser essencialmente preservados na passagem do texto ao hipertexto.

Por fim, concluo com algumas considerações e aberturas a novas questões, sobre as possibilidades que oferece esta construção hipertextual para a academia. Com efeito, o processo de constituição de um discurso hipertextualizado é reconhecido como um processo análogo àquele que os alquimistas do passado denominavam “*solve et coagula*”. Nesta analogia, o discurso passa por sua “dissolução” segundo uma abordagem e uma metodologia específica, que tento desenvolver, se “coagulando” novamente em um discurso hipertextual. Nesta “coagulação”, por sua vez, a técnica como agente, ou catalisador, é avaliada quanto as suas possibilidades de garantir, na “coagulação” do discurso hipertextual, a efetividade do “ato de comunicação”.

Para narrar esta experiência, faço uma descrição da ação de um autor de hipertextos, a começar por sua *conduta* <sup>3</sup>, que se desdobra em: 1) um *projeto do ato de comunicação*, planos para a construção de um hipertexto; 2) um *ato de comunicação projetado*, quando o projeto ganha impulso motivacional, deixando de ser uma fantasia, para se transformar em uma ação proposital, onde se afirma a concretização do projeto; e, 3) um *ato de comunicação em si*, a ação concreta no mundo exterior “baseada num projeto e caracterizada pela intenção de realizar o estado de coisas projetado” (SCHUTZ, 1979, pg. 124).

Para fins de experimentação, eu me pus como o autor, ao longo de toda esta descrição de um desempenho comunicacional, culminando em um *trabalho* <sup>4</sup>. Sou eu enquanto aquele que realiza uma “ação de comunicação”. Entendendo ação como “comportamento orientado em relação a um plano ou projeto anteriormente elaborado” (SCHUTZ, 1979, pg. 128) e comunicação como “fundamentada em atos de trabalho [...] atos abertos para o mundo exterior [...] que serão, supostamente, interpretados pelos outros como signos do que quero transmitir” (SCHUTZ, 1979, pg. 201). Esta ação de comunicação será bem sucedida na medida em que os envolvidos no processo de comunicação compartilhem “um *sistema de relevâncias* <sup>5</sup> essencialmente similar” (SCHUTZ, 1979, pg. 200).

No caso desta tese de doutorado, o ato de trabalho culmina na constituição de um hipertexto a partir de textos. Nesta ação de comunicação, me permiti adaptar a estrutura de A. Schutz, caracterizando a “ação de comunicação”. E dei ao “ato de comunicação em si”, não o sentido de re-visão da ação, mas de apreciação do resultado do ato de comunicação, realizado pelo hipertexto constituído. E, é assim que a tese se estrutura enquanto *reflexão* <sup>6</sup> sobre o *projeto do ato de comunicação*, o *ato de comunicação projetado* e o *ato de comunicação em si*.

## 1.1 METODOLOGIA

Posso ressaltar primeiro a pesquisa bibliográfica extensa, mas dirigida, o mais que possível, pela questão que me interessa; como pode se verificar nas referências – aos livros, artigos, teses e sítios Internet – citadas ao final da tese.

Segundo, ressaltaria o “estudo de caso”. Como o meio acadêmico em si mesmo, na sua globalidade e na sua complexidade, é dificilmente abordável (DURAND, 1969), proponho abordar o contexto de uma produção intelectual veiculada pela Internet, em um “estudo de caso” particular (SILBERMANN, 1955), como foi explicitado acima, demonstrando o percurso de um membro da academia na ação de comunicação que representa a própria construção de um hipertexto.

Assim, torna-se possível ver este integrante do meio acadêmico “e as suas obras, com todas as suas idéias, as suas inspirações, os seus motivos, as suas influências, em todo o seu *primum móbile*, como surge da cultura, da civilização, das instituições e dos ideais”. E, por conseguinte, torna-se possível encontrar por este trajeto individual “a ‘ecologia humana’, as relações da cultura’, os ‘comportamentos’, as ‘instituições sociais’ ” e ainda muitos outros pontos essenciais, que considerados na sua totalidade mostram o comportamento global deste autor através de seus “mecanismos biológicos, psíquicos ou sociais” (SILBERMANN, 1955, pg. 10-11).

O intuito primordial é que esta narração de uma *ação consciente* <sup>7</sup>, em termos de uma experiência pessoal e particular traga uma braçada de constatações sobre este “meio-técnico-científico-informacional”<sup>8</sup> que se estende também pelo ambiente acadêmico, restituindo alguns traços desta nova *midiaesfera* <sup>9</sup> “por dentro”, tal como a vive o “acadêmico-do-meio-técnico-científico-informacional” (SANTOS, 1995).

Mas como se certificar de que se trata de uma *ação consciente*? Esta é a mesma indagação de A. Schutz, que indica uma seqüência de atos que qualificam uma ação como consciente. Atos estes que adotei como uma espécie de roteiro para minha investigação:

*“[...] Nossa próxima questão se refere ao modo como conhecemos a ação consciente. Qual a evidência <sup>10</sup> através da qual ela se apresenta? Ou seja, como ‘encontramos’ a ação em nossa experiência? A resposta é que a evidência, ou modo de apresentação, difere, dependendo de se: 1) o ato está ainda no estado de ‘puro projeto’, 2) a ação, como tal, já começou, e o ato está a caminho da realização ou 3) o ato já foi executado e está sendo visto em retrospectiva, como fait accompli.[...]”.*

Por fim, é importante lembrar que as posturas metodológicas tomadas estão muito próximas do processo metodológico que A. Schütz preconizou na abordagem fenomenológica da “ação”. Mas, apesar de minha reflexão acompanhar esta linha fenomenológica, e também estar marcadamente influenciada por leituras e trabalhos de diferentes áreas, procuro sempre manter uma posição que me parece denotar questões intrínsecas à área de Comunicação, onde efetivamente se situa minha tese.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Esta tese de doutorado está inscrita na linha de pesquisa “Mídia e Mediações Socioculturais”. Nos parágrafos que seguem, tento explicar, paralelo a um paulatino isolamento de meu objeto de estudo, por quê e por quais posturas teóricas se justifica a inserção de minha de tese de doutorado nesta linha de pesquisa.

Partindo de um quadro vasto da questão da comunicação intersubjetiva, constato que na intersubjetividade <sup>11</sup> acontece a ação e o discurso. Ação no sentido mais geral do termo de “tomar iniciativa” do grego *archein*, e, “imprimir movimento a alguma coisa” do latim *agere* (ARENDT, 1989). Discurso entendido como meio de comunicação e efetivação da condição humana da pluralidade<sup>12</sup>. “Na ação e no discurso os homens mostram quem são e assim apresentam-se ao mundo” (ibid., pg. 189).

Ao longo dos séculos a humanidade ainda criou ferramentas e instrumentos técnicos que passaram a intermediar a ação e o discurso. Recapitulando brevemente nossa história vemos quinhentos mil anos separando a aparição da linguagem – ação e discurso – da escrita . Cinco mil anos depois da escrita, a criação dos tipos móveis pelo alemão Johann Gutenberg, considerado o inventor da imprensa (CHARTIER, 1998). Em torno de quinhentos anos depois da imprensa vem o telefone com Graham Bell. Cerca de quinze anos depois do telefone, surge o rádio com Guglielmo Marconi. Quase cinquenta anos depois do rádio, chega a televisão, com John Logie Baird começando a fazer as primeiras transmissões experimentais, após assinado um contrato com a BBC<sup>13</sup>, por fim, à volta de cinquenta anos mais tarde nascem as NTICs (novas tecnologias da informação e comunicação <sup>14</sup>).

Deste vasto universo da comunicação intersubjetiva, intermediada por um conjunto dos meios de comunicação, que inclui, indistintamente, diferentes veículos, recursos e técnicas – como, por exemplo: jornal, rádio, televisão, cinema, outdoor, página impressa, mala-direta etc. – interesse-me particularmente pela Internet, que atualmente medeia a troca ou discussão de idéias, de diálogos, de conversações entre muitas subjetividades.



A Internet é uma rede que engloba outras redes, estabelecendo conexão entre computadores que compartilham o protocolo TCP/IP <sup>15</sup>. Em outros termos, a Internet é o veículo que transporta a informação estocada em computadores distribuídos pelo mundo inteiro. A Internet provê diversos serviços, entre eles pode-se ressaltar o correio eletrônico ou e-mail que permite enviar e receber correspondência ou notícias; FTP ou File Transfer Protocol que permite recuperar arquivos grandes e baixá-los para outro computador; a World Wide Web (WWW or "the Web") que permite ver documentos na tela de um computador, como: imagens, vídeos e som, desde que o computador possua um navegador e esteja conectado à Internet.

É inegável que a disseminação da Internet está transformando a forma como as pessoas se comunicam e como procuram informação, ou seja, o próprio “ato de comunicação”. Vem alterando inclusive até mesmo a relação indivíduo–instituição, seja governo, universidade, imprensa etc. Este crescimento estável e progressivo da Internet é visível em estatísticas oferecidas pela própria rede eletrônica. E tem se discutido no meio acadêmico as reais oportunidades e ameaças que oferece esta nova tecnologia de comunicação.

Para se ter uma idéia do “porte” desta grande “mídia de comunicação”, apresento abaixo algumas estatísticas do uso da Internet:

#### Indicadores – Crescimento da Internet – Resultados de 2004

<b>Posição dos Países por Número de Hosts</b> (fonte: <a href="#">Network Wizards</a> 2004)		
	<b>País</b>	<b>Janeiro/04</b>
1º	Estados Unidos*	162.195.368
2º	Japão (.jp)	12.962.065
3º	Itália (.it)	5.469.578
4º	Reino Unido (.uk)	3.715.752

5º	Alemanha (.de)	3.421.455
6º	Holanda (.nl)	3.419.182
7º	Canadá (.ca)	3.210.081
8º	<b>Brasil (.br)</b>	<b>3.163.349</b>
<b>Hosts na América do Sul</b> (fonte: <u>Network Wizards</u> 2004)		
	<b>País</b>	<b>Janeiro/04</b>
1º	<b>Brasil (.br)</b>	<b>3.163.349</b>
2º	Argentina (.ar)	742.358
3º	Chile (.cl)	202.429
4º	Colômbia (.co)	115.158
5º	Uruguai (.uy)	87.630
6º	Peru (.pe)	65.868
7º	Venezuela (.ve)	35.301
8º	Paraguai (.py)	9.243
9º	Bolívia (.bo)	7.080
10º	Equador (.ec)	3.188

**Ilustração 1 - Estatísticas sobre a Internet**

Diante deste quadro, de aumento contundente do uso da Internet, surgem interrogações diversas na área de Comunicação de um modo geral. Deste universo de questões levantadas acerca das modificações causadas por este uso crescente da Internet, me interesseo particularmente pela convergência das telecomunicações para o computador (BURKE & BRIGGS, 2004), especificamente: a transposição do texto para o hipertexto, isto é, a obra hipertextualizada<sup>16</sup>. E demonstro nesta tese que, assim como alguns séculos atrás,

após a aparição da imprensa, se fez necessário pensar uma standardização da tipografia – enquanto arte que compreende as várias operações conducentes à impressão dos textos, desde a criação dos caracteres à sua composição em paginação, índices, notas de rodapé, capítulos, paragrafação, fontes etc, de modo que resulte num produto gráfico ao mesmo tempo adequado, legível e agradável – TAMBÉM se faz premente na área de comunicação um estudo e pesquisa sobre o procedimento da publicação eletrônica, enquanto conjunto de atividades ou processos de editoração. Assim como, se faz premente uma análise das possibilidades de comunicação intersubjetiva que de fato oferece esta nova tecnologia da informação e comunicação.

Acredito que a Linha de Pesquisa Mídia e Mediações Socioculturais tendo como objeto de estudo:

*“desenvolver metodologias e análises críticas dos fenômenos comunicativos presentes tanto nas produções da mídia, quanto nas instituições de mediação tradicional e nas práticas socioculturais” (grifo meu) (vide – [www.pos.eco.ufrj.br](http://www.pos.eco.ufrj.br)).*

norteou a questão de minha tese de doutorado apresentada brevemente nos parágrafos anteriores. Esta direção e orientação provinda da Linha de Pesquisa, por mim escolhida, fica clara em uma retrospectiva da contribuição que recebi nas disciplinas que frequentei ao longo do curso de doutorado, por exemplo: com o Prof. Milton Pinto e o Prof. Aluisio Trinta que apontaram para a Análise de Discurso como metodologia para “destrinchar” os textos e enredá-los novamente em um hipertexto. Com o Prof. Paulo Vaz e o Prof. Henrique Antoun, que apontaram para um rico debate sobre a informatização e discussão sobre como fica a relação com os outros meios de comunicação como a televisão, o rádio, o correio, o telefone. Por fim, com o Prof. Marcio Tavares D’Amaral e o Prof. Emmanuel Carneiro Leão, um dos fundadores deste Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ, e meu orientador, que apontaram para a importância de uma reflexão do que se dá após o trabalho concluído, isto é, o que aportou esta convergência do texto para o hipertexto.

## 2 DO TEXTO AO HIPERTEXTO

*“A oposição erguida entre cultura e técnica, entre homem e máquina, é falsa e sem fundamento; ela só reveste ignorância e ressentimento[ ...] A causa maior da alienação no mundo contemporâneo neste desconhecimento da máquina, não é uma alienação causada pela máquina, mas pelo não-conhecimento de sua natureza e de sua essência, por sua ausência no mundo de significações, e por sua omissão na tabela de valores e de conceitos fazendo parte da cultura”*  
(SIMONDON, 1989, pg. 9).

Como colocado por G. Simondon, esta dicotomia entre cultura e técnica seria a fonte da tecno-fobia que caracteriza a cultura ocidental, que se associa a idéias falsas devido ao desconhecimento da técnica (ANDRADE, 2001<sup>17</sup>). Para remediar esta situação, é preciso se conscientizar da realidade humana que reside na realidade técnica (GLADU, 2001<sup>18</sup>).

Tendo em vista esta preocupação, esta tese tem como proposta conhecer esta NTIC, e desta forma reduzir o desconhecimento dessa técnica, proporcionando assim uma conscientização da realidade humana que reside nesta realidade técnica. O conhecimento dessa técnica é guiado pela questão eixo já colocada. Questão essa, resultante de um recorte do imenso universo de estudo sobre esta NTIC. Com o intuito de investigar a questão proposta, enquanto doutoranda, encetei uma experiência pessoal na construção de hipertextos. Para narrar esta experiência, procurei fazer uma descrição da ação de um autor de hipertextos, a começar por sua *conduta*, isto é:

1) *projeto do ato de comunicação* – com um relato das motivações e planos iniciais para a construção hipertextual;

2) *ato de comunicação projetado* – com uma descrição da concretização do projeto, descrevendo o roteiro elaborado para efetuar a transição do texto para o hipertexto;

3) *ato de comunicação em si* – com algumas considerações sobre o resultado do *trabalho* consumado.

Ou seja, esta tese consiste em uma *reflexão* sobre o *projeto do ato de comunicação*, o *ato de comunicação projetado* e o *ato de comunicação em si*. Esta *reflexão* se deu quando minha consciência da corrente de duração voltou contra sua própria corrente. Isto é, ao longo do processo de construção do hipertexto, minha consciência da experiência na corrente de duração pura foi transformada a cada momento em lembrança, e foram registradas as suspensões de minha experiência (A. SCHUTZ, 1979), e são estes registros que pretendo expor aqui.

Entretanto, cabe lembrar, que esta *reflexão* não é uma *reprodução* de minhas experiências, mas sim uma *lembrança* <sup>19</sup>. Uma *lembrança* de uma experiência do mundo exterior, isto é, uma apresentação de uma seqüência de acontecimentos externos. Portanto, não se trata de uma seqüência exata, pois demonstro aqui apenas um certo número de acontecimentos pinçados em sua *duração* <sup>20</sup> total e completa (A. SCHUTZ, 1979), na esperança de expor, assim, aspectos pertinentes ao longo da construção hipertextual.

## 2.1 O PROJETO DO ATO DE COMUNICAÇÃO

Nesta primeira etapa o projeto é algo ainda “fantasiado”, mas como se já tivesse acontecido, ou seja, é uma ação “imaginada no tempo do futuro perfeito como algo que já foi realizado” (SCHUTZ, 1979, pg. 128). Entretanto, é claro, qualquer experiência traz seu próprio horizonte de indeterminação no que se refere ao futuro (SCHUTZ, 1979; HUSSERL, 2000), logo, é natural ficarem visíveis as diversas lacunas que existiam no projeto.

O primeiro ponto importante deste primeiro estágio do projeto de comunicar através do hipertexto, enquanto uma NTIC, foram as motivações. Ora, o *projeto do ato de comunicação* se deu em um contexto específico que o motivou <sup>21</sup> (SHUTZ, 1979). Esta motivação se assenta em minha situação biográfica determinada que possibilitou certas atividades teóricas e práticas, que A. Schütz denomina como “propósito à mão”.

### o MOTIVAÇÕES

Analisando de perto o quadro que propiciou esta experiência, foi possível constatar a necessidade de pertencimento a um grupo, o campo acadêmico universitário, que “não é simplesmente um lugar onde se aprende coisas, saberes, técnicas etc., é também uma instituição que concede títulos, isto é, direitos, e, ao mesmo tempo, confere aspirações” (BOURDIEU, 1983, pg. 115). E, também, como colocou A. Schutz:

*“[...] Não existe, para o ator, tal coisa como um interesse isolado. Os interesses têm desde o começo, a característica de estarem inter-relacionados com outros interesses, dentro de um sistema. Segue-se daí que ações, motivações, fins e meios e, portanto, projetos e propósitos, são também apenas elementos entre outros elementos que formam o sistema. Qualquer fim é meramente um meio para outro fim; qualquer projeto é projetado dentro de um sistema maior. Por esta mesma razão, qualquer escolha entre projetos se refere a um sistema anteriormente escolhido de projetos interligados de ordem superior [...]” (SCHUTZ, 1979, pg. 146).*

Em se tratando de “campo acadêmico”, visitemos o conceito de campo em P. Bourdieu para um melhor entendimento do argumento em foco. O campo é o espaço social

global, uma espécie de “campo de forças”, onde se trava uma luta entre os agentes dominantes e os agentes dominados; e é justamente essa luta que mantém o campo vivo. O dominante sempre está fazendo um trabalho de legitimação do seu *habitus* – conceito que explico mais adiante –, por meio de três processos: o primeiro seria a criação de um universo simbólico (ou teorias), ou seja, criar explicações que justifiquem e glorifiquem seu modo de agir; segundo, o estabelecimento de papéis, isto é, de modos, comportamentos e gostos padronizados; terceiro, através da reificação – ou seja, no processo de alienação, o momento em que a característica de ser uma “coisa” se torna típica da realidade objetiva – os indivíduos passam a apreender a realidade como algo dado, independente deles mesmos (BOURDIEU, 1983).

Resumindo, cada campo é marcado por agentes dotados de um *habitus* idêntico. Como diria P. Bourdieu, as relações entre o *habitus* e o campo são, portanto, uma relação de condicionamento. O campo estrutura o *habitus* que é o produto da incorporação da necessidade imanente do campo, por outro lado, o *habitus* contribui para a constituição do campo, dotando este de significado, de sentido e de valor, fazendo valer a pena investir nele. De um modo geral, todo campo exerce sobre os agentes uma espécie de ação pedagógica, fazendo-os adquirir o *habitus* indispensável para o relacionamento social.

O campo acadêmico, por exemplo, responsável pela criação do discurso acadêmico, é um campo como outro qualquer; tem suas relações de força e monopólio, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros (BOURDIEU, 1976); e seu funcionamento também se dá, como todos os outros campos, graças a uma luta política pela dominação, ou seja, as práticas acadêmicas não são práticas desinteressadas. Um discurso acadêmico só vai ser considerado como tal e como um discurso importante se obtiver o reconhecimento dos pares – concorrentes:

*“[...] o que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros; portanto, aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aos olhos dos outros [...]” (BOURDIEU, 1990, pg. 125).*

O campo acadêmico também possui um espaço social atravessado por lutas fundadas sobre a disputa pela acumulação de capital simbólico, capital econômico, capital cultural e

capital social. P. Bourdieu distingue cada um desses capitais e diz que um campo, para sobreviver, precisa estar em constante luta por esses capitais.

- O capital simbólico corresponde ao conjunto de rituais ligados à honra e ao reconhecimento de quem tem autoridade e competência, no caso, intelectual. O capital simbólico pode ser convertido em outros capitais.
- O capital econômico compreende o acúmulo de bens materiais. No campo acadêmico é possível encontrar a disputa pelo capital econômico nas lutas para adquirir fomento e suporte material para os núcleos de pesquisa, para as pesquisas individuais, etc.
- O capital cultural corresponde ao conjunto de qualificações intelectuais, encontra-se no campo acadêmico em seu estado institucionalizado, em forma de títulos, prêmios, etc.
- O capital social se define como o conjunto de relações sociais que dispõe um indivíduo ou grupo, o capital social implica um trabalho de socialização, as lutas pela autoridade acadêmica, isto é, pela aprovação do discurso acadêmico.

Pela definição de campo acima dada, e tendo em vista nossa proposta de estudo de caso (neste estágio ainda em projeto) é preciso entender o ciberespaço como:

*“[...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores [...] a perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século [...]” (LEVY, 1999, pg. 92-93).*

Ou seja, o ciberespaço, em nosso estudo de caso, aparece apenas como mais uma dimensão – ou “espaço de atuação” dos integrantes – do campo acadêmico, refletindo suas relações de força e monopólio, lutas e estratégias, interesses (BOURDIEU, 1976). O ciberespaço mostra-se, por conseguinte, como um novo espaço de atuação e poder para o intelectual, tornando-se parte integrante do campo acadêmico, se devidamente apropriado.



Portanto, construir um hipertexto, como estudo de caso desta tese de doutorado, neste estágio de projeto do ato, parecia ser uma oportunidade de abordar um tema então em pauta e divulgar minha produção intelectual sem ter que seguir inúmeros trâmites, inseparavelmente ligados à publicação de periódicos, livros etc.

Aliás, o hipertexto, enquanto NTIC, não apresentava-se somente como um poderoso instrumento de comunicação de saberes, mas também um elemento de grande potencial na interação acadêmica. Esta valorização do hipertexto em si mesmo e em sua aplicação acadêmica, faz necessário visitar outro conceito de P. Bourdieu, o de *mercado*. Dentro de cada campo existe um MERCADO de bens simbólicos que funciona da mesma maneira que um “jogo”, como já foi colocado anteriormente. Pois, o mercado de bens simbólicos não se apóia sobre a racionalização das ações, o “senso comum”, onde fica explícito, por exemplo: quando A dá algo para B que A sabe que B sabe que A sabe que B retornará o favor. O mercado SIMBÓLICO se apóia numa “ignorância compartilhada” – “méconnaissance partagée” = eu sei, mas não quero saber, que você sabe, e não quer saber que eu sei que você vai dar um retorno – e P. Bourdieu re-introduziu esta noção de mercado para lembrar o fato de que uma determinada competência só tem valor se existe um mercado para ela.

P. Bourdieu exemplifica a força de um mercado através de alguns estudos sobre o campo da alta costura, das práticas esportivas, da ciência entre outros. No caso do campo da alta costura, fica nítida a força do mercado, os dominantes são aqueles que detêm em maior grau o poder de constituir objetos raros pelo procedimento da griffe; àqueles cuja griffe possui o maior preço.

*“A griffe é a marca que muda não a natureza material, mas a natureza social do objeto. O costureiro realiza uma operação de transubstanciação. Existe um perfume no Monoprix por três francos, a griffe transforma-o num perfume Chanel valendo 30 vezes mais. O que faz o poder do produtor é o campo, isto é, o sistema de relações em seu conjunto. O que os costureiros mobilizam, é o que o jogo produz, isto é, um poder que repousa na fé na alta costura” (BOURDIEU, 1983, pg. 154).*

Já no campo das práticas esportivas, encontramos um lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição da prática esportiva e da função da atividade esportiva: amadorismo X profissionalismo; esporte de elite X esporte de massa etc. Neste campo também se dão às lutas, opondo entre si, treinadores, dirigentes, professores de

ginástica, comerciantes de bens e serviços esportivos, educadores no sentido mais amplo, e até mesmo conselheiros conjugais, dietistas, árbitros da elegância e do gosto, costureiros, etc.

Como se pode ver, a posição dos agentes no campo se dá através de uma estruturação, distribuição e volume dos capitais, e o mercado seria responsável pelos valores atribuídos a esses capitais <sup>22</sup>. No caso do campo acadêmico, acredito que exista também um mercado que torna determinados “objetos de estudo” eminentes em detrimento de outros. No momento de meu doutorado, creio que influenciou e motivou esta fase do projeto do ato o tema então em voga <sup>23</sup>, a “transmissão do conhecimento”, que, com o advento das NTICs, se tornou uma questão importante para muitos teóricos da sociedade e da cultura (BURKE, 2003).

*Segundo alguns sociólogos, vivemos hoje numa ‘sociedade do conhecimento’ ou ‘sociedade da informação’, dominada por especialistas profissionais e seus métodos científicos. Segundo alguns economistas, vivemos numa ‘economia do conhecimento’ ou ‘economia da informação’, marcada pela expansão de ocupações produtoras ou disseminadoras de conhecimento. O conhecimento também se tornou uma questão política importante, centrada no caráter público ou privado da informação, e de sua natureza mercantil ou social. Historiadores do futuro decerto poderão se referir ao período em torno do ano 2000 como a ‘era da informação’.*

*Ironicamente, ao mesmo tempo em que o conhecimento invade a cena dessa maneira, sua confiabilidade é questionada por filósofos e outros de maneira cada vez mais radical, ou pelo menos em voz mais alta do que antes. O que costumávamos pensar como tendo sido descoberto é hoje descrito muitas vezes como ‘inventado’ ou ‘construído’. Mas pelo menos os filósofos concordam com os economistas e com os sociólogos em definir nosso próprio tempo em termos de sua relação com o conhecimento (BURKE, 2003, pg. 11).*

Logo, escrever uma tese de doutorado abordando de certa forma esta temática – a construção de um hipertexto como linguagem técnica que permite uma comunicação e transmissão instantânea e efetiva de conhecimentos – seria estar em sintonia com as preocupações atuais do campo acadêmico. E a construção hipertextual, neste estágio de projeto do ato de comunicação, parecia um promissor estudo de caso, um embasamento prático a tese, com uma observação direta<sup>24</sup>, do objeto de estudo, não restringindo assim a tese de doutorado a informações puramente teóricas sobre o hipertexto, além de permitir uma fácil e rápida divulgação de minha pesquisa.

Além do que, adquirir e dominar esta NTIC, como diz G. Simondon, sedimentaria ainda mais minha entrada e reconhecimento no meio acadêmico.

*“[...] As máquinas modernas utilizadas na vida cotidiana são em grande parte instrumentos de adulação[...] a construção técnica é uma arte de fachada e de prestidigitação. O estado de hipnose se estende desde a compra até a utilização; na propaganda comercial, o ser técnico é revestido de uma certa significação comunitária: comprar um objeto, é adquirir um título para fazer parte de tal ou tal comunidade; é aspirar a um gênero de existência que se caracteriza pela posse deste objeto: o objeto é cobiçado como um signo de reconhecimento comunitário [...]” (SIMONDON, 1989, pg. 281) <sup>25</sup>.*

E aqui, ainda se faz necessário, retornar ao mencionado conceito de *habitus*, de P. Bourdieu, e uma de suas dimensões, o *habitus lingüístico*. P. Bourdieu, a partir de sua reflexão sobre o marxismo e a fenomenologia, desenvolve uma teoria sobre o que gera a estrutura da ação social. Essa teoria busca uma explicação sobre qual seria o sentido das práticas humanas. O que é particularmente interessante, na colocação de P. Bourdieu, é que as condições em que se dão as práticas não se referem a pessoas ou assuntos, mas sim a disposições, e essas disposições não são e não fazem parte de uma subjetividade individual. Entretanto, isso não significa que essas disposições, que formam o *habitus*, não ajudem a construir a subjetividade dos agentes numa dada cultura. P. Bourdieu justamente reflete sobre como essas disposições podem se relacionar à construção das subjetividades.

P. Bourdieu fez uma descrição detalhada das ações humanas, pretendendo assim demonstrar que o homem não faz o que quer, quando quer, como quer, onde quer. Isto porque as negociações e a estratégia das ações humanas estão fora da própria consciência do homem. É como se o ser humano estivesse agindo de modo “mecânico”, por imitação do que absorveu do seu meio. Desta forma se constituiria o *habitus*, ficando o agente social sujeito a sua influência, tendo a individualidade de cada ser humano muito pouco espaço para conseguir reagir às normas. As ações sociais seriam então baseadas num grande acordo inconsciente entre indivíduos, onde o homem, segundo P. Bourdieu, não é “estratégico” <sup>26</sup> na maneira como pensa; o *habitus* cultural embutido nele é que o permite agir de maneira apropriada e até mesmo com sucesso na sociedade.

Portanto, o *habitus* é o sentido prático, é o que “comanda” a ação humana numa dada situação. Tornando-se visível ao observarmos o sistema de preferências de cada campo, que

comporta e privilegia diferentes atividades, práticas, etc. E, por ser estruturante e, ao mesmo tempo, estruturado, o *habitus* é o mediador entre o agente social e a sociedade (BOURDIEU, 1983).

Logo, o homem teria duas partes, uma compreenderia todas as coisas com que nasce e que podem ser consideradas como de sua propriedade, e a outra parte seria adquirida – o *habitus* – pela educação, pela socialização. A primeira parte do homem é inata e inerente a ele, incluindo assim a constituição física e psicológica e tudo aquilo que o homem herdou dos pais em termos de potencialidades e tendências. A segunda parte do homem é construída posteriormente através de tudo aquilo que o homem aprende, abarcando assim seus gostos e desgostos, e é conformada segundo o ambiente externo em que vive. No latim, *habitus* significa condição do corpo, qualidade: estilo de se vestir, disposição, estado emocional, hábito.

De certa maneira, o conceito de *habitus* proposto por P. Bourdieu coincide com este significado original do termo em latim: o *habitus* não se refere ao caráter, moral, etc., mas a profundas “estruturas classificatórias” socialmente adquiridas, e manifestadas em pontos de vista, perspectivas, opiniões, e fenômenos incorporados e concretizados como condutas, posturas, maneiras de andar, de sentar, e até de cuspir, de assoar o nariz, de falar e assim por diante. Como vimos, o *habitus* é o fundamento da “segunda natureza” das características humanas e suas infinitas variações em diferentes contextos históricos e cenários culturais.

Como exemplo do que foi colocado acima, P. Bourdieu usa o jogo de futebol, onde o jogador se posiciona para receber a bola. Este ato não é algo pensado e refletido pelo homem, mas é como que instintivo, porque ele absorveu as regras do jogo, não precisa mais pensar o como fazer, quando, onde etc.

*“[...] O habitus como sentido do jogo é jogo social, incorporado, transformado em natureza. Nada é simultaneamente mais livre e mais coagido do que a ação do bom jogador. Ele fica naturalmente no lugar em que a bola vai cair, como se a bola o comandasse, mas, desse modo, ele comanda a bola. O habitus como social inscrito no corpo, no indivíduo biológico, permite produzir a infinidade de atos de jogo que estão inscritos no jogo em estado de possibilidades e de exigências objetivas; as coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras, impõem-se àqueles e somente àqueles que, por terem o sentido do jogo, isto é, os sentidos da*

*necessidade imanentes do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las. [...]” (BOURDIEU, 1983, pg. 115).*

O *habitus lingüístico*, no caso, seria “a capacidade de utilizar as possibilidades oferecidas pela língua e de avaliar praticamente as ocasiões de utilizá-las” (BOURDIEU, 1983, pg. 66). O *habitus lingüístico* de P. Bourdieu se distingue de uma competência de tipo chomskiano pelo fato de ser o produto das condições sociais e pelo fato de não ser uma simples produção de discursos, mas uma produção de discursos ajustados a uma situação ou de preferência, ajustados a um mercado ou a um campo. Para exemplificar sua noção de discurso P. Bourdieu remete ao exemplo dos sofistas, invocando a noção de *Kairos*:

*“[...] Professores da palavra, eles sabiam que não bastava ensinar as pessoas a falar, mas que era preciso lhes ensinar a falar no momento oportuno. Ou seja, a arte de falar, de falar bem, de utilizar figuras de linguagem ou de pensamento, de manipular a linguagem, de dominá-la, não significa nada sem a arte de utilizar de forma oportuna esta arte. Originalmente, o kairo era o centro do alvo. Quando você fala de forma oportuna, você atinge o centro do alvo. Para atirar no alvo, para que as palavras acertem na mosca, para que as palavras rendam, para que as palavras produzam seus efeitos, é preciso dizer não apenas a palavra gramaticalmente correta, mas a palavra socialmente aceitável [...]” (BOURDIEU, 1983, pg. 96).*

Desta forma, segundo P. Bourdieu, toda situação lingüística funciona como um mercado onde o locutor coloca seus produtos, e o que ele produz está em acordo com as expectativas dos preços estabelecidos pelo mercado. E isto se dá de forma natural, pois quando aprendemos a linguagem também aprendemos paralelamente as condições de aceitabilidade desta linguagem (BOURDIEU, 1983). Lembrando que o essencial para uma determinada linguagem adquirir valor está nas condições sociais da possibilidade da comunicação. Isto é, para que um dado discurso – religioso, professoral, pedagógico, etc – funcione, e seja enunciado e recebido como óbvio, é preciso uma relação de autoridade-crença, uma relação entre um emissor autorizado e um receptor pronto a receber o que é dito (BOURDIEU, 1983). Ou seja, é preciso que um receptor pronto a receber seja produzido. P. Bourdieu dá ao termo mercado lingüístico um sentido muito amplo, envolvendo desde a conversa na relação entre duas donas de casa até dois professores em uma universidade. Pois, quando duas pessoas conversam, o que está em questão para P. Bourdieu, é a relação objetiva entre suas competências lingüística, social, etc.:

*“[...] O mercado lingüístico é algo muito concreto e, ao mesmo tempo, muito abstrato. Concretamente, é uma certa situação social, mais ou menos ritualística, um*

*certo conjunto de interlocutores, situados abaixo ou acima na hierarquia social, ou seja, uma série de propriedades percebidas e apreciadas de maneira infra-consciente e que orientam inconscientemente a produção lingüística. Definido em termos abstratos, é um certo tipo de lei (variáveis) de formação dos preços das produções lingüísticas [...]” (ibid., pg. 97)*

Resumindo, poderíamos dizer que o discurso seria uma práxis, utilizada como estratégia de comunicação. Pela definição de *habitus e habitus lingüístico* acima dada, é possível partir para uma análise do *habitus acadêmico*, agora associado a uma nova tecnologia de informação e comunicação em jogo, o que inevitavelmente acarreta transformações. Neste estágio do projeto do ato já foi possível entrever de forma ainda difusa o que esta construção hipertextual acrescentaria, herdaria e transformaria no e do conjunto de práticas consagradas pelo uso e por normas, invariáveis, em publicações, através de uma consulta e pesquisa a sítios Internet e à literatura já existente do assunto. Listo abaixo o que previ, em meu projeto, de mudanças já em realização em determinados segmentos do *habitus acadêmico* e que comprovo ao longo do capítulo *ato de comunicação projetado* e no capítulo final o *ato de comunicação em si*, onde demonstro estas características previstas.

- A questão da divulgação da pesquisa. Com efeito, a Internet possui um fluxo diferente. Estudando outros sítios – de cunho marcadamente acadêmico –, com antecedência, pude constatar que não existe começo ou fim, mas arborescências, e constante atualização e reutilização das páginas em um sítio Internet, pois, um material no ciberespaço está sempre em progressão, sendo objeto de constante recomposição. Não existe uma determinação de um momento ou ocasião apropriada para atualização, isto é, fica totalmente a critério do autor ou autores quando substituir, trazer, acrescentar ou fornecer elementos, informações, estilo, etc., mais atuais ou mais recentes. No caso de conteúdos de cunho acadêmico, os arquivos digitais não perdem crédito e reputação por datação remota, como é o caso de web jornais, por exemplo.
- A questão da construção, autoria conjunta e “copyleft”<sup>27</sup>. Um exemplo, de como esta NTIC promove e viabiliza a interatividade e por isso uma autoria conjunta, um trabalho comunitário,<sup>28</sup> é a experiência narrada por G. Landow:

*“[...] é quase que inevitável o trabalho colaborador quando criando documentos em um sistema hipertexto multi-autoral. Um dia quando estava criando elos entre*

*materiais para o arquivo geral (ou diretório) de Waterland de Graham Swift (1983), eu observei Nicole Yankelovich, coordenador do projeto Intermedia em IRIS, trabalhando sobre materiais para um curso de controle de armas e desarmamento oferecido por Richard Smoke do Centro de Desenvolvimento de Política Estrangeira da Universidade Brown. Estes materiais, que foram criados por alguém de uma disciplina muito diferente da minha por um tipo muito diferente de curso, preencheu uma grande lacuna em um projeto sobre o qual eu estava trabalhando. Embora meus co-autores e eu tivéssemos criado materiais sobre tecnologia, incluindo gráficos e documento texto sobre canais e ferrovias, para vincular à seção de ciência e tecnologia do diretório Waterland, nós não tínhamos a perícia para criar documentos paralelos sobre desarmamento nuclear e o movimento antinuclear, dois temas que tocam uma parte importante do romance de Swift. Criando uma breve introdução ao tema de Waterland e desarmamento nuclear, eu liguei isto primeiro a seção de ciência e tecnologia no diretório d Waterland e então, a linha do tempo que o material sobre curso de arma nuclear usa como arquivo diretório. Um breve documento e alguns links permitiram estudantes na pesquisa introdutória de literatura inglesa explorar os materiais criados para um curso em outra disciplina [...]” (LANDOW, 1992, pg. 95).<sup>29</sup>*

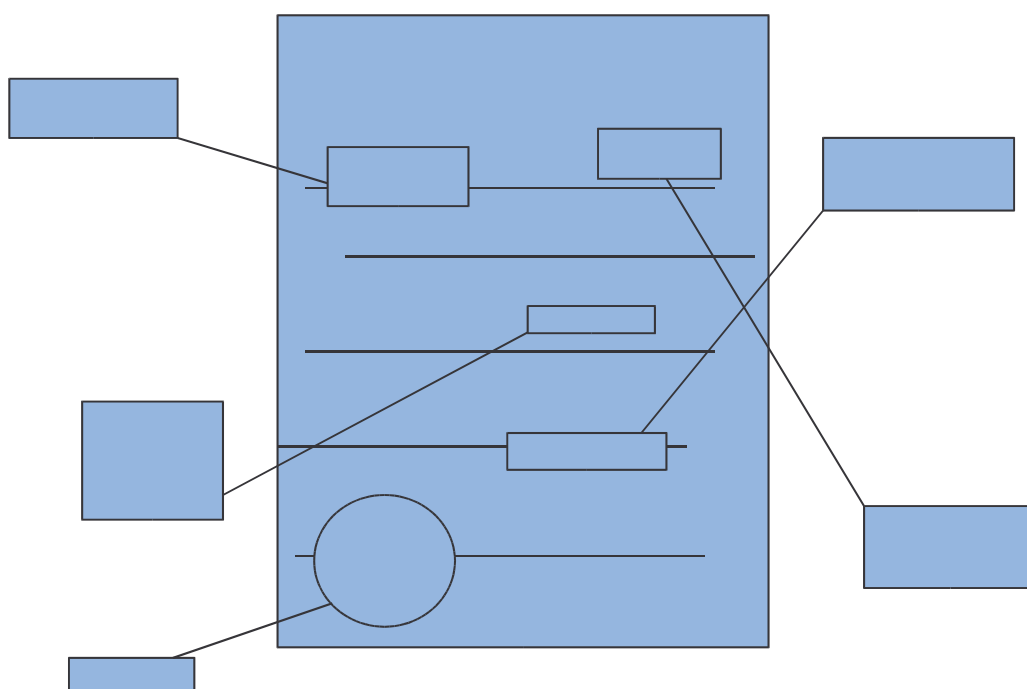
Neste sentido, ficou claro durante a constituição do *projeto do ato de comunicação* relativo a alguns sítios que desenvolvi, que meu plano era efetivamente compartilhar e debater. Ou seja, abrir um espaço de composição em co-autoria. Assim foi no caso do sítio Internet sobre o Prof. Carneiro Leão, sobre a midiologia, sobre Macunaíma. Desde o princípio de minhas anotações, já tinha em mente apenas demonstrar o que havia pesquisado, procurando abrir um ambiente comum como contrapartida para estabelecer comunicação com uma comunidade de pessoas com interesses afins, com o intuito de trocar idéias. Certamente, este compartilhar tem um público alvo muito específico, e aqui se faz oportuna a colocação de P. Bourdieu em entrevista à R. Chartier:

*“[...] uma das coisas que me parecem importantes nas diferentes comunicações – e é um ponto sobre o qual todo mundo estava de acordo – é o fato de que os textos, quaisquer que sejam, quando são interrogados não mais somente como textos, transmitem uma informação sobre o seu modo de usar. E o senhor mesmo nos mostrou que a separação em parágrafos podia ser muito reveladora da intenção de difusão, por exemplo: um texto de longos parágrafos endereça-se a um público mais selecionado que um texto separado em parágrafos pequenos. Isto repousa sobre a hipótese de que um público mais popular demandará um discurso mais descontínuo, etc. assim, a oposição entre o longo e o curto, que pode manifestar-se de múltiplas formas, é uma indicação sobre o público visado e, ao mesmo tempo, sobre a idéia que o autor tem dele mesmo, de sua relação com os outros autores. Outro exemplo, toda a simbologia do grafismo, que foi longamente analisada. Penso num exemplo entre mil, aquele do itálico, e mais genericamente em todos os signos que se destinam a manifestar a importância do que se diz, a dizer ao leitor ‘aí é preciso prestar atenção no que digo’, o emprego das maiúsculas, os títulos, os subtítulos etc., que são igualmente manifestações de uma intenção de manipular a recepção. Há, portanto, uma maneira de ler o texto que permite saber o que se quer fazer que o leitor faça [...]” (CHARTIER, 2001, pg. 235).*



### ○ MODELO DE COMUNICAÇÃO

O segundo ponto significativo neste estágio do projeto foi o enquadramento deste em um modelo de comunicação. Então, percorridas as motivações que me levaram a encetar este *projeto do ato de comunicação*, julguei necessário planejar sob qual modelo de comunicação se enquadraria esta inovadora “ação de comunicação”. Decidi pela adoção do modelo de hipertexto abaixo, proposto por A. Mucchielli (MUCCHIELLI, 2003, pg. 75 <sup>30</sup>):



Este modelo tem origem nos anos 1980, na sequência dos trabalhos da Escola de Palo Alto. Segundo este modelo, uma interação está ligada à presença simultânea de atores sociais em uma mesma situação. A presença de outro nos afeta, conseqüentemente, isto significa que toda relação humana necessariamente implica uma atividade conjunta e recíproca. Ou seja, não existe um “ato individual”, isto seria uma abstração, existe somente o “ato social”, uma atividade que implica a participação de outros indivíduos. Um ato social é algo efetuado por um indivíduo em função da situação total na qual está inscrito, em função das influências recebidas das condutas dos outros. Desta forma, o significado é dado objetivamente através



dos elementos de uma situação social, de uma atividade onde se encontram implicados mais de um indivíduo (*ibid.*).

Neste sentido, “nós não comunicamos, mas sim, participamos de uma comunicação” (*ibid.*, pg 92). Pois, “uma comunicação se insere em um conjunto de comunicações” (*ibid.*) de onde obtém seu sentido. Por exemplo: um núcleo de pesquisa de um PPGCOM constrói um sítio na Internet. Esta iniciativa coletiva é um ato de comunicação do núcleo de pesquisa enquanto “ator social”, e só se dá por estar circunscrito em um contexto que o molda e dá significado as trocas que serão entabuladas a partir deste ato de comunicação, e novos contextos e significações serão construídos pelos indivíduos envolvidos a partir deste ato de comunicação.

Nesta iniciativa de construção de um sítio Internet pelo Núcleo de Pesquisa de um PPGCOM abordada a partir da perspectiva da metáfora do hipertexto, que segundo A. Mucchielli pode servir de modelo de análise, considera-se que o sentido do ato de comunicar é o resultado de um conjunto de ações (comentários, debates, reflexões etc) a propósito de um elemento (apresentação em um sítio Internet) da situação (meio acadêmico).

Observemos algumas propriedades deste modelo de comunicação. Primeiro, ressaltaria o fato de que, da perspectiva proposta por este modelo, “não é possível não comunicar”. Isto quer dizer que mesmo a comunicação acontecendo à distância, através de um sítio Internet, se um integrante, do grupo que debate sobre uma problemática, não se manifesta e permanece em um total silêncio a respeito do objeto em debate, esta ação é considerada uma comunicação de uma mensagem, esta mensagem pode ser interpretada de diversas formas – dependendo do contexto pode ser vista como falta de interesse ou reprovação, ou ainda concordância e consentimento – o fato é que há comunicação até mesmo quando há silêncio <sup>31</sup>.

Destacaria também que o modelo acima apresenta dois aspectos da comunicação importantes: o conteúdo e a relação ou indício e ordem. O primeiro transmite os dados, o segundo diz como devemos compreender estes dados, isto é, uma comunicação sobre a comunicação, uma metacomunicação. Ou seja, no caso de uma comunicação entabulada por

um sítio na Internet, da perspectiva deste modelo, poderia situar em dois planos esta característica do ato de comunicação. Em um primeiro plano, existem dois tipos de comunicação se manifestando simultaneamente na interação: uma comunicação dos textos eixos apresentando o sítio e os comentários marginais que explicam como estes textos devem ser entendidos. Em um segundo plano, dentro dos próprios textos de cunho marcadamente acadêmico disponíveis no sítio, vemos: o autor jogando com os dados, conceitos, fatos e relatos de suas “andanças” intelectuais (como conceitos que pega emprestado da teoria de outros intelectuais) e ao mesmo tempo fornecendo “pistas” de como o leitor deve entender sua utilização destes conceitos, dados, fatos etc.

Outra propriedade interessante deste modelo comunicacional: a relação entabulada dependerá da pontuação da seqüência da comunicação entre os integrantes do grupo. Isto é, uma característica básica da comunicação, mesmo à distância, como é o caso de um sítio Internet, é de que os emitentes tomam turnos para comunicar e de que, quase sempre, uma pessoa comunica por vez (COULTHARD, 1991; WATZLAWICK, 1972). Esta comunicação pode ter uma pontuação concordante ou discordante, no caso de ser concordante significa que os participantes se entenderam, no caso de ser discordante significa que os participantes não se entenderam.

No caso do ato de comunicação entabulado através de um sítio Internet, por intermédio de um sistema interativo bem implementado, é possível acompanhar a pontuação de uma seqüência na comunicação entre os participantes. Vê-se claramente, por exemplo, em um fórum do sítio, por vezes, como os indivíduos envolvidos em um debate divergem por terem concepções diferentes de uma mesma realidade <sup>32</sup>, ou, às vezes, por um dos participantes pressupor que o outro não somente possui as mesmas referências e informações, mas que ainda, necessariamente, chegaria às mesmas conclusões.

Cabe ainda notar dois modos de comunicação da perspectiva deste modelo: o digital e o analógico. A comunicação digital se caracteriza pela sua utilização de palavras. A comunicação analógica é toda a comunicação não verbal, por exemplo, quando em uma comunicação analógica face a face os participantes se utilizam de gestos, expressões faciais, sinestesia (p. ex., um perfume que evoca uma cor, um som que evoca uma imagem, etc.) etc.

No caso da comunicação por um sítio Internet vemos prevalecer a comunicação digital, mas, recentemente, com a adoção dos chamados emoticons, como demonstrados abaixo, penso que a comunicação analógica também está sendo integrada. Novos recursos como a Webcam, microfone e sensores ampliam as possibilidades de interação de novos sentidos na comunicação via Internet.

	:??	I don't know - New!
	%-(	not listening - New!
	:@	pig
	3-O	cow
	:()	monkey
	~>	chicken
	@};-	rose
	%%-	good luck
	**==	flag
	(~~)	pumpkin
	~O)	coffee
	*-.)	idea
	8-X	skull
	=.)	bug
	>.)	alien
	:L	frustrated
	[-O<	praying
	\$-)	money eyes
	:-"	whistling
	b-(-	feeling beat up
	:>~	peace sign
	[-X	shame on you
	\:D/	dancing
	>J	bring it on
	:))	hee hee
	:-@	chatterbox
	^_^	not worthy
	:J	oh go on
	(*)	star
	o->	hiro
	o=>	billy
	o-+	april
	(%)	yin yang



































	:)	happy		:-c	call me - New!
	:-(	sad		:)]	on the phone - New!
	:)	winking		~X(	at wits' end - New!
	:D	big grin		:-h	wave - New!
	:))	batting eyelashes		:-t	time out - New!
	>:D<	big hug		8->	daydreaming - New!
	:-/	confused		I-	sleepy
	:x	love struck		8-	rolling eyes
	:">	blushing		L-)	loser
	:P	tongue		:-&	sick
	:-*	kiss		:-\$	don't tell anyone
	=((	broken heart		{-(	not talking
	:-O	surprise		:O)	clown
	X(	angry		8-}	silly
	:->	smug		<:-P	party
	B-)	cool		(:	yawn
	:-S	worried		=P~	drooling
	#:-S	whew!		:-?	thinking
	>:)	devil		#-o	d'oh
	:((	crying		=D>	applause
	:))	laughing		:-SS	nailbiting
	:	straight face		@-)	hypnotized
	/)	raised eyebrow		:^o	liar
	=))	rolling on the floor		:-w	waiting
	O:)	angel		:-<	sigh
	:-B	nerd		>:P	phbbbt
	=;	talk to the hand		<:.)	cowboy

Ilustração 1 - Emoticons

Por fim, ressaltaria a interação simétrica e complementar. Pode-se dizer que se tratam de relações fundadas respectivamente sobre a igualdade e a diferença. Uma relação simétrica se caracteriza pela minimização das diferenças entre os participantes que se comunicam, já a relação complementar se caracteriza pela maximização da diferença (WATZLAWICK, 1972).

Da perspectiva proposta pelo modelo de A. Mucchielli, seguindo a Escola de Palo Alto, o ato de comunicação necessariamente envolve a “marcação” da posição de seus participantes, isto é, necessariamente os participantes estarão, quase sempre, ou em relações do gênero moderadores-debatedores / professores-alunos / pesquisadores-discípulos – em que há uma relação concordante formando díades, tríades ou composições onde um completa o outro, e neste tipo de relação um participante não impõe ao outro uma conduta, apenas cada um se comporta da forma que se pressupõe e ao mesmo tempo se justifica o conjunto de atitudes e reações de cada um – ou em relações do gênero debatedores-debatedores / professor-professor / pesquisador-pesquisador – em outras palavras, uma relação em que há correspondência em grandeza e posição dos participantes situados em lados opostos, ainda que se encontrem distribuídos em volta de um eixo comum.

Ao enquadrar este projeto do ato de comunicação em um modelo comunicacional demonstra-se também que mesmo empreendendo uma observação atenciosa sobre a relação a ser entabulada com a construção hipertextual em sua manifestação, seria humanamente impossível captar cada um dos aspectos particulares deste ato de comunicação, pois, como colocaram P. Watzlawick, J.H. Beavin e D.D. Jackson:

*“[...] a comunicação é uma condição sine qua non da vida humana e de ordem social. Também é evidente que o ser humano se encontra desde seu nascimento engajado em um processo complexo de aquisição das regras de comunicação, mas ele tem somente pouca consciência do que constitui este corpo de regras [...]” (WATZLAWICK, BEAVIN E JACKSON, 1972, pg. 7).*

Portanto, o que se pode demonstrar nesta tese de doutorado na realidade é apenas uma minúscula fração deste emergente ato de comunicação via Internet.

#### ○ TRABALHO DE PREPARAÇÃO

O terceiro ponto importante, no *projeto do ato de comunicação* foi planejar de antemão um esboço de um roteiro para guiar a transposição do texto para o hipertexto. Pois, como coloca A. Schutz:

*“[...] é importante saber que as nossas experiências presentes não se referem apenas às nossas experiências passadas, através de retenções e lembranças. Qualquer*

*experiência refere-se também ao futuro. Traz consigo protensões de ocorrências que se espera que aconteçam imediatamente – elas são chamadas por E. Husserl de contrapartida das retenções – e antecipações de eventos mais distantes no tempo, com os quais espera-se que a experiência presente se relacione [...]” (SCHUTZ, 1979, pg. 135).*

Para isto estabeleci o quadro abaixo com as possibilidades de publicação acadêmica, as soluções técnicas viáveis e onde busquei orientação para efetuar a transição do texto para o hipertexto:

<i>Objetivo</i>	<i>Soluções técnicas</i>	<i>Orientação</i>
Pessoal	Programas abertos e gratuitos, como: xoops, phpnuke, tikiwiki  ou  Páginas html.	Curriculum Vitae
Pesquisa		AD
Institucional		Normas da CAPES

**Ilustração 2 - Quadro de publicações acadêmicas**

## SOBRE OS OBJETIVOS

Pessoal – página pessoal do professor, pesquisador ou estudante organizada como uma extensão do currículo, apresentando um conjunto de dados concernentes ao preparo profissional, às atividades anteriores, publicações etc. É o caso da página sobre o professor Emmanuel Carneiro Leão.

Pesquisa – instrumento de investigações e estudos, minudentes e sistemáticos, estabelecendo princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento. É o caso do sítio de estudo sobre a obra Macunaíma, o sítio não é somente para divulgação e apresentação de uma pesquisa realizada, o sítio é o instrumento de pesquisa, estudo e investigação.

Institucional – apresentação de Universidade, Departamento (graduação ou pós-graduação), Núcleo de Pesquisa, também servindo como registro das pesquisas realizadas no âmbito acadêmico. É o caso do portal do PPGCOM ECO-UFRJ e o sítio do PPGCOM ECO-UFRJ-LECC.

## SOBRE A ORIENTAÇÃO

- Para a construção da página pessoal pretendia utilizar a própria organização de conteúdo do currículo na Plataforma Lattes.
- Para o sítio de pesquisa tencionava utilizar a Análise de Discursos (AD) como orientação para a transformação do texto para o hipertexto da página temática. Isto porque a AD, dedicando-se ao estudo de uma obra pela configuração de seu texto e pelo ato de sua apreensão, reporta ao COMO e POR QUE um determinado texto diz e mostra algo. Isto é, a AD estando interessada em explicar, como coloca Milton José Pinto:

*“[...] os modos de dizer (uso comunicacional da linguagem e de outras semióticas) [...] os modos de mostrar (uso referencial da linguagem e de outras semióticas, pelo qual são criados os universos de discurso em jogo no processo comunicacional), os modos de interagir (uso da linguagem e de outras semióticas pelo qual são construídas as identidades e relações sociais assumidas pelos participantes no processo comunicacional) e os modos de seduzir (uso da linguagem e de outras semióticas na busca de consenso, pelo qual se distribuem os afetos positivos e negativos associados ao universo de discurso em jogo) [...]” (PINTO, 1999).*

ofereceria indicação metódica e minuciosa, e direção de caminhos para converter o texto em hipertexto. Como os campos de estudo da AD são vastos, tendo múltiplas correntes de proveniências diversas, alguns recortes quanto à perspectiva teórica adotada foram necessários para prosseguir. Resolvi seguir, dentro da AD: além do que pude extrair do pensamento de M. Foucault em “Arqueologia do Saber”, os desdobramentos de suas idéias, pesquisando N. Fairclough, com uma AD textualmente orientada (ADTO), em “Discurso e Mudança Social”; além de D. Maingueneau, que também faz uma ADTO, mas especificamente sobre a obra literária, em “O contexto da obra literária”. E com o intuito de elaborar e

complementar a direção dada por M. Foucault busquei ainda os estudos de P. Bourdieu em “Ce que parler veut dire”; M. Bakhtine em “Esthétique et théorie du roman”, “Estética da criação verbal”, “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento” e F. Cossutta em “Elementos para a leitura dos textos filosóficos”.

- Para o portal institucional, planejava utilizar como orientação as diretrizes indicadas pela CAPES.

O quarto ponto importante, deste *projeto do ato de comunicação*, foi o planejamento de uma lista detalhada de itens a serem checados na produção do hipertexto, compondo o questionário abaixo, sobre o qual já procurei formular algumas respostas para realizar o projeto:

#### 1. Qual o objetivo do sítio Internet?

- Prof. Carneiro Leão – Este sítio teria o intuito de apresentar algo da pessoa e do pensamento do filósofo contemporâneo Emmanuel Carneiro Leão
- Macunaíma – apresentar em versão bilíngüe (português / francês) um resumo de cada capítulo; apresentação do contexto histórico; cronologia, correspondências, fragmentos do diário e publicações do Mario de Andrade; e para um grupo reservado um estudo da obra em hipertexto.
- Midiologia – O sítio se constituiria precisamente de um hipertexto sobre a nova disciplina proposta por Régis Debray chamada Midiologia.
- LECC – organizar uma página para que os integrantes do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária pudessem apresentar seus



trabalhos, pesquisas realizadas, além de reforçar o sentido de identidade do núcleo, estimulando o intercâmbio interno e externo.

- PPGCOM – estabelecer as condições técnicas que viabilizam um portal para apresentação do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRJ, assim como a constituição de uma gama de funções e serviços de um ambiente informativo para os pós-graduandos, disseminando também o conjunto de normas que regem o funcionamento da instituição.
- Revista E.Pos – construir um espaço para publicação eletrônica dos trabalhos de final de curso dos pós-graduandos e pesquisas do corpo docente.

## 2. Qual seria o conteúdo imediato?

- Prof. Carneiro Leão – biografia, publicações, artigos digitais, entrevistas, breviário de citações, aulas em mp3, reunião de textos importantes para compreensão da obra do professor. links
- Macunaíma – capítulos dos livros resumidos, contexto histórico, Mario de Andrade (cronologia, correspondências, fragmentos do diário e publicações).
- Midiologia – objetivos, midiólogos, abecedário, outros pensadores da técnica.
- LECC – objetivos, equipe, trabalhos realizados.
- PPGCOM – apresentação do programa, histórico, administração, pós-graduação lato sensu e stricto sensu e pós-doutorado, núcleos de

pesquisa, regimentos, linhas de pesquisa, secretaria via web, processo de seleção, edital, programa de disciplina, corpo docente, calendário letivo, publicações.

- Revista E.Pos – trabalhos finais dos pós-graduandos.

### 3. Qual é o público alvo?

- Prof. Carneiro Leão – estudiosos e pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento interessados na reflexão do filósofo contemporâneo Prof. Carneiro Leão.
- Macunaíma – pesquisadores brasileiros com interesse nas questões concernentes a obra literária *Macunaíma* de Mario de Andrade, e em um espaço onde terão oportunidade de trocar experiência de pesquisa.
- Midiologia – este sítio destina-se aos estudantes universitários, estudantes do ensino médio em geral que tenham interesse em desenvolver pesquisas com o uso da midiologia.
- LECC – membros de grupos e centros de pesquisa relacionados ao trabalho de comunicação comunitária.
- PPGCOM – a comunidade universitária do PPGCOM ECO-UFRJ, segmentos da comunidade local e a comunidade usuária da Web interessada em ingressar em uma pós-graduação lato sensu na área de comunicação.
- Revista E.Pos – O público-alvo é composto de acadêmicos (professores, pesquisadores e estudantes) da área de comunicação ou interessados na reflexão desenvolvida por esta área.

Concluída esta primeira etapa do projeto de comunicar através desta NTIC, parti para a segunda fase do projeto em que considero seu desenvolvimento.

## 2.2 O ATO DE COMUNICAÇÃO PROJETADO

Nesta segunda etapa acrescentei ao *projeto do ato* a intenção de desenvolvê-lo e realizá-lo, “tal intenção transforma a simples previsão num objetivo e o projeto em propósito” (SCHUTZ, 1979, pg. 123), o projeto deixou de ser uma mera fantasia, um devaneio e se transformou em uma ação proposital, um *desempenho*. Vou continuar minha *reflexão* descrevendo nos parágrafos seguintes determinados acontecimentos na *duração* do meu *desempenho*.

Como o objetivo principal desta tese é demonstrar o percurso da construção hipertextual, através de uma experiência prática NO ciberespaço <sup>33</sup>, passarei brevemente pela construção da *plataforma virtual* <sup>34</sup>; após, vou ocupar-me demoradamente do *roteiro* para a transição do texto para o hipertexto; e por fim, apresentarei como foi efetuada a *apropriação dos programas* selecionados (FrontPage, Xoops, TikiWiki e PHPNuke) para a construção de cada hipertexto.

### ○ PLATAFORMA VIRTUAL

Sobre a plataforma virtual, ao me propor realizar a construção do hipertexto, já no projeto do ato de comunicação vislumbrava alguns programas e linguagens que dariam sustentação à relação que visava entabular via ciberespaço, como: um navegador, um gerenciador de correio eletrônico, um servidor, um ftp, e um conhecimento mínimo de html.

Nos parágrafos que seguem tento descrever a constituição de uma *plataforma virtual*. As considerações que seguem relatam uma das possíveis soluções, dentre tantas que as NTICs proporcionam hoje em dia. Para um iniciante proporia a constituição de uma plataforma inteiramente construída com software livre e gratuito, inclusive o próprio sistema operacional, no caso Linux. No meu caso, a aquisição do hardware, equipamento laptop, trouxe consigo o sistema operacional Windows e elementos de software normalmente pagos.

Em um primeiro momento, para montar uma plataforma virtual, é preciso levar em consideração as despesas na aquisição do conjunto de componentes físicos de um computador ou de seus periféricos. No estudo de caso realizado utilizei o seguinte conjunto de parâmetros, componentes, periféricos e programas que determinaram as possibilidades e a forma de funcionamento de meu computador, de seu sistema operacional, e de seus aplicativos:

Processador: Intel® Pentium®4  
Clock (GHz): 2.8  
Memória RAM/SDRAM: 512 MB  
Gabinete: laptop  
Disco rígido (GB): 40  
Leitor/Gravador de CD-ROM: 52x  
Placa de vídeo: 128 MB  
Modem: 56Kbps V-90  
Placa de rede  
Portas USB: 2  
Sistema operacional: Windows XP Professional  
Tensão: 110/220  
Teclado e Mouse imbutidos  
Caixas de som imbutidas

No caso do conjunto dos componentes que não fazem parte do equipamento físico propriamente dito e que incluem os programas (e os dados a eles associados) empregados durante a utilização do sistema, não tive dispêndio. Pois, além do Windows XP e do Office que já vieram instalados com o computador, os demais programas que utilizei foram gratuitos (freeware), como por exemplo:

- Navegador Mozilla com editor de HTML
- Navegador Mozilla Firefox
- Cliente de email Mozilla Thunderbird
- Servidor de Web (local): EasyPHP
- Tratamento de imagens: GIMP
- Suite OpenOffice (com saída em PDF)
- Cliente FTP: FileZilla
- Editor de programas (PHP, HTML, JAVA, etc): HTML-KIT
- Compressor de arquivos: 7ZIP
- Leitor de Arquivos PDF: Acrobat Reader

Em um segundo momento, na constituição da plataforma virtual, encetei um aprendizado técnico sobre a construção de hipertextos na Internet. Como ao longo do mestrado já havia iniciado um estudo sobre o ciberespaço<sup>35</sup>, pude conduzir diretamente

minhas pesquisas pela web para saber sobre as possibilidades de publicação autônoma na Internet, e descobri o <http://www.w3schools.com/> onde tive contato, por conta própria, sem auxílio de professores, com um conjunto de lições gratuitas sobre a técnica hipertextual<sup>36</sup>.

Além destes tutoriais também pesquisei a variada gama de programas livres, abertos e gratuitos, oferecidos atualmente dentro da proposta “Open Software”. Dentre estes, concentrei nas seguintes categorias de programas livres e gratuitos, relevantes para as experiências que me propunha realizar:

- “sistemas gerenciadores de conteúdo” (Content Management Systems - CMS), tais como: PHPNuke (<http://phpnuke.org>) e Xoops (<http://xoops.org>).
- “sistemas de conteúdo colaborativo”, dentro da linha de programas baseados na linguagem Wiki (termo havaiano que significa “fácil”), dentre os quais destaca-se o TikiWiki (<http://tikiwiki.org>);
- “sistemas gerenciadores de cursos”, tais como o Moodle (<http://moodle.org>);
- “sistemas comunitários”, para suporte a formação de grupos de internautas afins, como por exemplo o PHPAlumni (<http://sourceforge.net/>) para associações de ex-alunos e o MoreGroupWare (<http://moregroupware.nukebrasil.org/mgw/>), para suporte a grupos de trabalho;
- “sistemas de questões & respostas” (Frequently Asked Questions - FAQ), como o PHPMyFAQ (<http://www.phpmyfaq.de>);
- “sistemas de bancos de dados e formulários” como o DaDaBik (<http://www.DaDaBIK.org/>);

- “sistemas gerenciadores de bibliografia”, capazes de criar citações bibliográficas e índices bibliográficos em diferentes formatos, como o WikIndex (<http://www.wikindex.com/>).

Mais adiante, escrevo sobre o modo recomendado de apropriação destes programas, segundo a experiência que tive para os sítios Internet que desenvolvi.

Tendo pesquisado e estudado o material mencionado acima, em seguida, com o intuito de testar e avaliar a funcionalidade destes pacotes visando os sítios a desenvolver, entabulei a criação de um ambiente Web na minha máquina, também baseado em programas livres e gratuitos, que permitem implementar um servidor Web local. Este ambiente, montado com o programa livre EasyPHP<sup>37</sup>, permitiu simular um servidor web em meu PC, de modo a facilitar as instalações dos pacotes mencionados acima (phpnuke, xoops, tikiwiki, etc.) e realizar testes de construção e funcionalidade dos sítios, antes de pô-los em produção no domínio determinado. Ao longo deste processo de avaliação deparei com problemas diversos:

- os arquivos destes pacotes, pelo menos em suas primeiras versões, vêm com falhas na codificação em linguagem php, sendo necessária a correção direta sobre o código;
- nem todos os pacotes vêm com a língua portuguesa brasileira, o que requer a criação de arquivos de mensagens e textos traduzidos a partir dos mesmo arquivos em língua inglesa; de qualquer, mesmo com traduções em português é sempre preciso fazer uma revisão e adequação dos textos e mensagens.
- Os modelos de interface dos pacotes requerem ajustes, em grande parte facilitados pelo recurso de configuração dinâmica dos mesmos.
- As formas de operação dos pacotes devem ser também parametrizadas em sua configuração de instalação e de operação;

- As permissões de acesso aos diferentes módulos dos pacotes, assim como a visibilidade e a disponibilidade de acesso destes módulos devem ser devidamente configuradas para garantir o bom funcionamento e a segurança do sítio.
- Por último, o banco de dados utilizado por cada pacote deve ser instalado em alguns casos de modo manual.

O exercício destes pacotes neste ambiente Web local serve portanto para dar a familiaridade necessária para sua implementação posterior no seu destino definitivo em um domínio Internet. Recomenda-se sua realização a todo custo evitando uma série de contratempos posteriores na implantação final.

O passo seguinte foi pesquisar na Internet um provedor que oferecesse hospedagem para os pacotes avaliados, visando a construção definitiva dos sítios, o que ficou da seguinte forma:

Sítio Internet	Solução Técnica e Categoria	Domínio
Prof. Carneiro Leão	HTML  Pessoal	<a href="http://www.emmanuelcarneiroleao.hpg.com.br/">http://www.emmanuelcarneiroleao.hpg.com.br/</a>
Midiologia	HTML  Pesquisa	<a href="http://www.midiologia.hpg.com.br/">http://www.midiologia.hpg.com.br/</a>



Sítio Internet	Solução Técnica e Categoria	Domínio
Obra literária “Macunaíma”, de Mario de Andrade <sup>38</sup>	TikiWiki  Pesquisa	<a href="http://www.hiperlector.bem-vindo.net">http://www.hiperlector.bem-vindo.net</a>  (ainda não foi efetuada a transferência do sítio Macunaíma do antigo domínio <a href="http://www.pos.eco.ufrj.br/pbi/">http://www.pos.eco.ufrj.br/pbi/</a> ) para esta minha página pessoal.
Portal do PPGCOM	PHPNuke  Institucional	<a href="http://www.pos.eco.ufrj.br/">http://www.pos.eco.ufrj.br/</a>
Programa das Disciplinas	MOODLE  Institucional	<a href="http://www.pos.eco.ufrj.br/disciplinas/">http://www.pos.eco.ufrj.br/disciplinas/</a>
Espaço para o Projeto Bolsista Integrado e Núcleos de Pesquisa	TikiWiki  Institucional	<a href="http://www.pos.eco.ufrj.br/pbi/">http://www.pos.eco.ufrj.br/pbi/</a>
Base Acadêmica do Professores	DaDaBik  Institucional	<a href="http://www.pos.eco.ufrj.br/baseacademica/">http://www.pos.eco.ufrj.br/baseacademica/</a>
Base Acadêmica dos Alunos	DaDaBik  Institucional	<a href="http://www.pos.eco.ufrj.br/baseacademica/loginaluno.php/">http://www.pos.eco.ufrj.br/baseacademica/loginaluno.php/</a>

Sítio Internet	Solução Técnica e Categoria	Domínio
Banco pós-graduados	PHPAlumni Institucional	<a href="http://www.pos.eco.ufrj.br/alumni/">http://www.pos.eco.ufrj.br/alumni/</a>
Grupo dos Professores ECO.Pos <sup>39</sup>	MoreGroupWare Institucional	<a href="http://www.pos.eco.ufrj.br/professores/">http://www.pos.eco.ufrj.br/professores/</a>
Webbibliografia do PPGCOM	WikIndex Institucional	<a href="http://www.pos.eco.ufrj.br/biblio/">http://www.pos.eco.ufrj.br/biblio/</a>
Questões & Respostas	PHPMyFAQ Institucional	<a href="http://www.pos.eco.ufrj.br/QR/">http://www.pos.eco.ufrj.br/QR/</a>
Sítio do LECC  Revista Koine	XOOPS  Institucional	<a href="http://www.pos.eco.ufrj.br/LECC/">http://www.pos.eco.ufrj.br/LECC/</a> <a href="http://www.pos.eco.ufrj.br/revista/">http://www.pos.eco.ufrj.br/revista/</a>

Para transferência dos arquivos localizados em meu computador pessoal, no servidor Web local, para servidor Web dos provedores e manutenção remota destes arquivos nos respectivos domínios, foi preciso instalar os seguintes recursos:

- FTP FileZilla (cliente ftp – onde ftp significa File Transfer Protocol - Protocolo de Transferência de Arquivos), este programa distribuído gratuitamente permite a transferência de arquivos de um lado para o outro, entre um servidor FTP de um provedor e o seu PC (cliente); sendo uma forma bastante rápida e versátil de se transferir arquivos <sup>40</sup>.

- HTML-Kit – é um programa de edição de arquivos, muito potente, e totalmente gratuito, que pretende ser a caixa de utensílios para designers, criadores e editores de sítios. Traz ferramentas para edição de HTML, PHP, XHTML e XML, incluindo formatação, busca, validação, preview e publicação. Permite controle e edição total de arquivos (CSS, XSL, JavaScript, VBScript, ASP, PHP, JSP, Perl, Python, Ruby, Java, VB, C/C++, C#, Delphi/Pascal, Lisp, SQL) diretamente pela Internet, nos arquivos de seu sítio.
- SSH Secure Shell – é um terminal aberto sobre os arquivos de seu sítio, que permite o uso direto de comandos do sistema operacional sobre o conteúdo de seus sítio; sendo assim, é uma nova opção de subir rapidamente todo o conjunto de arquivos de instruções dos gerenciadores de conteúdo, compactado em um único arquivo zip, que posteriormente é descompactado usando o acesso por cliente SSH <sup>41</sup>.

#### ○ ROTEIROS

Bem conhecida a funcionalidade destes pacotes e após sua implantação nos provedores definidos, iniciei o processo de construção dos hipertextos, diretamente pela Internet, através da funcionalidade dos próprios pacotes. Apresento a seguir as orientações que obtive para a transição do texto para o hipertexto, expondo os roteiros já sistematizados – como no caso dos sítios de pós-graduação, periódicos e páginas pessoais – e também o roteiro que elaborei, fruto de minhas investigações e estudos, para a construção de hipertextos para pesquisa colaborativa. Paralelo a demonstração desta orientação, procuro analisar o que esta configuração em hipertexto implica em termos de “escolhas de apresentação material que influem no estatuto do texto” (CLEMENT, 2004), conseqüentemente, sua natureza, sua proporção, sua função e suas relações. Considero estas questões as mais relevantes, dada sua natureza não tecnicista como foram as considerações anteriores.

#### ROTEIRO PARA O SÍTIO PESSOAL

O roteiro para construir esta página pessoal foi constituído a partir dos requisitos relacionados no currículo da Plataforma Lattes do CNPq. São eles:

- Dados pessoais – expandi este quesito para a construção da página sobre a vida do Prof. Carneiro Leão.
- Formação acadêmica/Titulação – a partir deste quesito construí a página intitulada “currículo” do Prof. Carneiro Leão.
- Produção científica, tecnológica e artística/cultural – desenvolvi sob este quesito uma página com as publicações do professor; uma página com E-Artigos; outra com Entrevistas e ainda mais uma que denominei Breviário de Citações; e por fim uma página “Aulas em MP3”.
- Acrescentei além destes quesitos do currículo, expandidos na página pessoal do professor, a página Inspirações, onde procurei dispor textos que fazem parte das leituras do professor.

## ROTEIRO PARA O SÍTIO INSTITUCIONAL

O roteiro para construção de um portal/sítio Internet institucional foi elaborado a partir das diretrizes indicadas pela CAPES. Abaixo relaciono o que foi traçado inicialmente pela CAPES, acrescentando paralelamente a esta exposição o que resolvi adicionar ao portal do PPGCOM ECO-UFRJ, por conta própria, por considerar um conteúdo igualmente importante e pertinente de constar na apresentação do programa.

- Apresentação do programa, com seus objetivos, histórico, área de concentração, linhas de pesquisa e outras informações essenciais – a partir desta diretriz foram construídas as seguintes páginas: apresentação do PPGCOM; histórico; administração (coordenação e conselhos); pós-graduação (Stricto Sensu, Lato Sensu e pós-doutorado); listagem e pequena explicação sobre os núcleos de pesquisa remetendo para seus sítios particulares; regimentos (com uma listagem enviando para os respectivos procedimento: Transferência de Linha de Pesquisa; Estrutura curricular; Exame de Qualificação; Seleção de Orientador; Requisitos para Titulação; Prorrogação da Titulação; Titulação inconclusa; Concessão de Diploma; 2º via de Diploma;

Revalidação de Diploma; Rematrícula no Curso; Produção Intelectual; Abandono de Disciplina; Inscrição em Disciplina; Intercâmbio; Auxílio-PROAP; Auxílio-CAPES; Auxílio-CNPq; Auxílio-FUJB; Auxílio-FAPERJ; Auxílio-Programa; Bolsas de estudo; Taxa de Bancada; Normas de Formatação de Tese/Dissertação; Normas para Apresentação de Trabalhos Acadêmicos); Linhas de Pesquisa (enviando para uma página contendo objetivo de cada linha e desta página remetendo para os Programas das Disciplinas via Web; a Bibliografia Básica Digital; os Termos e Noções dos professores; a Agenda de Defesas e Apresentações; as Teses de Doutorado defendidas, as Dissertações de Mestrado apresentadas e Links pertinentes ); Secretaria (enviando para a página de atendimento, formulários e relatórios); Dados no SIGMA (uma página com links do Espaço SIGMA correspondentes aos itens constantes da recomendação da CAPES.).

- Corpo docente, com links para os respectivos currículos Lattes e também para as homepages dos docentes que as mantenham – a partir desta diretriz foram construídas uma página pessoal para cada professor (constando um pequeno resumo da trajetória profissional do professor, um link direto para os currículos na Plataforma Lattes e no Espaço SIGMA, um link para uma página informando sobre o Atendimento na ECO.Pós para pós-graduandos e candidatos, um link para os Termos & Noções utilizados pelo professor, uma listagem das Publicações impressas com um link ao lado do título da obra para uma Sinopse, para Trechos do livros e um link para a Livraria Virtual, e por fim, uma listagem das publicações digitais remetendo para os arquivos disponíveis para baixar em pdf).
- Grade curricular, com o sumário de cada disciplina e a respectiva bibliografia, sendo desejável que constem desta última links para os textos utilizados que estejam disponíveis na Web – foi montada uma página com a grade curricular, mas a especificação das disciplinas consta somente na página das Linhas de Pesquisa.
- Atividades previstas para os próximos meses (colóquios, seminários, conferências, participação de seus docentes em eventos, sempre com os dados precisos e, se possível, o link para alguma página Web que informe mais a respeito) – a partir desta

diretriz foi instalada a AGENDA do PPGCOM, onde professores, alunos e funcionários contribuem enviando informações sobre eventos na área, sobre as atividades dos núcleos de pesquisa e sobre as atividades do programa.

- Condições para seleção nos cursos de pós-graduação do programa – a partir desta diretriz foram montadas: uma página sobre o Processo de Seleção; uma para os Convênios; outra para o Edital (onde também se informa sobre: o conjunto de documentos necessários ao candidato para o processo de seleção do PPGCOM; o presente edital de abertura do concurso para ingresso na ECO.Pós-UFRJ; as provas dos concursos anteriores; os resultados do processo de seleção); e uma página com os afazeres após ingresso no programa.
- Recomenda-se que (1) uma página de curso seja elaborada desde o início das aulas, que (2) se possível seja construída pelos próprios alunos ou por algum que tenha competência no assunto e que (3) tenha três tipos de conteúdo. O primeiro diz respeito ao programa do curso, com o que for possível de sua bibliografia. O segundo se compõe dos trabalhos finais ou parciais entregues por aqueles alunos que autorizem sua publicação on line. O terceiro seria uma antecipação: os alunos que o desejarem deixariam disponível, já, na página web, trabalhos que fizeram antes e mediante os quais dialogariam com seus colegas. E é óbvio que o professor também pode disponibilizar o seu material de interesse para o curso – a partir destas diretrizes foi instalado um gerenciador de cursos que oferece exibir não só o programa das disciplinas, mas muito mais, por isso, mais adiante, quando falo da apropriação dos programas livres explico todas as possibilidades que o MOODLE oferece.
- Além destes quesitos ainda foram acrescentadas as seguintes páginas – o manual do pós-graduando (com seus direitos e deveres em relação ao programa); sobre o campus (com informações sobre bibliotecas, livrarias, praças de alimentação e outros espaços); os compromissos dos representantes de turma; projeto bolsista integrado (com informações sobre atividades dos bolsistas); uma página “QUADRO DE AVISOS” (com pequenos blocos de informativos com avisos da secretaria e coordenação do programa); uma página com um motor de Busca Personalizada; uma página com as

Dúvidas mais Frequentes sobre o portal do programa; uma página para Atendimento Online (com o endereço físico e eletrônico da Administração do portal; Assistência Intranet; Assistência LATTES ; Assistência SIGMA; Conselho de Bolsas; Coordenação (Vice) do Programa; Coordenação do Programa; Livraria Editora UFRJ; Monitor – Doutorado; Monitor – Mestrado; NP – CiberIdea; NP – CIEC; NP – Ethos; NP – LECC; NP – N.Imagem; NP – Nepcom; NP – Nupec; Revista E.Pos; Revista ECO.Pos; Secretaria ECO.Pós; Setor de Contabilidade); uma página com um formulário para o pós-graduando Subir sua tese/dissertação; um banco de dados sobre os pós-graduandos e professores do programa; um Fórum; uma página de Links; uma página da Livraria Virtual; uma Leituras e Classificados.

## ROTEIRO PARA O SÍTIO DE PESQUISA

O roteiro que constituí a partir da Análise de Discurso para conformação do texto ao formato hipertexto, foi utilizado somente no hipertexto realizado sobre Macunaíma. Antes de aplicar a teoria do discurso textualmente orientada na transposição do texto para o hipertexto, percorro brevemente nos parágrafos seguintes as principais colocações sobre o discurso que identifiquei no trabalho de M. Foucault.

Em “Arqueologia do Saber” <sup>42</sup>, M. Foucault coloca o discurso designando em geral um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, entretanto, a regras de funcionamento comuns (REVEL, 2002). O discurso pode ser tratado, portanto, como um conjunto de **práticas intermitentes que se cruzam e se excluem simultaneamente** (FOUCAULT, 1995). O discurso psiquiátrico do século XIX, por exemplo, se caracteriza pela maneira que forma seus objetos. Sendo esta formação discursiva amparada por um feixe de relações, entre instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamento etc., que determinam o nascimento do discurso clínico, assim como os objetos dos quais pode falar e sua justaposição aos outros objetos precedentes. O discurso também determina quem está em posição de dizê-lo. Isto é, no discurso clínico, por exemplo, M. Foucault nota que o médico é o questionador soberano, o olho que vê, o dedo que toca, o órgão que decifra os signos etc. (FOUCAULT, 1995). E isto acontece devido a um conjunto de relações peculiares que estão em jogo – relações existentes no espaço hospitalar como lugar

de assistência, de observação, de modos terapêuticos, relações entre os papéis do médico, como terapeuta, pedagogo na difusão do saber medicinal, responsável pela saúde pública etc. – e fazem com que o médico seja designado a pronunciar o discurso. Assim como, é inerente ao discurso um campo pré-conceitual no seio do qual conceitos podem existir. Ou seja, as regras de formação do discurso clínico, por exemplo, acontecem no discurso mesmo, não são provindas de uma mentalidade ou da consciência de alguns médicos. Pois, este campo pré-conceitual tem sua origem no conjunto de relações que caracterizam a formação do discurso. E o conjunto de discursos, efetivamente expressos em uma dada época, constitui o que M. Foucault denomina de arquivo. O arquivo é a reunião de regras que determinam uma cultura e permanecem através da história. Por conseguinte, fazer uma arqueologia de um arquivo, é procurar compreender em uma massa documentária, suas regras, práticas, condições e funcionamento, o que implica um trabalho de recolhimento dos traços discursivos que possibilitem reconstituir o conjunto de regras que em um dado momento determinaram os limites e as formas do dizível, a fim de descrever não somente a maneira como os diferentes saberes locais se determinam a partir da constituição de novos objetos que emergiram em certo momento, mas como estes objetos se comunicam entre si e delinham de maneira horizontal uma configuração *epistêmica* coerente (REVEL, 2002). Sendo a *episteme* um dos conceitos centrais nos estudos de M. Foucault. A *episteme* designa as relações que unem discursos distintos e dispersos, mas que correspondem a uma dada época histórica. Esta noção de *episteme* será substituída mais tarde por M. Foucault, que passará a usar o termo *dispositivo* para designar um conjunto heterogêneo, portando consigo discursos, instituições, monumentos, leis etc. O termo *episteme*, então, passa a ser entendido como um *dispositivo* especificamente discursivo.

Em a *Ordem do Discurso*, uma aula inaugural dada por M. Foucault em 2 de dezembro de 1970, no Collège de France, é abordada a questão dos procedimentos que controlam as produções discursivas. Esclarecendo que sua teoria do discurso não se resume a um feixe de estruturas identificáveis em um texto. M. Foucault esclarece que sua teoria do discurso é uma análise da ação social. M. Foucault fala nesta aula inaugural de como as regras do discurso são comandadas pelas instituições e práticas sociais. Portanto, sua teoria do discurso implica uma teoria da sociedade, especialmente, uma teoria sobre poder, legitimidade e autoridade. Portanto, enunciados não existem isolados de seu contexto, e o contexto justamente é que vai dar sentido e força aos enunciados. Logo, o discurso, segundo M. Foucault, refere-se à



maneira como a linguagem organiza sistematicamente conceitos, conhecimentos e experiências, e também a maneira como exclui formas alternativas de organização. Assim, o discurso impõe formas definidas às atividades sociais.

Esta perspectiva vem a ser complementada no ensaio de M. Foucault, *O que é um autor*. Nesta aula, M. Foucault demonstra sua investigação para descobrir e explicar as regras e leis que formaram o sistema de pensamento do século XIX através de uma análise das práticas discursivas desta época. Logo nos primeiros parágrafos M. Foucault já nos desperta para nossa presunção sobre a autoria, nos lembrando que o conceito de autor, apesar de nos ser consolidado, passou a existir recentemente. E ainda vai mais adiante demonstrando a figura heróica e visionária do autor, ao colocar que este é o fruto de uma conjuntura muito especial e apenas ocupa um lugar vazio, que poderia ser efetivamente ocupado por qualquer um, na pronúncia de um discurso formado pelas circunstâncias político socioculturais e econômicas de uma dada época. M. Foucault define então quatro funções do autor <sup>43</sup>: 1. o autor está vinculado ao sistema legal que surgiu como resultado de uma necessidade de punir os responsáveis por discursos transgressivos; 2. o autor não é relevante em todas as produções textuais, sendo nas produções científicas, por exemplo, a função do autor mais importante do que em textos de cunho folclórico; 3. o nome do autor caracteriza uma forma particular de existência do discurso, isto é, a função do autor não é formada espontaneamente, simplesmente se atribuindo um discurso a um autor. Na realidade, resulta de uma variada construção cultural em que se elegem certos atributos a uma determinada autoria; 4. o texto carrega consigo sinais que referenciam ao autor, criando a função do autor, como por exemplo, o pronome eu.

Considerados os principais pontos de interesse para esta tese desta ampla visão provinda de M. Foucault, passo para a aplicação da teoria do discurso textualmente orientada na transposição do texto ao hipertexto. A seguir, exponho o processo de desmonte e remonte do discurso:

a) Disposição dos blocos de texto no hiperdocumento.

i) “As Unidades do Discurso e a Formação do objeto do discurso”.

*“[...] As margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas [...] ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede [...] Antes de se ocupar, com toda certeza, de uma ciência, ou de romances, ou de discursos políticos, ou da obra de um autor, ou mesmo de um livro, o material que temos a tratar, em sua neutralidade inicial, é uma população de acontecimentos no espaço do discurso em geral [...] uma descrição dos acontecimentos discursivos como horizonte para a busca das unidades que aí se formam [...] As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa ‘dizer alguma coisa’ e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação – essas condições, como se vê, são numerosas e importantes. Isto significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época [...]”<sup>44</sup>.*

(1) Primeira etapa da análise.

Posto isto, parti desta idéia de M. Foucault para um olhar brevíssimo e focalizado sobre o Brasil da década de 20. Então, vejamos o que acontecia no Brasil na época em que Macunaíma foi escrito. O Brasil passava pelo impacto da Primeira Guerra Mundial e sofria alterações no campo das idéias como o resto do mundo inteiro. Assistia-se à retomada de “valores” nos países europeus, e no Brasilurgia nos situarmos como um país que tinha especificidades capazes de traçar uma identidade de nação (TELES, 1997).

Portanto, tudo convergia nesta época – os jornais, as editoras, a academia, o métier artístico, etc – para se encontrar um tipo étnico específico capaz de representar a nacionalidade brasileira. Tratava-se de uma missão que se impunha à intelectualidade: encontrar a identidade nacional rompendo com um passado de dependência cultural.

Esta busca culminou com a Semana de Arte Moderna em São Paulo, que na época experimentava um processo de desenvolvimento econômico acelerado, além disso, tinha historicamente atrelado a sua imagem todo movimento de expansão territorial e, portanto, de configuração geográfica do país, o bandeirismo paulista. São Paulo aparecia assim, aos olhos da nação, como o grande empreendedor, o centro do trabalho, o território que deu origem ao verdadeiro brasileiro, e nesse sentido, o único estado capaz de promover a construção da identidade nacional (TELES, 1997).

Mário Raul de Moraes de Andrade estava mergulhado neste burburinho modernista quando escreveu *Macunaíma*. Deste meio “nacionalista” emerge, dentro de uma concepção foucaultiana, uma narrativa que pretende justamente levar o leitor (brasileiro) a um questionamento sobre sua identidade. Procura situar o brasileiro através de um sincretismo folclórico de elementos culturais regionais (TELES, 1997).

O que nos remete, por sua vez, a D. Maingueneau quando este descreve a função da cenografia na obra literária. Para ele a “cenografia constitui de fato uma articulação insubstituível [...] o público não consome apenas uma história, inscreve-se no cenário que, proporcionando essa história, atribui-lhe um lugar imaginário” (MAINGUENEAU, 2001, pg. 134).

Ora, as andanças de *Macunaíma* da selva à cidade, em busca da pedra mágica (o *muiraquitã*), roubada pelo gigante Wenceslau, seus amores e aventuras estabelecem uma cenografia que levanta os traços definidores de algumas das características do caráter do homem brasileiro. Entretanto, é importante salientar que *Macunaíma* não é símbolo do brasileiro, porque símbolo implica uma totalidade psicológica, e *Macunaíma* possui apenas alguns traços do caráter brasileiro, sendo um símbolo restrito do brasileiro.

Enfim, os parágrafos acima intentam brevemente demonstrar como o primeiro passo, na metodologia de M. Foucault, inspirou e contribuiu para orientar os primeiros passos na construção hipertextual de *Macunaíma*, repassando pelo contexto da obra, o material que serviu de base para a obra e os estudos realizados sobre a obra.

## (2) Primeira etapa da construção hipertextual

Esta primeira análise de *Macunaíma* orienta os primeiros passos na construção do hipertexto. Inspirada na idéia de M. Foucault de que “não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época”, e, por conseguinte, que a obra *Macunaíma* não poderia ter sido escrita em outra época que não fosse esta de Mario de Andrade. Concluí que seria necessário explicitar a inovação do que é dito em *Macunaíma* através de uma apresentação esmiuçada desta rapsódia.

Desta forma, primeiramente, priorizei a criação de um bloco dedicado ao contexto em que esta obra surgiu, paralelo a construção de páginas com um resumo de cada capítulo de *Macunaíma*, de forma que o leitor pudesse relembrar, ou mesmo tomar conhecimento, da obra.

Segundo, julguei necessária a construção de um glossário, onde pudesse explicar determinados termos e noções de difícil entendimento usados em *Macunaíma*. Pois, como é sabido, Mario de Andrade trabalhou nesta obra com profundos estudos folclóricos, a fim de reunir uma espécie de pot-pourri do linguajar de todas as regiões do Brasil no intuito de “desenhar” a identidade brasileira. O glossário, portanto, também se tornou parte importante do hipertexto ao demonstrar este novo olhar que propõe Mario de Andrade sobre a cultura brasileira.

Terceiro, presumi igualmente essencial, a criação de páginas que relatassem as lendas sobre as quais se inspirou Mario de Andrade na redação de *Macunaíma*. Pois, seria mais um elemento na construção hipertextual para mostrar com clareza a formação discursiva de *Macunaíma*.

Quarto, considerei importante apresentar, mesmo que brevemente, alguns estudos sobre a obra *Macunaíma*. Afinal de contas, estes estudos justamente evidenciam as relações estabelecidas entre instituições, “processos econômicos e sociais, formas de comportamentos, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização” que permitiram este discurso sobre a identidade brasileira aparecer, e conseqüentemente, também a obra *Macunaíma* aparecer.

Assim, a página inicial, de entrada no hipertexto da obra *Macunaíma*, sendo sem sombra de dúvida a mais importante, pois deveria conter chamadas sucintas para o conteúdo desenvolvido no interior do sítio Internet, ficou apenas com um índice, demonstrando a os tópicos com hiperlinks para suas respectivas páginas. Desta forma, dentro da estrutura em rede do hipertexto estes blocos esclarecedores da “formação do objeto discursivo” ficam hierarquicamente sob a página inicial do hipertexto da obra *Macunaíma*, mas de fato estão à

disposição de novas associações que se façam necessárias ao longo do “Macunaíma hipertextual”.

ii) “Formação de modalidades enunciativas”

*“[...] ver no discurso [...] um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade. O discurso, assim concebido [...] é um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos [...]” (M. FOUCAULT, 1995, pg. 62) <sup>45</sup>.*

(1) Segunda etapa da análise

Existe uma característica importante em relação ao discurso que deve ser observada no trecho transcrito acima, associada um pouco às idéias de P. Bourdieu (1982), quando este descreve o papel/lugar do escritor no campo literário, idéia esta trabalhada também por D. Maingueneau (2001).

O sujeito social que produz um enunciado não é uma entidade solta e independente do discurso, como um autor ou uma fonte originária. Mário de Andrade não foi o “criador” de todo o discurso de movimento de vanguarda modernista de sua época, nem Macunaíma é a única expressão deste discurso.

As posições são justamente inversas, o meio contextualizado anteriormente abriu um lugar ocupado pelo discurso de vanguarda modernista, que posicionou e inseriu Mário de Andrade dentro do campo literário emergente neste lugar, do qual ele fazia parte dentre outros. Pois, não é uma entidade que vai gerar seu próprio discurso, mas o discurso é que vai gerar e posicionar uma dada entidade. “Assim, por exemplo, o ensino como uma atividade discursiva posiciona aqueles que fazem parte como professor(a) ou aluno(a) [...] M. Foucault atribui um papel fundamental para o discurso na constituição dos sujeitos sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, pg. 68-69).

Neste sentido, remontei a P. Bourdieu para reforçar este argumento de M. Foucault, precisamente as suas definições de *habitus* lingüístico, mercado lingüístico e campo literário. O

habitus lingüístico <sup>46</sup>, mais uma dimensão da sua noção de *habitus*, seria “... a capacidade de utilizar as possibilidades oferecidas pela língua e de avaliar praticamente as ocasiões de utilizá-las...”(BOURDIEU, 1983, pg. 66). E o mercado lingüístico existiria sempre que alguém produzisse um discurso para receptores capazes de avaliá-lo, de apreciá-lo e de dar-lhe um preço. (BOURDIEU, 1983).

Colocando em prática o que foi citado acima, poderia dizer que numa análise da obra *Macunaíma* precisaria descrever suas formulações enquanto enunciados, para então determinar qual é a posição que pode e deve ter ocupado Mário de Andrade para ser seu sujeito enunciativo. Poderia dizer também que *Macunaíma* é uma expressão do Modernismo <sup>47</sup>, movimento que se manifesta pela ocupação deste “lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes”.

Este discurso enquanto tal age como vocação enunciativa (MAINGUENEAU, 2001), através da qual Mário Andrade se “sentiu” chamado a produção de *Macunaíma*. Por meio da prática social, Mario de Andrade se posicionou como escritor vanguardista moderno, através de uma gama de modalidades enunciativas asseguradas pelas regras correntes do discurso literário então em voga (FAIRCLOUGH, 2001).

Sob esta perspectiva torna-se possível realizar o papel fundamental do discurso na constituição do sujeito social. Se, no discurso literário modernista de vanguarda, o escritor / artista é “sucessivamente o questionador soberano e direto, o olho que observa”, a cabeça pensante capaz de apontar a identidade brasileira, isso se dá “porque todo um feixe de relações se encontra em jogo” (M. FOUCAULT, 1995), relações entre diversos elementos distintos que dizem respeito ao status do escritor literário, ao lugar institucional de onde fala, etc.

D. Maingueneau (2001) revigora este posicionamento quando fala do escritor que “alimenta sua obra com o caráter radicalmente problemático de sua própria pertinência ao campo literário e à sociedade [...] a pertinência ao campo não é, portanto, a ausência de qualquer lugar, mas antes uma negociação difícil entre o lugar e o não-lugar, uma localização

parasitária, que vive da própria impossibilidade de se estabilizar. Essa localidade paradoxal, vamos chamá-la paratopia” (MAINGUENEAU, 2001, pg. 28).

## (2) Segunda etapa da construção hipertextual

Nesta segunda etapa, interpretei a idéia de M. Foucault de um “lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes” como algo não definido por um texto, um livro ou uma obra, mas variável, mantendo sua identidade apesar de sua variedade e, mais importante que tudo, o lugar de ressonância de outras “vozes” contemporâneas a Mário de Andrade.

Assim sendo, no Macunaíma hipertextual, sob a página Macunaíma, criei uma página dedicada a Mario de Andrade, e sob esta: sua biografia; diário; correspondência; publicações; crônicas e entrevistas, para tornar clara a influência dos artistas e escritores contemporâneos a Mario de Andrade, sobre seu trabalho.

E ainda sob a página intitulada “contexto”, já criada na primeira etapa do hipertexto, abri o espaço necessário para ainda abordar a própria produção literária dos outros autores contemporâneos a Mario de Andrade, cujas vozes também ocuparam este lugar de ressonância.

## iii) “Formação dos conceitos e estratégias”

*“[...] o que pertence propriamente a uma formação discursiva e o que permite delimitar o grupo de conceitos, embora discordantes, que lhe são específicos, é a maneira pela qual esses diferentes elementos estão relacionados uns com os outros [...] É esse feixe de relações que constitui um sistema de formação conceitual [...]”* <sup>48</sup> (M. FOUCAULT, 1995, pg. 67).

## (1) Terceira etapa da análise

Em relação a este trecho, vou apenas mostrar alguns pontos de semelhança entre este procedimento de análise de M. Foucault e o de D. Maingueneau, com vistas a apoiar e fundamentar uma AD nesta linha.

Vejamos, o escritor/autor precisa se inserir numa tribo/grupo, esta tribo “pode resultar de trocas de correspondência, de encontros ocasionais, de semelhanças nos modos de vida, de projetos convergentes”. Mas, não precisa também, necessariamente, tomar corpo, pois, o fato é que pertencer a uma tribo, mesmo sendo “invisível”, significa que o escritor inevitavelmente estará engajado no campo literário, escrevendo, publicando e organizando sua identidade em torno destas atividades. O campo literário vive de uma tensão entre suas tribos e seus marginais. “Através do modo como gerem sua inserção no campo, os escritores indicam a posição que nele ocupam” (MAINGUENEAU, 2001, pg. 31).

Cena exemplar disto em Macunaíma se encontra no trecho a seguir em que Pietro Pietra volta para Europa, mas Macunaíma reconhece que não pode ir e reflete: “[...] Não, não vou não. Sou americano e meu lugar é na América. Tenho medo que a civilização européia deturpe a inteireza do meu caráter [...]”. Onde Mário deixa clara sua inserção na tribo de vanguardistas que buscava uma identidade própria do brasileiro <sup>49</sup>.

Além desta relação que o escritor deve estabelecer com uma tribo, também existe a questão da autoridade (BOURDIEU, 1982), da modalidade enunciativa (M. FOUCAULT, 1995), isto é, o que vai dar direito e reconhecimento à palavra do escritor?

M. Foucault pergunta “quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos, e de quem, em troca, recebe, se não sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? Qual é o status dos indivíduos que têm – e apenas eles – o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso?”

E D. Maingueneau responde que existe um determinado estado histórico que desencadeia um processo em determinados indivíduos que o convocam a produzir literatura. “No campo da análise propriamente textual, desenvolvemos, por nossa vez, uma teoria da ‘comunidade discursiva’, que tenta, articular as formações discursivas a partir do funcionamento dos grupos de produtores e gerentes que as fazem viver e vivem delas” (MAINGUENEAU, 2001, pg. 30).



## (2) Terceira etapa da construção hipertextual

Nesta etapa, procurei reunir as condições necessárias para iniciar a construção efetiva do Macunaíma hipertextual, ou seja, estabelecer os links ou conexões hipertextuais que apresentarão texto e “con-texto” da obra. Para a devida apropriação das formulações teóricas de M. Foucault dadas até aqui, proponho seguir esta etapa da construção por dois caminhos paralelos, que denomino de “hiper-con-texto” e “hiper-texto”; este último tratado na próxima etapa.

O primeiro caminho pode ser iniciado a partir deste último princípio de M. Foucault sobre a “formação dos conceitos e das estratégias”. Adotando este princípio é possível uma AD que consolide as etapas anteriores dando uma forma definitiva do contexto da obra, através da seleção de termos, noções e sentenças dos elementos reunidos até agora, para gerar hyperlinks.

As correspondências, entrevistas, diário de Mario de Andrade, além dos estudos feitos sobre Macunaíma, a relação de lendas que inspiraram a produção da obra e a descrição do contexto da obra, oferecem um valioso ponto de referência para consolidação da matriz conceitual, que, segundo a orientação de M. Foucault, constitui o “feixe de relações” capaz de “situar” a obra.

Assim, nesta terceira etapa, tentei estabelecer as palavras-chaves no blocos de texto. Fiz isto através de uma busca dos elementos recorrentes nos textos, isto é, dos elementos que reapareciam em todos os fatos pesquisados. Sendo consolidada a conexão entre blocos/nós na próxima etapa da construção hipertextual, onde pude então seguir o caminho de construção do hiper-con-texto, o qual esbocei na figura abaixo, demonstrativa das páginas que possuem links se referenciando:

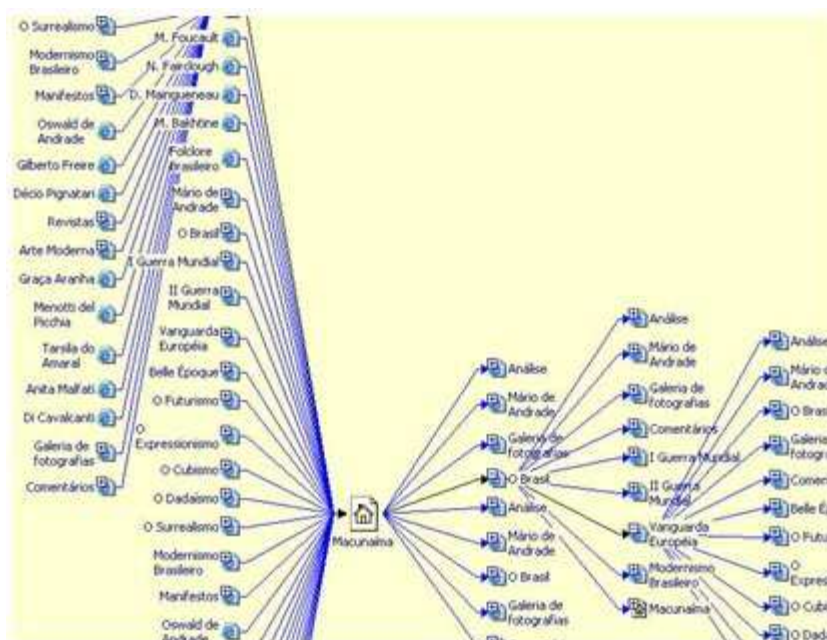


Ilustração 3 - Terceiro passo do Macunaíma Hipertextual

#### i) “Arqueologia”

*“A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras [...]”* <sup>50</sup> (M. FOUCAULT, 1995, pg. 159 – 160).

#### (1) Quarta etapa da análise

Ora, este tratamento que M. Foucault dá às relações entre os enunciados também se encontra nos escritos sobre plurilinguismo de M. Bakhtine <sup>51</sup> (apud FAIRCLOUGH, 2001). Assim, quanto a esta característica dos trechos acima colocados, e igualmente com o propósito de reforçá-la, chamo à baila M. Bakhtine, procurando uma analogia com sua idéia de uma interação de discursos múltiplos em um mesmo discurso, e a idéia de M. Foucault do romance como um nó em uma rede.

Tento – paralelo à exposição das idéias de M. Bakhtine, confluentes com as de M. Foucault – pôr em prática uma análise da obra Macunaíma com este instrumental teórico de AD. Lembrando que vou trabalhar apenas com alguns trechos significativos e representativos de Macunaíma para alicerçar minhas análises.

M. Bakhtine fala de um pasticho<sup>52</sup> literário ao se referir às diversas camadas de discursos – científico, ético, retórico, ideológico etc. – presentes num dado discurso literário<sup>53</sup>. Sabe-se que o livro *Macunaíma* foi considerado, por seu autor, uma rapsódia, ou seja, uma fantasia instrumental que utiliza temas e processos de composição improvisada, tirados de cantos tradicionais ou populares. O fragmento abaixo retirado da obra é um exemplo disso:

*“[...] Uma feita a Sol cobrira os três manos duma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. Porém no rio era impossível por causa das piranhas tão vorazes que de quando em quando na luta pra pegar uma naco de irmã espedaçada, pulavam aos cachos pra fora d'água metro em mais. Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que-nem a marca dum pé gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho de tribo retinta dos Tapanhumas.*

*Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou:*

*– Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz.*

*Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa. Macunaíma teve dó e consolou:*

*– Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas!*

*E estava lindíssimo na Sol da lapa os três manos um louro um vermelho outro negro, de pé bem erguidos e nus [...]” (ANDRADE, Mário. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. 2º ed. Rio de Janeiro, Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. pg 37-38).*

Mário de Andrade mergulhou aqui nos contos presentes em nossa cultura<sup>54</sup>. E não só isto, *Macunaíma* também explorou uma das características particulares da elaboração do plurilinguismo no romance, a introdução de “ ‘línguas’ (ou linguajares?) e perspectivas literárias e ideologias multiformes – de gêneros, de profissões, de grupos sociais (o linguajar do nobre, do fazendeiro, do mercador, do camponês), introdução de línguas orientadas, familiares (a fofoca, o falatório mundano, o linguajar doméstico)<sup>55</sup>” (BAKHTINEE, 1978, pg 132).

Mário trabalha estes gêneros ao substituir a estilística literária pela linguagem do cotidiano. Pesquisando vasta bibliografia – Von Roraima zum Orinoco de Koch-Grünberg; Poranduba Amazonense de Barbosa Rodrigues; Reise in Brasilien de Spix e Martius; Dicionário de Brasileirismos de Rodolpho Gracia; A planície do solar e da senzala de Alberto Lamago Filho; entre muitas e muitas outras obras – Mário introduz este linguajar do povo brasileiro colocando as histórias de Macunaíma para serem contadas por um papagaio ao narrador, que vai continuar contando-as:

*“[...]Ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente [...] No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.*

*Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:*

*- Ai! que preguiça!...*

*e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau da paxiúba, espindo o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força de homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém [...]”(ANDRADE, Mário. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. 2<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro, Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. pg. 5-6).*

Desta forma, se estabelece em Macunaíma uma narrativa dialógica entre as diversas perspectivas que retratam os diferentes linguajares, “ponto de vista contra ponto de vista, acento contra acento, apreciação contra apreciação<sup>56</sup>”. E através desta correlação Mário permanece neutro como autor em sua narrativa, “ele se serve, a todo o momento de sua obra, desta interpelação, deste diálogo de linguajares, a fim de permanecer, sobre o plano lingüístico, como neutro, como ‘terceiro homem’ ” (BAKHTINEE, 1978, pg. 135).

Outra forma de introdução e organização deste plurilingüismo se dá através das falas dos personagens, que são palavras de “outro” em uma linguagem “estrangeira” e por isso tem o poder de refratar as intenções do autor<sup>57</sup>, exemplo disso em Macunaíma se encontra no trecho transcrito abaixo:

*“[...] Então o povo que já estava zangado virou contra Maanape e contra Jiguê. Já todos, e ram muitos! estavam com vontade de armar uma briga. Então um estudante*

*subiu na capota dum auto e fez discurso contra Maanape e contra Jiguê. O povo estava ficando zangadíssimo.*

*Meus senhores, a vida de um grande centro urbano como São Paulo já obriga a uma intensidade tal de trabalho que não permite-se mais dentro da magnífica entrosagem do seu progresso sequer a passagem momentânea de seres inócuos. Ergamo-nos todos uma voz contra os miasmas deletérios que conspurcam o nosso organismo social e já que o Governo cerra os olhos e delapida os cofres da Nação, sejamos nós mesmo os justiçadores [...]” (ANDRADE, Mário. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. 2º ed. Rio de Janeiro, Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. pg 98)*

*“[...] Macunaíma perguntou:*

*- Ara, ara, ara! Mas você não me dirá o quê está fazendo aí, siô!*

*O desconhecido virou pra ele e com os olhos relumeando de alegria falou:*

*- Gardez cette date: 1927! Je viens d’inventer la photographie!*

*Macunaíma deu uma grande gargalhada :*

*- Chi! Isso já inventaram que anos, siô! [...]” (ANDRADE, Mário. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. 2º ed. Rio de Janeiro, Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. pg 143)*

Ainda outro fato marcante desta polifonia em Macunaíma, desta simultaneidade de várias “melodias” que se desenvolvem independentemente, mas dentro da mesma “tonalidade”, é a junção de gêneros intercalados <sup>58</sup>.

Mário reuniu toda sorte de costumes, provérbios, versinhos e ditos populares do Brasil e constituiu uma verdadeira antologia do folclore nacional. Construída a partir da combinação, um verdadeiro exercício de “bricolage”, de uma infinidade de textos provenientes de fontes diversas: traços indígenas; cerimônias de origem africana; evocações de canções de roda ibéricas; tradições portuguesas; contos tipicamente brasileiros; anedotas tradicionais da História do Brasil; incidentes pitorescos presenciados pelo autor, episódios de sua vida pessoal; transcrições dos cronistas coloniais e de etnógrafos; frases célebres de personalidades históricas ou eminentes; provérbios, ditos e processos mnemônicos populares.

*“[...] e Macunaíma foi balançando cada vez mais forte. Cantava:*

*Bão-ba-lão*

*Senhor capitão*

*Espada na cinta*

*Ginete na mão [...]”.* <sup>59</sup>

A carta de Mário a Alceu Amoroso Lima também demonstra a influência que recebeu de Koch-Grünberg<sup>60</sup>, o etnólogo alemão que fotografou o Alto do Rio Negro, na Amazônia,

entre 1903 e 1905: “No geral os meus atos e trabalhos são muito considerados por demais para serem artísticos. Macunaíma não. Resolvi escrever porque fiquei desesperado de comoção lírica quando lendo Koch-Grünberg percebi que Macunaíma era um herói sem nenhum caráter nem moral, nem psicológico, achei isso enormemente comovente nem sei porquê, de certo pelo ineditismo do fato, ou por ele concordar um bocado com a época nossa, não sei...”.

Concluindo, ambos, M. Foucault e M. Bakhtine, parecem estar falando de aspectos semelhantes em suas análises do discurso literário, descrevendo a rede conceitual a partir das regularidades intrínsecas no emaranhado de discursos de uma determinada época; relacionando esse emaranhado com as regras que caracterizam uma prática discursiva. E desta forma, ambos pareceram constatar que as regras de formação dos conceitos têm seu lugar no próprio discurso numa espécie de anonimato uniforme, se impondo a todos os indivíduos que tentam falar num dado campo discursivo.

## (2) Quarta etapa da construção hipertextual

Nesta quarta etapa, procurei estabelecer uma seleção dos trechos significativos da obra Macunaíma e as fontes onde Mário bebeu para a criação de sua obra, através das palavras-chaves previamente selecionadas em etapa anterior. Esmiuçando, foi possível rastrear alguns dos pastichos literários feitos por Mário de Andrade em Macunaíma, que relacionei à fonte de inspiração. Vejamos somente alguns breves exemplos:

- estabeleci links entre trechos da narrativa em Macunaíma inspirados na literatura folclórica brasileira. Exemplos estão (1) no fragmento em que Mário de Andrade conta da mudança de cor de Macunaíma e o conto etiológico da cultura brasileira intitulado “Porque o negro é preto”.
- em suas cartas de correspondência com autores contemporâneos – como, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Luis da Câmara Cascudo, entre outros – Mário de Andrade expõe muitas das suas fontes de inspiração. Exemplos estão em cartas que fala de como a obra do alemão Koch-Grünberg o comoveu <sup>61</sup>. A partir

destas cartas foi possível estabelecer links entre trechos da obra de Koch-Grünberg e Macunaíma.

- também foi possível estabelecer links entre canções de roda brasileiras de origem ibérica e trechos de Macunaíma em que se encontram adaptações desta cultura popular.

#### ○ *APROPRIAÇÃO DOS PROGRAMAS*

Visitados os roteiros de transposição do texto para hipertexto, visando a disposição do conteúdo na web, descrevo nos próximos parágrafos como se deu a apropriação dos programas livres, selecionados para a construção dos sítios.

- PHPNuke para o portal do PPGCOM ECO-UFRJ.

Para a construção do portal do PPGCOM da ECO-UFRJ utilizei o PHPNuke, disponível para baixar em <http://phpnuke.org/>. O PHNuke oferece um conjunto de módulos básicos e módulos adicionais produzidos pela sua comunidade de usuários. Adotei os básicos e alguns adicionais, procurando articular as funcionalidades destes módulos com as demandas da CAPES para constituição de um sítio para um programa de pós-graduação.

Lembrando que todos os módulos do PHPNuke selecionados são interativos, e permitem um gerenciamento do grau de interatividade que se pretende dispor através da administração dos grupos que terão acesso ao portal. Existem os anônimos/visitantes; os cadastrados no portal (que se subdividem em estudantes, professores e funcionários, com visibilidades diferentes) e os administradores (que se subdividem em webmaster, secretaria e coordenação). Os cadastrados e administradores podem entrar com material no portal, tornando-se desta forma responsáveis dos integrantes do PPGCOM, e não somente da secretaria do programa, a atualização do portal, seja com notícias de eventos que julgam pertinentes para os colegas, seja com a entrada de eventos na agenda, seja com envio de textos, etc.



Vejamos como se deu a adequação dos módulos disponíveis no PHPNuke para o portal ECO.Pos-UFRJ. Primeiramente, foi preciso trabalhar a “cara” do portal, junto a então mestranda Mariana Boechat, e sob a orientação do Prof. Moha Hajji e da Prof. Raquel Paiva. Neste momento, foi necessário fazer uma escolha: ou adotávamos um tema oferecido pela comunidade phpnuke, com suas determinações de cores, fontes e disposição na tela, ou criávamos um tema especialmente para o portal. Ficou decidido pelos professores que seria mais apropriado criar um tema, o que por um lado caracterizou o portal do PPGCOM, mas por outro lado, a criação deste tema, por termos mexidos nos parâmetros dos arquivos php, implicou que o portal não poderia ser mais atualizado com as novas versões sucessivas do phpnuke, sendo fadado a permanecer na versão 6.7. Na época versão mais atualizada disponível. Nestes dois anos de portal o phpnuke já chegou a versão 7.8. Logo, dos novos módulos lançados, poucos foram os que se integravam a versão 6.7., ficando, desta forma, o portal restrito aos seguintes recursos e módulos descritos e adequados mais abaixo.

Histórias – um módulo destinado à publicação de escrito ou exposição sucinta de um assunto qualquer. Este módulo utilizei para a divulgação de notícias sobre a ECO.Pos, sobre eventos na área de comunicação, sobre informativos das instituições de fomento, sobre oportunidades de publicação em periódicos da área, constituindo o QUADRO DE AVISOS on-line do PPGCOM.

Blocos – um recurso de administração da disposição de quadros de informações na página do sítio; serve para a administração dos blocos que são usados como barras de navegação, em vertical, na lateral esquerda e direita do sítio, divididas em estações temáticas, que compõem um índice relacionando as ferramentas interativas do portal, contendo diferentes links de acordo com o status do usuário, e enviando para seções em constante atualização e modificação. Através deste recurso foi possível organizar o menu principal com os links para a Página Inicial; em Notícias, os links para Revisão, Notícias por Data; Notícias por Título; Notícias por Tópico; Busca Personalizada; Dúvidas Frequentes e Atendimento On-line. O menu utilidades com os links para as seções personalizadas para pós-graduandos, professores ou funcionários cadastrados, remetendo para o Cadastro (dados pessoais do cadastrado), Blog (um diário), Mensageiro (permite trocar mensagens com outros cadastrados), Webmail (permite acessar os emails pelo portal), Logout. Subir tese/dissertação,



Base de alunos, Base de professores, Agenda, Fórum, Links, Livraria Virtual, Leituras, Classificados.

NaviNuke – este módulo foi instalado para implementação da barra de navegação no topo do portal, com formato de um menu drop-down (caixa que abre lista de opções), contendo links para informações estáticas e institucionais. Este menu complementou a navegação com os blocos mencionados acima. A partir destas barras de navegação se estruturaram os links do portal, constituindo assim dois tipos de link no portal: \* os links de navegação estrutural encontrados nas barras de navegação, que resumem as estrutura do espaço de informação e permitem aos usuários a visita a outras partes do espaço; \* os links associativos que estão distribuídos ao longo do conteúdo das páginas, são palavras de cor laranja que apontam para outras páginas do portal, como referências adicionais. Os links ativos estão em laranja escuro, e os links visitados estão em laranja claro e negrito, e desativamos o sublinhado. Esta escolha se deu baseada em pesquisas de usabilidade da WEB. Os links com cores quentes, como laranja e vermelho se destacam, chamando a atenção do usuário. Evitamos sempre que possível o uso do "Clique AQUI" como texto âncora para para um link. Ao invés, colocamos o links sobre as palavras-chaves que oferecem um breve resumo do tipo d e informação adicional disponível.

Calendário – um módulo que permite registrar datas prefixadas para a realização de determinados eventos, como defesas de tese de doutorado, apresentações de dissertação de mestrado, projetos de qualificação, reunião dos núcleos de pesquisa, atividades previstas para os próximos meses, como; colóquios, seminários, conferências, participação dos docentes e pós-graduandos em eventos etc. Este módulo foi instalado para constituir a AGENDA do PPGCOM.

Conteúdo – este módulo permite a arquivar documentos diversos. Foi adaptado e utilizado para a constituição da seção LEITURAS do portal. Onde constam as seguintes categorias: Correspondências para apresentação de troca de cartas, bilhetes, telegramas ou e-mails entre estudiosos da mídia; Audiovisual para as emissões de Rádios renomadas e vídeos que visam difundir e promover uma reflexão sobre temas diversos dentro da área de comunicação e cultura; Antologias para a coleção de trechos em prosa e/ou em verso,

selecionados e retirados de obras de autores renomados; Entrevistas para os colóquios e encontros aqui transcritos a fim de divulgar ou elucidar atos, idéias, reflexões, etc. de pensadores das tecnologias da comunicação; Ensaaios para a produção literária em prosa, analítica ou interpretativa, sobre os temas das linhas de pesquisa da ECO.Pos; Crônicas para pós-graduandos e professores pesquisaram ou compuseram textos redigidos de forma livre e pessoal, tendo como temas fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, relativos à vida cotidiana, etc.; Resenhas para descrições, críticas e comentários recolhidos sobre a bibliografia da Pós-Graduação na ECO.Pós-UFRJ.

Downloads – módulo que permite a disponibilidade de arquivos para descarga. Este módulo foi utilizado para montar a seção SECRETARIA, onde foram dispostas as categorias: Diversos para arquivos e documentos como a lauda padrão da ECO.Pos-UFRJ, logo da ECO.Pos etc; Edital para o presente edital de abertura de concurso para ingresso na ECO.Pós-UFR, as provas anteriores, resultados do processo de seleção e documentos necessários para inscrição; Formulários como de prestação de contas da taxa de bancada do cnpq; de escolha do orientador; de inscrição na pós-graduação etc.; Relatórios como de atividades do bolsistas, prestando contas do andamento de seu curso, de produção acadêmica; Dissertações de Mestrado com as dissertações concluídas na ECO.Pos a partir de 2004, para baixar, em formato zip, na íntegra; Teses de Doutorado com as teses concluídas na ECO.Pos a partir de 2004, para baixar, em formato zip, na íntegra.

Administrador – recurso do sistema PHPNuke para entrada dos administradores. Este recurso não requisitou adaptação, foi utilizado exatamente para a seleção dos cadastrados que seriam incluídos na categoria de administradores do portal ECO.Pos-UFRJ.

Grupos – recurso para estabelecer os grupos de acesso ao portal. Este recurso foi utilizado para criação dos grupos: Professores, Estudantes e Funcionários. E permite o envio de boletins para cada grupo individualmente e para todos os grupos juntos.

Usuários – recurso para gerenciar os cadastros de usuários do portal. No caso do portal ECO.Pos-UFRJ o cadastro deveria ser efetuado pelos próprios alunos, e cabia a

administração do portal aprovar os cadastros e não aprovar quando fossem cadastros de não integrantes do programa.

Enciclopédia – este módulo permite a criação de uma obra de referência que expõe metodicamente os fatos, as doutrinas, resultados do saber humano universal ou específico de um ramo do conhecimento, biografias de grandes vultos, etc., e na qual se adota em geral a ordem alfabética. Este módulo foi adaptado e utilizado para a seção de TERMOS & NOÇÕES do corpo docente. O objetivo desta seção é introduzir os Pós-Graduandos da ECO ao pensamento teórico de seus Professores, apresentando conceitos chaves, através de trechos de suas obras e das obras dos autores que os influenciaram, de forma a mostrar determinados tópicos essenciais da reflexão de cada um. Apesar das limitações e omissões inevitáveis quando se trata deste tipo de seleção, acreditei que o objetivo de mostrar as principais linhas do pensamento de nossos Professores resiste a este corte, tornando possível a tarefa modesta visada por esta seção do Portal.

Efemérides – este módulo foi inicialmente instalado e utilizado para publicar acontecimentos previstos durante o ano, como feriados, mas depois foi desativado.

FAQ – este módulo foi utilizado para registro das dúvidas mais freqüentes em relação ao portal.

Fórum – este módulo foi utilizado como espaço para debate e reflexão sobre várias questões acadêmicas e administrativas de interesse do próprio programa.

Referências de HTTP – este recurso indica quais sítios na Internet remetem para o portal ECO.Pos-UFRJ. No caso, auxilia bastante o reconhecimento da presença na Internet, indicando todos os outros sítios que referenciam o portal.

Módulos – este recurso do sistema permite gerenciar todos os outros módulos, definindo quais ficam ativos, quais ficam inativos, possibilita definir também a nomenclatura, a posição na lateral esquerda ou direita, e os grupos que podem acessar o módulo ou não.

Boletins – este módulo permite o envio de mensagens editadas em HTML, para os alunos, professores e funcionários cadastrados no portal.

NukeContact – este módulo permitiu a constituição do Atendimento On-line do portal, onde foram inseridos os contatos com: o coordenador, a secretaria, o professor representante de cada Núcleo de Pesquisa, a administração do portal, o Espaço.SIGMA e a Plataforma Lattes.

NukeC – é um módulo para anúncio classificado e foi utilizado para alunos, professores e funcionários colocarem anúncio de venda, troca e compra de computadores, estantes, mala etc.

Optimize DB – este recurso permite fazer cópia de segurança e recuperação do banco de dados.

PubVoice – este módulo foi instalado e adaptado para alunos e professores publicarem livremente pequenos textos com o fim de chamar a atenção para um acontecimento ou evento importante no PPGCOM.

Revisão – este módulo serve para registrar críticas ou comentários sobre: notícias publicadas no quadro de avisos on-line da secretaria, sobre seção leituras, sobre a seção secretaria, enfim, sobre qualquer material que se encontra publicado no portal.

Gerenciador de seções – este módulo foi instalado e adaptado para as páginas com material sobre o PPGCOM. São páginas cujo o conteúdo não sofre constantes mudanças, pois são informações já sedimentadas sobre o PPGCOM.

Preferências – este recurso do sistema permite estabelecer todas as configurações do portal, como: tema, email do administrador, diretórios onde devem ser guardados os arquivos enviados para o portal etc.

Envios – este recurso possibilita gerenciar as notícias enviadas para o portal, permitindo definir filtrar, editar, aprovar e publicar ou não o material. No caso do portal ECO.Pos-UFRJ este recurso foi adaptado para ser usado em outras seções também, não se restringindo ao envio de notícias ao portal, mas também para o envio de textos para seção Leituras, cabendo ao administrador fazer a transferência do material.

Enquete – recurso utilizado inicialmente para levantamento de dados sobre as opiniões dos integrantes do PPGCOM cadastrados no portal, acerca de determinado assunto referente ao PPGCOM.

Tópicos – este recurso permite a definição dos tópicos das notícias a serem postadas no quadro de avisos do portal. No caso foram criados os seguintes tópicos: ECO.Pos (para notícias do PPGCOM); Informativos (sobre bolsas, empregos etc); Eventos (no meio acadêmico); Publicações (chamadas de trabalhos e livros ou periódicos publicados recentemente).

Weblinks – módulo que permite organizar endereços eletrônicos sobre outros sítios na Internet pertinentes para os integrantes do PPGCOM, como: Acessos Institucionais (com links para CNPq, CAPES, FAPERJ etc.); Periódicos da área de Comunicação; Bibliotecas virtuais e editoras.

Além destes módulos e recursos do PHPNuke também foram utilizados outros programas livres para complementar as necessidades do PPGCOM. Relaciono abaixo os programas e suas respectivas utilidades e funções.

O MOODLE<sup>62</sup>, distribuído gratuitamente em <http://moodle.org>, este gerenciador de conteúdo de cursos foi instalado para a disposição dos programas das disciplinas. Oferece principalmente:

Avaliações do Curso – este módulo contém questionários de avaliação de cursos baseados em teorias construtivistas, específicos para ambientes de aprendizagem virtuais. Este tipo de atividade favorece a reflexão sobre os processos de aprendizagem durante o curso. O

objetivo dos questionários é fazer uma pesquisa sobre as posturas dos participantes do curso perante a aprendizagem e a reflexão crítica. Com base nos resultados destes questionários, pode-se identificar os fenômenos sociais e tendências individuais que caracterizam os processos de aprendizagem ao longo do curso, com o objetivo de avaliar a adequação das práticas adotadas e otimizar estes processos. ii Este módulo é importante, pois como diz P. Freire<sup>63</sup>:

*“[...] Não é possível praticar sem avaliar a prática. Avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos alcançar com a prática. A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões. A avaliação corrige a prática, melhora a prática, aumenta a nossa eficiência. O trabalho de avaliar a prática jamais deixa de acompanhá-la [...]”.*

Salas de bate-papo – (chat) este módulo permite a realização de uma discussão textual via web em modalidade síncrona. Esta atividade pressupõe a presença e participação do professor.

Diários – (weblog ou blog) este módulo corresponde a uma atividade de reflexão orientada por um moderador. O professor pede ao estudante que reflita sobre um certo assunto e o estudante anota as suas reflexões progressivamente, aperfeiçoando a resposta. Esta resposta é pessoal e não pode ser vista pelos outros participantes. O professor pode adicionar comentários de feedback e avaliações a cada anotação no Diário e orientar o aluno caso sinta que este esteja com dúvidas ou apresentando algum problema no aprendizado. Neste sentido, o diário permitiria trabalhar a “Zona de Desenvolvimento Proximal” (VYGOTSKY, 19), isto é, permitiria ao professor ajudar o aluno na solução de problemas que este apresentasse no decorrer do aprendizado. Pois, como colocado por E. Morin<sup>64</sup>:

*“[...] A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar [...]”.*

Fóruns – os fóruns têm diversos tipos de estrutura e podem incluir a avaliação recíproca de cada mensagem. As mensagens são visualizadas em diversos formatos e podem incluir anexos. Os participantes do fórum têm a opção de receber cópias das novas mensagens

via email, e os professores de enviar mensagens ao fórum com cópias via email a todos os participantes. Este módulo também é importante, pois, como colocou P. Lévy, “não basta que cada um de seus membros receba a mesma mensagem” é preciso construir conjuntamente:

*“[...] as redes de associações, anotações e comentários às quais eles são vinculados pelas pessoas. Ao mesmo tempo, a construção do senso comum encontra-se exposta e como que materializada: a elaboração coletiva de um hipertexto [...] conversar fraternalmente com outros seres, cruzar um pouco por sua história, isto significa, entre outras coisas, construir uma bagagem de referências e associações comuns, uma rede hipertextual unificada, um contexto compartilhado, capaz de diminuir os riscos da incompreensão [...]” (LEVY, 1993, pg. 72-73)*

Materiais – os materiais são todos os tipos de conteúdos que serão apresentados no curso. Podem ser documentos (pdf, doc, txt, gif, jpg) arquivados no servidor, páginas criadas com o uso do editor de textos ou arquivos de outros sítios visualizados no ambiente do curso. Ou seja, permite ao professor dispor uma vasta gama de material para facilitar o aprendizado do aluno.

Ainda existem muitos outros módulos a serem explorados, citei apenas os elementares para dar uma idéia do potencial deste programa.

O outro programa instalado e adaptado para complementar o portal foi o PHPAlumni, que serviu como banco de dados dos pós-graduados do PPGCOM. Oferece basicamente: na “Página Inicial” um texto de apresentação do banco de dados, os aniversariantes do mês e um quadro de avisos com informações de oportunidades de emprego, ou apresentando parabéns a algum pós-graduado por uma grande realização no meio acadêmico. A seção “Meu Perfil” abre uma ficha do pós-graduado com dados pessoais e informações sobre o emprego atual. A seção “Lista de Membros” é onde todos os pós-graduandos e professores da ECO-Pós.UFRJ podem ser encontrados. É possível navegar pela lista em ordem alfabética, e também se pode pesquisar através do Motor de Busca para encontrar alguém em particular. O objetivo desta seção “Orientadores & Orientandos” é oferecer ao Professor da ECO-Pós.UFRJ uma listagem de contatos de seus orientandos, tendo fácil acesso ao seu perfil. O Pós-Graduado também pode compor sua lista de contatos com os Professores da ECO-Pós.UFRJ através desta seção. Se qualquer um dos membros desta lista modificar seu próprio perfil, os demais cadastrados são informados via e-mail. A

seção “Fórum” visa conscientizar e sensibilizar a comunidade acadêmica da ECO para a importância da participação da Universidade no processo de integração de seus pós-graduados no cenário de competitividade no Mercado de Trabalho dos dias de hoje. Isso seria feito através de um acompanhamento das atividades dos pós-graduados da ECO.UFRJ, e avaliação de seus respectivos trabalhos desenvolvidos após a conclusão do curso. O fórum também visa refletir e avaliar a Pós-Graduação da ECO.UFRJ enquanto elemento potencializador na capacitação e formação de recursos humanos em diferentes horizontes de conhecimento na área de Comunicação. Nesta seção “Curso.ECO.UFRJ” estão organizadas as informações sobre os cursos concluídos pelos pós-graduados, com os seguintes dados: Nome; N° de Matrícula; Curso (Doutorado ou Mestrado); Bolsista (sim ou não e agência); Orientador; Linha de Pesquisa; Resumo da Tese ou Dissertação; Palavras-Chaves; Banca Examinadora; Período.

Por fim, o último programa adaptado foi o DaDaBik para a construção da Base Acadêmica, com base em formulários e tabelas de um banco de dados cadastrando todo o corpo discente e docente. Assim sendo, trata-se de um Cadastro Acadêmico onde constam as fichas de todos os pós-graduados, com as seguintes informações: Nome; Identidade; Órgão emissor; Data de emissão (dd-mm-aaaa); CPF; Aniversário (dd-mm-aaaa); 1º E-mail; 2º E-mail; Telefones; Endereço; Cidade; Estado; País; CEP; Profissão; Interesses; N° Matrícula; Curso (Especialização ou Mestrado ou Doutorado) Linha de Pesquisa (Mídia e Mediações Socioculturais ou Tecnologias da Comunicação e Estéticas) Orientador; Título do Projeto; Resumo do Projeto; Tema do Projeto; Palavras-Chaves; Referência Bibliográfica; Bolsa de estudo ( Sim ou Não) Fomentador (Nenhum ou CNPq ou CAPES ou FAPERJ); Nome e N° da Agência Bancária (caso bolsista); N° da Conta (caso bolsista); Data de Ingresso na Pós (dd-mm-aaaa); Data de Conclusão da Pós (dd-mm-aaaa); Graduação; Especialização; Mestrado; Doutorado; Estágios; Atividades Acadêmicas no Semestre; Objetivos futuros.

- Xoops para o sítio do LECC e da Revista E.Pos

Para o sítio do Laboratório de Estudo de Comunicação Comunitária (LECC) e para a Revista digital E.Pos selecionei o programa livre Xoops, disponível para baixar em



<http://www.xoops.org/>, que também oferece uma série de módulos, dos quais adotei, instalei e adaptei os seguintes:

WFSection – este módulo permite a organização e arquivamento de textos. No caso da Revista E.Pos, praticamente, só utilizei este módulo. Sendo uma revista semestral, com o único objetivo de publicar e apresentar os trabalhos de final de curso do corpo discente, as pesquisas do corpo docente e alguns trabalhos dos graduandos, estabeleci as categorias apenas por semestre, por exemplo: Revista 2004.1, Revista 2004.2 e assim por diante, sem trabalhar com temáticas. No caso do sítio do LECC, utilizei este módulo para a atividade intitulada pelo laboratório de “Ciclo de Leituras”. Presumindo que o ciclo de leituras se trata de um conjunto de textos que circula pelo grupo durante algum tempo, e sobre o qual os integrantes devem refletir e debater.

WordPress – trata-se de um “blog” adaptado como módulo utilizado para anotar as ocorrências importantes de cada jornada de trabalho.

Pdownloads – este módulo permite o armazenamento de arquivos e sua descrição, visando sua disponibilidade para descarga. Este módulo foi utilizado no sítio do LECC para arquivar e apresentar toda a publicação dos integrantes do laboratório resultante da pesquisa lá entabulada.

Sections – este módulo é semelhante ao módulo wfsection, mas oferece poucos recursos para a organização de textos, é bem simples. Por isso utilizei este módulo apenas para a apresentação do laboratório, criando a categoria “Saiba mais sobre o LECC ...” e sob esta categoria as seguintes subcategorias:

News – este módulo é próprio para um noticiário e foi instalado e adaptado para o LECC com este propósito. Para isto criei as categorias: Informativos (sobre acontecimentos ligados a pesquisa do grupo, como manifestações etc); Eventos (no meio acadêmico ligados a temática de pesquisa do grupo); Publicações (chamadas de trabalhos e livros ou periódicos publicados recentemente pertinentes para a pesquisa do grupo); Ciclos de Leituras (para notícias sobre esta própria atividade desenvolvida pelo grupo); Pesquisa Coletiva (também

para notícias sobre esta própria atividade desenvolvida pelo grupo); Cursos (para noticiar a oferta de cursos promovidos pelo LECC).

PiCal – este módulo é um calendário e agenda que permite registrar datas prefixadas para a realização de determinados eventos ligados ao laboratório, como: reuniões do grupo, data de inscrição nos cursos etc.

Fórum – este módulo foi utilizado como espaço para debate e reflexão sobre as funcionalidades e atividades do laboratório.

Links – este módulo permite organizar endereços eletrônicos sobre outros sítios na Internet pertinentes para os integrantes do LECC, como: Acessos Institucionais (com links para instituições ligadas ao trabalho comunitário etc.) e Periódicos (que contenham artigos debatendo as temáticas de pesquisa do LECC).

FAQ – este módulo foi utilizado para registro das dúvidas mais frequentes em relação ao uso do sítio do LECC.

Fale Conosco – módulo instalado para contato com o laboratório via email.

- TikiWiki para o sítio de estudo do Macunaíma

Para construção do sítio de estudo sobre a obra literária Macunaíma de Mario de Andrade, selecionei o programa TikiWiki, distribuído gratuitamente em <http://tikiwiki.org/>, que oferece vastas possibilidades para um trabalho interativo e cooperativo, também com diversos módulos disponíveis para integração ao sítio. Vejamos abaixo os que selecionei, instalei, adaptei e utilizei.

Agenda – este módulo é um calendário, como os anteriores, que permite registrar datas prefixadas para a realização de determinados eventos a serem promovidos pelo grupo de estudo.

Boletim – este módulo também permite o envio de mensagens para os integrantes do grupo de estudo cadastrados no sítio.

Diário – este módulo pode ser adaptado de diversas formas, no caso deste sítio Internet de estudo grupal, também foi utilizado para anotar as ocorrências importantes de cada jornada de trabalho.

Bate-papo – este módulo permite a comunicação através de rede de computadores (ger. a Internet), similar a uma conversação, na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas.

Fórum – este módulo foi utilizado como espaço para debate e reflexão sobre as atividades envolvidas na construção do hipertexto sobre Macunaíma.

Links – este módulo permite organizar endereços eletrônicos sobre outros sítios na Internet pertinentes para os integrantes do grupo de estudo sobre Macunaíma.

Enquete – módulo que permite a elaboração de pesquisas para o levantamento de dados sobre as opiniões do público acerca de determinado assunto.

Galeria de imagens – módulo que permite a coleção e disposição de imagens de natureza diversa, como fotos do autor Mario de Andrade e de sua época, etc.

Galeria de arquivos – módulo que permite organizar um conjunto de documentos, no caso de um núcleo de pesquisa, por exemplo, recortes de jornal, de revistas, correspondência particular, anotações pessoais, memória das reuniões, trabalhos, artigos, análises, etc.

Tendo visto todo este processo de apropriação dos programas livres, passo adiante, para o próximo capítulo. Realizado este ato de comunicação projetado, em que ocorreu a implementação dos diferentes sítios, abrem-se espaços de informação e de comunicação inimagináveis. São muitas as atividades comunicacionais que podem ser desenvolvidas com

estes programas, isto é, descortinam-se as potencialidades de uma gama variada de novos atos de comunicação. No entanto, como veremos a seguir, a concretização destes atos de comunicação é uma outra questão que nem sempre depende das condições técnicas e dos espaços midiáticos criados para sua efetivação.

### 2.3 O ATO DE COMUNICAÇÃO EM SI

O projeto de comunicação se transformou em um trabalho, as lacunas foram preenchidas, as variáveis receberam valores conforme a ação progrediu (SCHUTZ, 1979). Ou seja, o projeto se tornou uma ação minha no mundo exterior, baseada em meu projeto, e esta ação foi justamente caracterizada pela intenção de realizar o estado de coisas projetado por mim (SCHUTZ, 1979). Agora, existem aspectos interessantes a serem notados no trabalho consumado. Em uma análise retrospectiva do produto final deste ato de comunicação se sobressaem os pontos apresentados nos parágrafos subseqüentes.

Considero, como afirma P. Ricoeur, que somente pela mediação da leitura o texto obtém significação completa (RICOEUR, 1985, pg. 286.). Portanto, acredito que profundas modificações nas condições de acesso ao texto implicam necessariamente modificações no texto, assim também coloca R. Chartier, ao dizer que: “o processo pelo qual um leitor atribui sentido a u texto depende, conscientemente ou não, não somente do conteúdo semântico deste texto, mas também das formas materiais pelas quais este foi publicado, difundido e recebido”<sup>65</sup>.

Aliás, diversos estudiosos, não só da área de comunicação, demonstraram que os suportes da memória humana não são simples interfaces de registro da memória, estes suportes condicionam a própria produção da memória. Estes suportes transformam as capacidades cognitivas da humanidade. Daí a importância de se conjecturar sobre o modo de operar da razão humana submetido à disciplina imposta por determinadas técnicas.

J. Goody fez um estudo aprofundado demonstrando que a escrita trouxe, entre diversas outras coisas, a capacidade de abstração e generalização. Segundo ele:

*“a variação dos modos de comunicação é freqüentemente tão importante quanto os modos de produção, porque ela implica um desenvolvimento tanto das relações entre os indivíduos quanto das possibilidades de estocagem, de análise e de criação na ordem do saber”<sup>66</sup>.*

A escrita, conseqüentemente, desenvolveu novas possibilidades de estocagem, análise e criação na ordem do saber (GODDY, 1979):

*“[...] mais precisamente, a escrita, sobretudo a escrita alfabética, tornou possível uma nova forma de examinar o discurso graças à forma semi-permanente que ela dá a mensagem oral. Este meio de inspeção do discurso permitiu acrescentar o campo de atividade crítica, favoreceu a racionalização, a atitude céptica, o pensamento lógico [...] se desenvolveu a possibilidade de acumular conhecimentos, em particular conhecimentos abstratos, por que a escrita modificou a natureza da comunicação a estendendo além do simples contato pessoal e transformou as condições de estocagem da informação; assim tornou-se acessível aos que sabiam ler um campo intelectual mais extenso. O problema da memorização cessou de dominar a vida intelectual; o espírito humano pode se aplicar ao estudo de um ‘texto’ estático, liberado dos entraves próprios às condições dinâmicas da ‘enunciação’, o que permitiu ao homem tomar distanciamento em relação a sua criação e de examinar de maneira mais abstrata, mais geral, mais ‘racional’. Tornando possível o exame sucessivo de um conjunto de mensagens dispostas em um período muito mais longo, a escrita favoreceu simultaneamente o espírito crítico e a arte do comentário por um lado, o espírito de ortodoxia e o respeito do registro por outro lado [...]” (GODDY, 1979, pg. 87) <sup>67</sup>.*

W. Ong recuperou várias pesquisas sobre o processo de interiorização da escrita entre os gregos, para estudar as diferenças entre as culturas orais e as culturas escritas. Ele relembra que nos textos de Platão foram apresentados vários argumentos contra a escrita, que se sedimentava naquele momento da história grega. Platão escreve o que sai na boca de Sócrates, personagem que não deixou nenhum escrito conhecido. O problema principal dos argumentos de Platão contra a escrita é que ele teve que usá-la para estabelecê-los. W. Ong observa que os argumentos contra a escrita por Platão são os mesmos usados hoje contra os computadores <sup>68</sup>. A passagem da cultura oral para a cultura escrita foi bem estudada neste século e permitiu identificar na Grécia Clássica um momento de interiorização da escrita. W. Ong considera que faz parte da escrita os mais variados instrumentos utilizados nos registros, como também as transformações que ela causou e causa na consciência humana. Para ele estas transformações foram e são condicionantes para o desenvolvimento dos potenciais humanos mais elevados. Ele define a escrita como uma tecnologia <sup>69</sup>. W. Ong vê as tecnologias não apenas como aparatos auxiliares externos, mas transformações que atingem o interior da consciência, desenvolvendo-a <sup>70</sup>.

E. L. Eisenstein (1993) e M. McLuhan (1969) mostraram a importância do advento da imprensa na civilização ocidental, e como esta foi um fator determinante para as grandes mudanças do século XV, entre as quais a Renascença, a Reforma e o nascimento das ciências

modernas. A disseminação de informações ‘estruturadas’ pela imprensa criou novos hábitos da leitura e certamente de pensar. Logo no início de sua apropriação dentro da esfera pública a imprensa catalisou um processo de democratização através da expressão literária.

Segundo D. Olson (1994), a forma escrita e em especial a forma impressa modificaram a maneira de pensar das pessoas. Em seu livro “The World on Paper”, D. Olson coloca pesquisas feitas por Vygotsky, Luria, Scribner e Cole, que demonstraram como, ao lidar com silogismos, indivíduos alfabetizados respondiam às perguntas baseando-se nas premissas, enquanto indivíduos não alfabetizados respondiam às perguntas baseando-se apenas em suas crenças <sup>71</sup>.

Da perspectiva da midiologia, há uma correlação entre os símbolos e sistemas de organização nas sociedades, ou melhor, sistemas técnicos (estabilização da evolução em torno de uma tecnologia) que servem de ponto de equilíbrio aos sistemas sociais (econômicos, religioso, políticos, educativos, jurídicos). Em outros termos, as funções sociais não podem ser estudadas independentemente das estruturas sociais e técnicas de transmissão. Para a midiologia a mensagem é incorporada pela mídia, e assim ambas se condicionam. A mídia não tem só um papel na transmissão de uma mensagem, mas diversos, pois é constituída por materiais organizados e organizações materializadas.

Quadro do Médium retirado do livro “Introduction à la Midiologie” (DEBRAY, 2000, pg. 127-128).

<b>VETOR TÉCNICO</b>	<b>VETOR INSTITUCIONAL</b>
Material Organizado	Organização Materializada
MO 1: suporte físico (estática – página dinâmica – ondas sonoras)	OM 1: Código lingüístico (latim, inglês, etc.)
MO 2: o modo de expressão (texto, imagem, som, etc.)	OM 2: Quadro de organização (cidade, escola, igreja, etc.)

MO 3: dispositivo de circulação (em cadeia, em rede, etc.)	OM 3: A matriz de formação (organização conceitual da mensagem)
Vetor externo de transporte	Vetor interno de elaboração
O mundo dos objetos	O mundo da vida
Médium techno-típico, objetivo, cartografável, performance mensurável (rapidez, volume, custo, etc.)	Médium étnico – cultural, suporte de uma engenharia subjetiva, co- extensivo aos agentes e invisível a ambos
o suporte como via de transporte (a estrada, a tela, o papel, etc.)	1.O meio cultural (cultura romana, helênica, norte- americana, etc.)
O veículo como meio de transporte (bicicleta ou automóvel, alfabeto ou ideograma, pintura ou foto, etc.)	2.O corpo coletivo condutor (empresa, estabelecimento, instituição – museu, editora, escola, canal, etc.)
A rede como modo de transporte (rodoviário, impresso, digital, etc.)	3.O código conceitual indutor (o modo de configuração interno de uma mensagem)

**Ilustração 4 - O “médium”**

Nestes termos, por exemplo, uma transmissão por hipertexto em um meio acadêmico se organizaria da seguinte forma: MO 1 = os materiais utilizados (um texto, um computador incluindo hardware e software, um modem, uma rede a grande distância – MAN, Metropolitan Area Network – um router, uma linha telefônica, fibras óticas, etc.); MO 2 = os dispositivos internos da profissão (a universidade, e todas as outras instituições ligadas a rede da Internet); MO 3 = os tipos de objetos manufaturados (discursos hipertextualizados). OM 1 = os códigos figurativos (o formato em html, o som em mp3, imagens em gif etc); MO 3 = a organização institucionalizada dos fabricantes e agentes de circulação do gosto literário (editoras, bibliotecas, universidades, críticos da literatura, professores, etc.); OM 3 = os rituais de congressos, palestras nas escolas e universidades on ligne.



## ○ POTENCIALIDADES DO HIPERTEXTO

Seguindo os princípios dos autores arrolados acima, procuro, no decorrer dos parágrafos que se seguem, demonstrar, após o projeto consumado, através de experiências próprias e pessoais com a criação hipertextual, como esta técnica – assim como a escrita, a imprensa, o vídeo – apresenta novas possibilidades comunicacionais. Ou seja, recorrer a esta nova tecnologia da comunicação introduz inevitavelmente um conjunto de modificações nas formas e no ato de emitir, transmitir e receber mensagens, que estão suscetíveis a este novo ambiente.

Neste sentido, todos os hipertextos construídos são exemplo disso. E, justamente porque todos apresentam basicamente as mesmas funcionalidades e recursos, ratifico as declarações acima, através de uma apresentação das potencialidades do *Macunaíma* em hipertexto, construído com TikiWiki. Expondo, desta forma, o que os interessados podem fazer com esta NTIC.

Início esta apresentação através da tela inicial da obra literária Macunaíma:



Ilustração 5 - Tela de apresentação do Hiper-Macunaíma para um internauta

A ilustração acima demonstra a tela de apresentação a um internauta desconhecido navegando pela Internet. Este internauta tem acesso restrito, não podendo interagir muito

com o hipertexto. Como o escopo desta tese recai sobre o autor do Hipertexto de Macunaíma, trabalho doravante somente com a interface para o que caracterizei como editor <sup>72</sup>. Logo após efetuado o login, se apresentam diferentes estações de trabalho para o usuário do grupo “editor”. Estas estações de trabalho são regidas por um princípio ergonômico constituindo uma interface que dá acesso a uma série de controles e efetuação de variadas operações.

O que qualifico como estação A:



Ilustração 6 - Estação de Trabalho A

permite editar a página. Clicando sobre o primeiro botão EDITAR na barra de navegação, como demonstra a ilustração acima, o usuário editor é enviado para outra página, onde aparecem comandos de um processador de texto.

Ilustração 7 - Tela de editoração de página



Na página de edição de texto, o primeiro comando (ícone semelhante a duas folhas de papel) oferece a possibilidade de criação de uma página. O editor marca a palavra que deseja transformar em link, clica sobre este comando, e a palavra aparece então entre parênteses, exemplo: ((Macunaíma)). Após salvar a página, a palavra-hyperlink aparece com um ponto de interrogação, exemplo: Macunaíma?. Clicando sobre o ponto de interrogação o usuário é levado para a página de edição de Macunaíma, onde pode inserir o texto. Depois de salva, esta página se apresenta fora da estrutura em árvore. Ao invés de aparecer a barra de navegação padrão no topo da página, aparece apenas um link à página que a referenciou junto com o ícone para edição, impressão e transferência para o formato pdf da página, exemplo: Os comandos seguintes oferecem traçar uma sublinha ou itálico ou negrito ou cor ou centralizar palavra ou frase para prestar-lhe maior realce. Os comandos subseqüentes oferecem estilos diferentes para títulos, isto é, um conjunto de características de formatação que podem ser aplicadas ao texto, tabelas e listas do documento para destacar sua aparência e estabelecer uma hierarquia. Depois, vem o comando que permite criar e alterar tabelas; o comando que permite inserção de imagem; o comando que permite inserção de caracteres especiais, como: Á ã Ä. Ö; depois o comando que permite inserção de hyperlinks para sítios Internet externos; e por fim, o comando que permite inserção de régua para separação de conteúdos.

Mais abaixo é sinalizada a estrutura a qual a página pertence, junto ao hyperlink “Administrar estruturas” que leva a página de montagem da estrutura do hipertexto, que vamos analisar mais tarde.

Os botões seguintes, “Remover a página”, “Re-nomear a página” e “Travar a página” são auto-explicativos, e não envolvem muitas operações. Apresento as telas abaixo:

The screenshot shows a web interface with a yellow background. At the top, the title "Renomear a página: Mario de Andrade" is displayed in red. Below the title, there is a label "Novo nome:" followed by a text input field containing "Mario de Andrade" and a button labeled "renomear". At the bottom of the interface, there is a horizontal row of eight buttons: "editar", "remover", "renomear", "travar", "perms", "histórico", "similares", and "exportar".

Ilustração 8 - Tela para re-nomear página

The screenshot shows a web interface with a yellow background. At the top, the title "Remover a página: Mario de Andrade (versão: last)" is displayed in red. Below the title, there is a message: "Você está prestes a remover a página Mario de Andrade permanentemente." followed by a checkbox labeled "Remover todas as versões desta página:". Below the checkbox is a button labeled "remover". At the bottom of the interface, there is a horizontal row of eight buttons: "editar", "remover", "renomear", "travar", "perms", "histórico", "similares", and "exportar".

Ilustração 9 - Telas para remover página

Clicando sobre o botão “Permissões da página” o editor é levado para uma tela onde se apresentam duas operações:

Ilustração 10 - Tela para permissões da página

### Definir permissões para a página: Mario de Andrade

Permissões atuais para esta página:

grupo	permissão	ação
Nenhuma permissão individual, permissões globais em efeito		

**Assign permissions**

atribuir  ao grupo  para

### Enviar notificações por email sobre alterações nesta página para:

adicionar endereço de email:

**Notificações:**

A primeira operação é de determinar os grupos de usuário que terão acesso à página. Isto implica que posso, por exemplo, bloquear a página para usuários anônimos e abrir somente para registrados, editores e administradores. A segunda operação permite adicionar e-mails que devem ser notificados quando qualquer alteração for efetuada sobre a página.

O botão “Histórico” leva para a página onde se apresentam todas as versões da página, desde que foi concebida.

### Histórico de: Mario de Andrade

del	Data	Ver	Usuário	Ip	Comentário	Ação
<input type="checkbox"/>	13-Nov-2004 [12:59]	7	RCardoso	200.146.155.150		atual
<input type="checkbox"/>	13-Nov-2004 [12:42]	6	RCardoso	200.146.155.150		v b c d s
<input type="checkbox"/>	13-Nov-2004 [12:36]	5	RCardoso	200.146.155.150		v b c d s
<input type="checkbox"/>	13-Nov-2004 [12:31]	4	RCardoso	200.146.155.150		v b c d s
<input type="checkbox"/>	13-Nov-2004 [12:20]	3	RCardoso	200.146.155.150		v b c d s
<input type="checkbox"/>	13-Nov-2004 [12:14]	2	RCardoso	200.146.155.150		v b c d s
<input type="checkbox"/>	10-Nov-2004 [12:45]	1	system	0.0.0.0	created from structure	v b c d s

Ilustração 11 - Tela para histórico da página

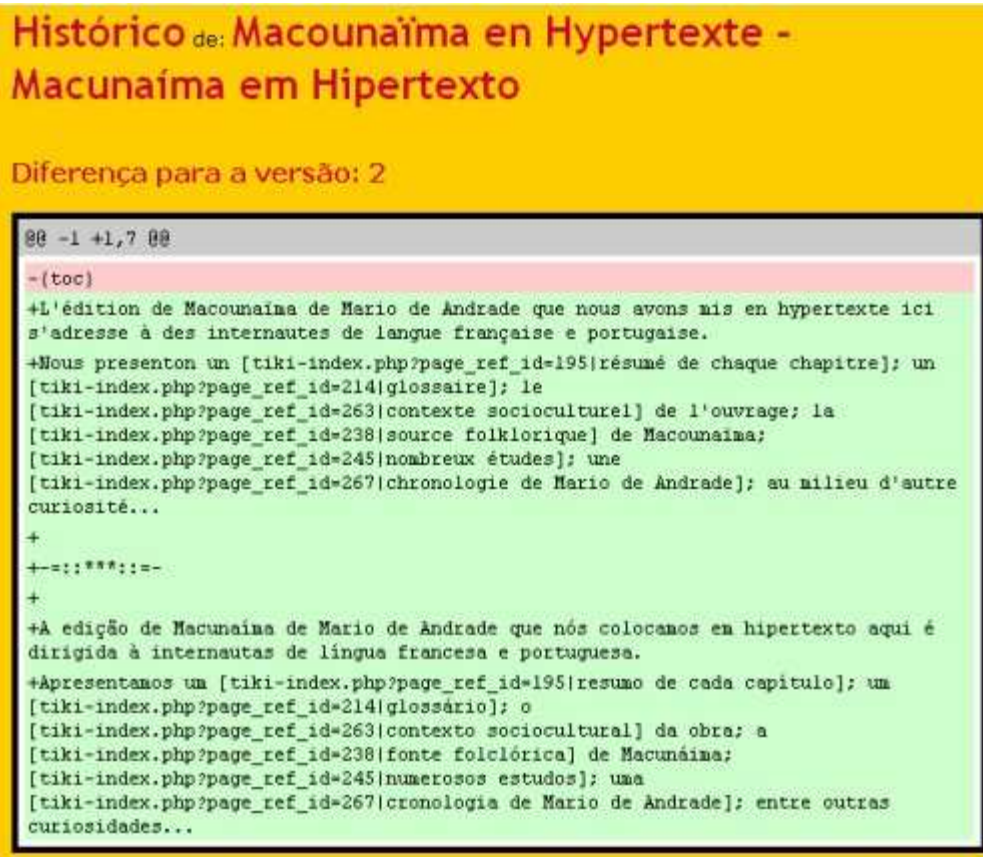


Os comandos de ação permitem: “v” ver a versão antiga; “b” restaurar uma versão da página; “c” comparar versões da página, por exemplo, a versão atual com a última versão, como demonstra a ilustração abaixo;



Ilustração 12 - Tela do Histórico comparando versões da página

“d” ver as diferenças e comparar as versões em termos de comandos de editoração, como demonstra a ilustração abaixo;



por fim, a ação “s” permite visualizar os comandos de editoração de qualquer versão da página em questão, como demonstra a ilustração abaixo.

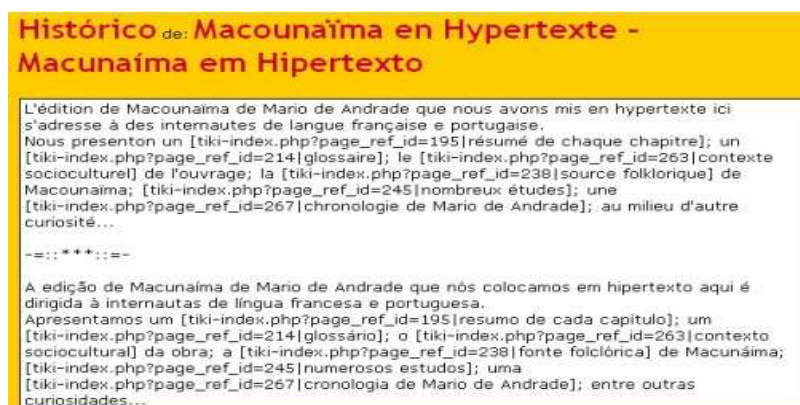


Ilustração 13 - Tela de Histórico com a fonte da página

O botão “Similares” leva para uma página com uma listagem das outras páginas do hipertexto que estão de alguma forma ligadas a página em questão, vide ilustração abaixo:

Ilustração 14 - Tela de Histórico com listagem de páginas similares



O botão “Desfazer” permite desfazer a última editoração de página. O botão “Slides” gera uma apresentação em slides das páginas contidas na estrutura em árvore do hipertexto, como demonstra o exemplo mais abaixo. E, clicando sobre o ícone da tomada retorna-se a visualização normal da página.

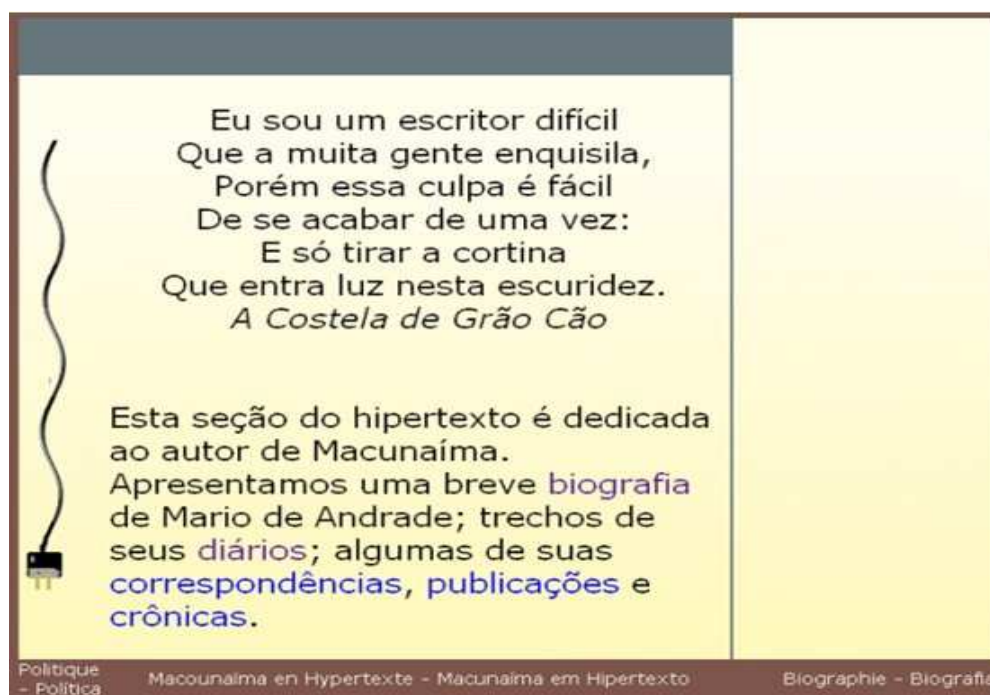


Ilustração 15 - Tela de slides

O botão “Exportar” permite exportar o código wiki para importá-lo em outro tikiwiki. O botão “Adicionar um comentário” permite adicionar um comentário no final da página, como demonstra a ilustração mais abaixo.



editar remover renomear travar perms histórico similares desfazer slides exportar adicionar um comentário anexar um arquivo

Enviar novo comentário: pré-visualização enviar

Título **Obrigatório**

Emoções

Comentário

**Dicas para a edição:**  
 Usar [http://www.foo.com] ou [http://www.foo.com|descrição] para links.  
 Tags HTML não são permitidos em comentários.

Ilustração 16 - Tela de comentário

E, por fim, o botão “Anexar um arquivo”, como demonstra a ilustração abaixo, permite juntar um documento relacionado a página.

editar remover renomear travar perms histórico similares desfazer slides exportar adicionar um comentário anexar um arquivo

Carregar arquivo: Browse... comentário: anexar

Ilustração 17 - Tela para anexar arquivo

Como se pode ver, os comandos disponíveis para editoração nesta estação de trabalho, como marcar palavras ou torná-las hyperlinks, selecionar passagens da obra ou extratos de outras obras criando uma relação entre estes documentos, marcar trechos inteiros etc., isto são decisões que implicam necessariamente operações de leitura, de comentário do texto e de escrita sobre ele. Ou seja, no hiper-tratamento de um texto não é mais possível distinguir o que é uma leitura auxiliada pelo computador e o que é uma escrita auxiliada pelo computador. Leitor e autor tornam-se uma coisa só na construção hipertextual.

Na construção hipertextual é como se a leitura da obra – segundo U. Eco, atividade cooperativa que leva o destinatário à tirar do texto aquilo que o texto não diz, mas pressupõe, e a religar (ou linkar) o texto com os outros textos de sua bibliografia que fazem parte de sua biografia – fosse concretizada no hipertexto. O texto continua se apresentando como uma máquina preguiçosa que exige do leitor um trabalho cooperativo para preencher os espaços do

não-dito ou já-dito, e com o hipertexto há uma concretização deste preenchimento do não-dito, no sentido de que não fica somente em sua mente, mas é exteriorizado este preenchimento do não-dito.

A construção hipertextual dá asas à interpretação do leitor, permitindo não só que o tecido do texto repleto de espaços brancos, interstícios, sejam preenchidos, mas também, ajudando na atualização (ECO, 1985) do texto e ajudando na construção desta competência ao longo do hiper-tratamento da obra. Em outras palavras, as operações descritas acima permitem uma hierarquização subjetiva da obra literária e do estudo realizado sobre a obra, envolvendo, desta forma, uma atribuição de pesos diferentes às passagens do texto, o que permite, por conseguinte, novos tipos de leitura e a concretização da “competência enciclopédica” do leitor (ECO, 1985).

O que nos remete a R. Ingarden, que faz uma análise da constituição do texto. Para este autor a frase de um texto literário vem carregada de intencionalidade<sup>73</sup>. Intencionalidade esta distribuída pelos elementos que a compõem. Estes elementos em conjunto permitem ao leitor criar em sua consciência o correlato intencional da frase. E esta atividade se processa dentro de uma ordem, na qual primeiro vem o nome – que além de denominar um objeto, também vai prepará-lo para exercer uma função na frase, seja como algo portador de uma qualidade, seja como uma atividade a ser exercida – e em segundo vem o verbo e o complemento, que vão preencher esta expectativa. Assim tanto o nome quanto o verbo se apóiam, um ao outro, e levam a frase a exercer a intenção nela fundada. Logo, toda frase é o resultado de uma operação subjetiva construtora. Da mesma forma que pensamos esta relação entre os elementos da frase, também podemos pensar a relação de uma frase com outras frases. R. Ingarden dá o seguinte exemplo para elucidar tal argumento: “A criança chora. Ela tem duas diagonais iguais perpendiculares uma à outra”<sup>74</sup> (INGARDEN, 1965). Ora, ao lermos estas frases, esperamos que o elemento “ela”, no começo da segunda frase, se refira a criança, mas logo constatamos que não, pelo conteúdo semântico presente nos outros elementos que complementam a frase. Da mesma forma que pensamos esta relação entre os elementos do texto, as frases, também podemos pensar a relação ao longo da construção hipertextual, entre blocos de textos. Através dos elementos contidos no texto é possível estabelecer a construção de hyperlinks ou a soma de arquivos ou comentários, que se inserem

e se envolvem na totalidade objetiva do texto, que se apresenta como que um pano de fundo<sup>75</sup> (INGARDEN, 1965) que permite conexões entre os objetos singulares associados a outros elementos, como: outros textos, imagens, sons etc..

Assim também coloca U. Eco, para quem a atualização das estruturas discursivas de um texto pressupõe o recurso do leitor às regras da língua na qual o texto é escrito, assim como ao que U. Eco chama “competência enciclopédica”. Sendo o processo, mais ou menos, o seguinte: o leitor faz apelo ao seu dicionário de base, identificando as propriedades semânticas das expressões (ex.: “era uma vez uma princesa chamada Branca de Neve”. Princesa é uma entidade sintática, singular, feminina, humana e animada); ele faz apelo às regras de co-referência para não restar ambigüidades; e ele atualiza as seleções contextuais e circunstanciais (ex.: “o gato mia” e “a garota mia”); o leitor se encontra capaz de interpretar, remontando à sua enciclopédia de expressões fixas e registradas pela tradição retórica (ex.: o leitor quando lê a expressão “era uma vez” é capaz de estabelecer que os eventos descritos no texto se referem a uma época histórica imprecisa e remota, e não devem ser tomados como reais); o leitor faz as inferências necessárias, através de sua enciclopédia que comporta “frames”, isto é, estruturas compostas de representações e situações estereotipadas. As inferências são feitas também através da bagagem de leituras do leitor, a competência intertextual, e por fim, U. Eco introduz um outro plano de cooperação interpretativa, a hipercodagem ideológica, cada leitor aborda o texto a partir de uma perspectiva ideológica que faz parte de sua enciclopédia. Acredito que este mesmo processo se dê na construção hipertextual.

W. Iser pode esclarecer melhor o argumento em foco. O (hiper)texto para W. Iser consiste num “modelo de indicações estruturadas” para a imaginação do leitor (visão muito próxima a de R. Ingarden)<sup>76</sup>.

*“[...] Se a princípio é a imagem que estimula o sentido que não se encontra formulado nas páginas impressas do texto, então ela se mostra como o produto que resulta do complexo de signos do texto e dos atos de apreensão do leitor. O leitor não consegue mais se distanciar dessa interação. Ao contrário, ele relaciona o texto a uma situação pela atividade nele despertada; assim estabelece as condições necessárias para que o texto seja eficaz. Se o leitor realiza os atos de apreensão exigidos, produz uma situação para o texto e sua relação com ele não pode ser mais realizada por meio da divisão discursiva entre Sujeito e Objeto. Por conseguinte, o sentido não é mais*

*algo a ser explicado, mas sim um efeito a ser experimentado [...]” (ISER, 1996, pg. 33)*

O texto, literário por exemplo, é captado como imagem, e nesta imagem sucede o preenchimento (HUSSERL, 2000) do que o modelo textual omite, mas ao mesmo tempo esboça em suas indicações estruturadas. Ora, a partir do momento que entramos no campo da imagem, o texto também torna-se um efeito a ser experimentado. A imagem não exige um referencial “coisificado”, objetivado, isto é, não precisa descrever algo existente de antemão. A imagem pode perfeitamente concretizar “coisas” em nossa mente que não existem, então, se caracterizo o texto como imagem, sua apreensão automaticamente vai se caracterizar como uma relação de sujeito <-> objeto. E aqui entra a fenomenologia na teoria de W. Iser. Pois, a relação sujeito <-> objeto é vista na realidade como o sujeito no objeto, e não o sujeito separado do objeto.

Desta forma, não é possível distanciar sujeito-leitor-autor de objeto-texto-sentido, pois a leitura do texto consiste em uma experiência do sujeito com o objeto. O que se sucede na leitura é que o objeto-texto-sentido desperta no autor-leitor a produção de uma imagem-situação. Remetendo a M. Merleau-Ponty (1969), e talvez expandindo a concepção de W. Iser, um texto não teria sentido para o leitor se não falasse daquilo que ele já sabe. E em função de tudo o que o leitor aporta consigo na leitura de um texto, o texto pode lançá-lo para além do mundo .



Ilustração 18 - Estação de Trabalho B

Acredito que a construção hipertextual surge justamente desta atualização do texto efetuada pelo leitor. Mas, não como uma interpretação clássica <sup>77</sup>, pois o texto, como colocado por W. Iser não é algo que deve ser desvendado e explicado, como que uma significação arrancada da obra, abandonando-a “como uma casca vazia” (ISER, 1996, pg. 26). O hipertexto simplesmente concretiza um estudo das condições dos possíveis efeitos estéticos atualizados pela leitura do texto <sup>78</sup>. Isto é, o hipertexto não é fruto e resultado “da velha pergunta sobre o que significa esse poema, esse drama, esse romance” (ISER, 1996, pg. 53). Mas sim, o resultado do que “sucede com o leitor quando com sua leitura dá vida aos textos” (ISER, 1996, pg. 53).

Visto a estação A, parto agora para o que qualifico como estação B. O primeiro bloco da estação B permite uma busca completa pelo conteúdo de todo o sítio Internet. Uma busca certamente diferente e mais apurada que a oferecida em um livro, mesmo que este último contenha índice analítico e onomástico. O segundo bloco desta estação de trabalho permite ao usuário averiguar todas as mudanças ocorridas no sítio Internet, não só em páginas, mas também em blogs, fóruns, arquivos, comentários, novos registrados etc. O terceiro bloco permite visualizar os usuários que estão conectados ao sítio-Internet, no caso de hipertextos construídos em grupo, como o “Macunaíma em Hipertexto”, esta facilidade permite contato com os colegas de trabalho, convidando para a sala de Chat, por exemplo. O quarto bloco expõe uma listagem das dez páginas mais visitadas no sítio Internet. Por fim, o quinto bloco permite acesso direto aos dez últimos comentários redigidos às páginas no sítio.

Visto a estação B, parto agora para o que qualifico como estação C. E após esta descrição das utilidades oferecidas nesta estação de trabalho, entabulo uma análise das possibilidades de uso destas estações na construção em grupo do “Macunaíma em Hipertexto”.

Apesar de ser o primeiro menu de navegação da esquerda para direita – o que por uma questão de lógica da nossa escrita que começa da esquerda para direita, nos levaria a dar maior importância a esta estação de trabalho – os blocos ali dispostos são os de menor interesse para o usuário-editor que constrói um hipertexto. Os links desta estação de trabalho oferecem, de um modo geral, uma navegação completa pelas principais estruturas e páginas do sítio Internet.

O primeiro bloco demonstra o status do usuário de conexão ao sítio. Caso o usuário esteja desconectado do sítio, a caixa de login aparece. O segundo bloco, intitulado MENU PRINCIPAL, permite ao usuário navegar pelas principais páginas. No caso do usuário editor do “Macunaíma em Hipertexto” mais vale o acesso à página pelo sistema de busca ou *bookmarks* <sup>79</sup>, do que pelo menu principal que implicaria um longo caminho. São dois os caminhos oferecidos pelo menu principal para acesso ao “Macunaíma em Hipertexto”. O primeiro caminho seria pela pasta PBI > PBI-Graduação > Hipertextos > Como se produz um Hipertexto > Hipertexto – Macunaíma. O segundo caminho seria pela pasta Ciberespaço > Hipertextos > Como se produz um Hipertexto > Hipertexto – Macunaíma. O terceiro bloco permite acesso: à função “Subir Trabalho”, onde o usuário pode fazer um *upload* <sup>80</sup> de documentos para compartilhar com o restante do grupo; à função enviar “Enviar Boletim”, onde o usuário pode enviar um aviso ao grupo marcando um encontro virtual ou novo tópico no fórum ou novo documento que subiu para o sítio etc.; à função “Gerenciar Enquete”, onde o usuário pode elaborar uma pesquisa de opinião com o grupo ou com internautas solicitados a examinarem o “Macunaíma em Hipertexto” etc.; à função “Gerenciar Estruturas”, onde o usuário pode criar novas páginas sob o esqueleto / estrutura do “Macunaíma em Hipertexto”, como demonstra a figura abaixo:

#### Ilustração 19 - Gerenciamento de Estrutura

**Modify Structure: Macounaïma en Hypertexte - Macunaïma em Hipertexto**

**Current Node: Macounaïma en Hypertexte - Macunaïma em Hipertexto**

Page alias:

Move:

**Add pages to current node:**

Após a página:  ▼

criar página:

Utilizar uma página pré-existente:

- 10Â° Chapitre - 10Â° CapÂtulo
- 11Â° Chapitre - 11Â° CapÂtulo
- 12Â° Chapitre - 12Â° CapÂtulo
- 13Â° Chapitre - 13Â° CapÂtulo
- 14Â° Chapitre - 14Â° CapÂtulo

**Structure Layout**

Macounaïma en Hypertexte > Macunaïma em Hipertexto: [\[ver | editar\]](#)

Por fim, o terceiro bloco permite acesso à função “Gerenciar páginas”, onde se apresenta ao usuário uma listagem de todas as páginas do sítio. O usuário pode selecionar uma página, através do campo que se apresenta na coluna à esquerda da página; ver todas as páginas existentes dentro e fora da estrutura; visualizar as últimas páginas alteradas; ver o criador da página; ver o último usuário a editá-la; ver quantas versões existem da página desde que foi criada e alterada; quantos comentários existem sobre uma página; ver quais páginas estão travadas e quais estão destravadas; ser levado, ao clicar sobre o número de versões da página, ao histórico da página; quantos links remetendo a outras páginas do sítio existem ao longo da página; ser levado, ao clicar sobre o número de páginas que referenciam a página em questão, à listagem de páginas que referenciam esta página; por fim, o tamanho da página em bytes <sup>81</sup>.

Página	Acertos	Última alt.	Criador	Último autor	Última vers	Com	Estado	Vers	Links	Referências	Tamanho
<div> <div>Buscar</div> <input type="text"/> <input type="button" value="buscar"/> </div>											

Ilustração 20 - Gerenciamento das Páginas



É inegável que as estações de trabalho B e C não só facilitam, mas também demonstram como o hipertexto promove um trabalho em grupo. Como o estudo de caso realizado sobre *Macunaíma* pretendia ser um hipertexto em grupo, analiso a seguir, não só o que estas estações de trabalho oferecem, mas também o que o uso de um computador, de um modo geral, como nova tecnologia da informação e comunicação, pode oferecer.



Ilustração 21 - Estação de Trabalho C

Primeiramente, uma característica fundamental é que construir e compartilhar **um hipertexto via web desprende os membros do grupo em termos de presença e local físicos**, e acredito que sem afetar a sociabilidade do grupo, aliás, muito pelo contrário, creio que são reforçados os laço sociais entre seus integrantes.

M. Castells aponta para este fenômeno em sua obra “A Galáxia da Internet”:

*“[...] Constatou-se que os moradores de ‘Netville’ que eram usuários da Internet tinham um número mais elevado de laços sociais fortes, de laços fracos, e de relações de conhecimento dentro do bairro e fora dele, do que os que não tinham conexão com a Internet. O uso da Internet aumentava a sociabilidade tanto à distância quanto na comunidade local [...]” (CASTELLS, 2003, pg. 103-104)<sup>82</sup>.*

No caso do sítio dedicado ao hipertexto sobre *Macunaíma* eram oferecidas as seguintes possibilidades:

- ter reuniões através da sala de bate-papo (o também chamado Chat, que analiso mais adiante), sem custo algum de transporte e local de reunião;
- podem trocar e-mails, que analiso mais adiante;



- podem construir um diário, registrando acontecimentos e impressões via web ao longo do trabalho (o também chamado Blog ou WebLog que analiso mais adiante);
- podem constituir um fórum para debates, ou reunião para o mesmo fim, que analiso mais adiante;
- além do que os horários podem ser acomodados de acordo com a conveniência de todos.
- A impressão é também efetuada por demanda, ou seja, a tiragem é definida de acordo com a necessidade. Assim como, o custo também é variável em conformidade com o poder aquisitivo de cada um. Há quem imprima com uma HP DeskJet 890C, com cartucho dispendioso, há quem imprima com Epson LQ570+, com cartucho de quantia irrisória.

Nota-se que em todas estas funções acima listadas estou necessariamente criando um leitor/ouvinte fictício, então, o ato da escrita pode parecer inicialmente solitário, mas na realidade é o tempo todo uma forma de socialização, porquanto escreve W. Ong:

*“[...] Até mesmo em um diário pessoal endereçado a mim mesmo eu preciso criar um destinatário fictício. Realmente, o diário demanda, de certa forma, a simulação máxima de um remetente e de um destinatário. Escrever é sempre uma espécie de imitação da conversa, e em um diário, por essa razão, estou fingindo que estou falando comigo mesmo. Mas eu nunca realmente falo desta forma comigo mesmo [...] (pois) o tipo de verbalização solipsismo e devaneio que implica são produtos da consciência moldada pela cultura impressa [...]” (ONG, 1982, pg. 102) <sup>83</sup>.*

Como segunda característica de um hipertexto realizado na web e com assistência de um computador, ressaltaria a **velocidade e rapidez** com que as tarefas podem ser cumpridas. Apresento a seguir alguns exemplos. Um primeiro exemplo: com um computador, um scanner<sup>84</sup> e um processador de textos, foi possível digitalizar todos os textos envolvidos na construção do Macunaíma em Hipertexto. A digitalização dos textos além de permitir um processo veloz de transferência mútua dos documentos implicados no trabalho em questão, também solucionou outra questão importante: a ortografia e a caligrafia dos documentos.

Antes circulavam em uma pesquisa em grupo documentos escritos pelos integrantes cujas caligrafias e ortografias apresentavam um entrave. Hoje em dia, com o computador e um processador de textos, todos os textos digitalizados de estudos sobre o Macunaíma passaram por uma verificação ortográfica automática, o que permite a leitura e o entendimento fluidos por parte dos integrantes de um grupo de estudo à distância. Um segundo exemplo seria que em uma publicação, seja impressa, digital <sup>85</sup> ou eletrônica <sup>86</sup>, uma das atividades que consome mais tempo é a colação, isto é, o confronto de cópias do original com suas edições, para verificar a correspondência entre os respectivos textos, que se expressa num estema, e assim analisar a melhor versão, para a escolha da edição exata e as características físicas da edição (tomação, paginação, ilustração, formato, etc.). Esta operação pode ser efetuada rapidamente e com grande precisão – pelo computador, ou via web pelo sítio-Internet que oferece o histórico das páginas – sobre as versões do texto no formato digital envolvidos na construção do Macunaíma em Hipertexto (BERNARD, 1999). Um terceiro exemplo seria o tempo economizado em buscas no dicionário, seja no Houaiss ou o Aurélio eletrônico, pela etimologia de determinadas palavras para constituição de um glossário da obra Macunaíma (BERNARD, 1999). E o próprio glossário virtual do “Macunaíma em Hipertexto”, depois de construído, também passou a agilizar e facilitar qualquer busca referente ao vocabulário envolvido nos estudos sobre Macunaíma.

Como terceira característica do hipertexto realizado via web ressaltaria a diferença na **pesquisa e análise de um corpus literário** assistida por um computador. Antes, com a literatura impressa, uma pesquisa que fizesse sobre a obra de um autor, como Macunaíma de Mario de Andrade, e os estudos existentes sobre esta obra, ficaria reduzida a minha capacidade de leitura e assimilação. Hoje em dia, com o computador e os textos em formato digital é possível pesquisar um vasto conjunto de documentos, dados e informações sobre determinada obra, pois só preciso ler aquilo que a análise computadorizada mostrar diante do que julgar pertinente investigar <sup>87</sup>(BERNARD, 1999), é uma leitura extremamente pontual. Agregando ainda a esta atividade o montante de leituras pontuais efetuadas por outros integrantes do grupo, torna-se possível abarcar grande parte da literatura de análise de uma obra. Uma amostra disso seria a busca de palavras-chaves ao longo do texto. Caso desejasse saber se em Macunaíma, Mario de Andrade falou sobre Boi-Bumbá, não precisaria me engajar em uma leitura minuciosa da obra para descobrir, bastaria realizar uma pesquisa no computador pelo texto digitalizado (BERNARD, 1999). Assim como, com o leitor internauta

do sítio Internet que apresenta o “Macunaíma em Hipertexto”, que através do bloco de busca do sítio pode encontrar rapidamente o que deseja, sem necessariamente ler todas as páginas do hipertexto, realizando desta forma uma pesquisa somente sobre seus pontos de interesse. Esta possibilidade apresenta uma série de modificações na análise de discurso textualmente orientada (FAIRCLOUGH, 2001), como afirma M. Bernard:

*“A ferramenta informática permite a emergência de novas categorias em matéria de análise de textos. Podemos afirmar, por exemplo, e com grande segurança, que um termo é ausente de um corpus. Um tratamento manual não poderia chegar a tal certeza. É possível assim caracterizar uma obra não somente pelo que ela diz, mas também pelo que ela evita, pelo que ela esconde, pelo que ela dissimula” (BERNARD, 1999, pg. 15).*

Enfim, resumindo, diria que não só o *Macunaíma* em hipertexto, mas todos os sítios Internet realizados, apresentam, de certa forma, em maior ou menor grau, as potencialidades que M. Palacios<sup>88</sup> aponta: personalização de conteúdo, hipertextualidade, multimidialidade, perenidade, instantaneidade e interatividade. Procuro distingui-las brevemente a seguir. A personalização de conteúdo, isto é, a disponibilidade de armazenamento (in loco ou acessado por links) de dados multimídia (imagens, animações, vídeos, sons, além de textos), oferecendo ainda a possibilidade de selecionar as informações de interesse e criar ambientes de estudo pessoais, para internautas registrados. A hipertextualidade cria a oportunidade de o leitor fazer uso de uma “teia de links” para se aprofundar mais no tema de interesse. A riqueza das citações em um texto efetiva-se na indicação de inúmeros enlaces que assim o enredam, e remetem o leitor diretamente às fontes e esclarecimentos necessários. A multimidialidade está na forma de apresentar o texto, na Internet pode-se usar recursos de outras mídias como recursos de vídeo, áudio, galerias de imagens. Nem sempre é necessário se reproduzir estes recursos junto ao texto, dada a característica acima de hipertextualidade. A perenidade que permite a “memória” do acervo de textos, possibilitando acompanhar a evolução de estudos e pesquisas. A instantaneidade, isto é, a condição chamada de “tempo real”, na quase simultaneidade da produção do texto e sua divulgação. A interatividade está presente já que o leitor passa a fazer parte do hipertexto através de salas de bate-papo (ou os chamados chats), fóruns ou e-mails.

Por fim, tendo visto estas características e possibilidades do trabalho com hipertexto, gostaria de colocar que tenho ciência de que não exauri todas as possibilidades que oferece o

hipertexto, visto que analisei somente as potencialidades de um dos atos de comunicação, através de um produto final resultante da transição do texto para o hipertexto no estudo de caso sobre o *Macunaíma*. E ainda cabe ressaltar que estas potencialidades não foram concretamente exploradas. Pois, com todo o levantamento sobre os programas livres e o estudo sobre seu funcionamento, seguida da investigação e da elaboração do roteiro para transição do texto ao hipertexto, e, finalmente, a implementação e casamento destas atividades mencionadas, não sobrou tempo viável para exercitar uma observação que avaliasse a eficácia e a eficiência dos atos de comunicação concretizados pelos sítios desenvolvidos.

Cabe, no entanto, uma ressalva para o caso do portal institucional dedicado ao PPGCOM da ECO-UFRJ, pois tendo sido finalizado mais cedo que os demais, foi possível experimentar “ao vivo” seu uso, avaliando e aprimorando sua funcionalidade. O que merece algumas considerações, mas que resumirei em apenas certas constatações.

Relembrando o primeiro capítulo, onde escrevo sobre o projeto do ato de comunicação, revelo uma expectativa em relação às modificações que acredito estarem ocorrendo com o advento do hipertexto no meio acadêmico, modificando assim o *habitus* acadêmico. De fato, algumas mudanças já tiveram lugar, mas, após observado o ato de comunicação projetado e o ato de comunicação em si, não pude deixar de notar que ainda falta muito para uma real apropriação desta NTIC no meio acadêmico.

Para citar exemplos:

- tomemos o programa de disciplinas via web, que a rigor é um novo espaço de comunicação professor-estudante, a ser apropriado em efetivos atos de comunicação, pelos docentes do PPGCOM. Lamentavelmente, de vinte e sete professores cadastrados como administradores de suas respectivas disciplinas, e, portanto com o privilégio de pleno uso das funções e recursos docentes do sítio, apenas quatro se dignaram a entrar neste espaço, realizando algum ato de comunicação.
- a seção de notícias do portal ECO.Pós, que tinha como proposta um ambiente interativo para professores e alunos enviarem notícias do meio acadêmico sobre

publicações, eventos, etc., por falta de uso daqueles para quem foi aberto este espaço, foi transformada em simples quadro de avisos da secretaria, passando para seus funcionários esta incumbência. Enquanto administradora do portal, nestes dois anos, havia postado um total aproximado de mil e quinhentas notícias, e apenas seis alunos postaram cada um em média duas notícias.

- a seção agenda do portal, um espaço para: os alunos postarem a data de suas defesas de tese e apresentações de dissertações; para os núcleos de pesquisa postarem as datas de seus encontros e eventos abertos ao público, não teve uma postagem sequer.
- os espaços que foram retirados do servidor por falta de uso, como;
  - webibliometria (para professores e pós-graduandos inserirem suas referências, de forma a trocarem indicações de leituras, e também uma forma de registrar a bibliografia utilizada pelos integrantes do programa).
  - o acervo de eletrônicos (para registrar e abrir ao público interessado o acervo de eletrônicos produzidos pelos núcleos de pesquisa do programa).
  - Questões&Respostas (um espaço elaborado a partir de um programa gratuito de FAQ, com um tutorial para os integrantes do programa saberem usar os espaços do portal).
  - NP&PBI (espaço desenvolvido com tikiwiki para o Projeto Bolsista Integrado e os Núcleos de Pesquisa divulgarem suas pesquisas).

Enfim, poderia listar aqui como todos os espaços do portal do PPGCOM não foram utilizados, mas creio que os exemplos citados acima são suficientes para demonstrar como o percurso das etapas de realização de um ato de comunicação nem sempre são suficientes para garantir sua concretização, especialmente quando o ato de comunicação em si, deve ser fruto de uma parceria. No caso faltou a professores, coordenadores e alunos o entendimento da proposta deste necessário ato de comunicação entre Co-adjuvantes, ironicamente de uma

Escola de Comunicação. Para esta NTIC ser realmente integrada ao meio acadêmico, vindo até mesmo a modificar seu *habitus*, será necessário promover a dimensão política e cultural de tal iniciativa.

#### ○ TEXTO E HIPERTEXTO

Tendo analisado estas potencialidades do hipertexto realizado via web, através do estudo de caso empreendido sobre *Macunaíma*, passo agora a uma análise acerca das características **do texto que permaneceram presentes no hipertexto**. Para efetuar esta análise, acredito ser necessário retroceder às noções elementares de discurso e texto, visto que esta transposição do discurso para o texto estabeleceu muitas modificações como constatado por P. Ricoeur, e certamente considero que as modificações existentes no discurso, a partir do momento que teve como suporte a escrita, foram também transpostas para o hipertexto. Passo então para uma consideração do texto (e paralelamente do hipertexto) contrapondo-o ao discurso.

Segundo P. Ricoeur não existe compreensão de si que não seja mediada por signos e símbolos (RICOEUR, 1986). Entretanto, é importante salientar que esta compreensão de si e este mostrar-se para o mundo através de signos e símbolos se dá de diferentes formas. De imediato, pode-se dizer que no caso do discurso, ou melhor, de um diálogo, os locutores estão presentes em relação um ao outro, assim como no contexto, no meio circunstancial do discurso, e a língua oferece amplos recursos – advérbios, tempos verbais, pronomes, etc. – para ancorar o discurso na realidade que circunda sua instância <sup>89</sup>. No caso da mediação pela literatura – composição escrita de trabalhos artísticos em prosa ou verso – inicialmente dá-se a impressão de um certo constrangimento, e constata-se que graças à escrita <sup>90</sup> o discurso sofre uma série de modificações. Relaciono abaixo as demais modificações que considero pertinentes para um entendimento da noção de texto e literatura através das idéias de P. Ricoeur, lembrando que estão separadas em tópicos com o intuito de facilitar a apresentação.

A primeira modificação seria o fato de a literatura impressa ou digital adquirir uma autonomia semântica em relação à intenção do locutor. Isto é, a característica do discurso como evento, como a situação comum aos interlocutores é perdida e não pode ser

reproduzida na escrita. Na passagem do discurso ao texto (e do texto ao hipertexto), em outras palavras, do dizer ao dito (RICOEUR, 1986), só permanece a característica de significação do discurso. A partir desta passagem, o (hiper)texto toma vida própria e constitui o que P. Ricoeur chama de o “mundo do texto” ou o “mundo da obra”.

*“Só a escrita, ao libertar-se, não apenas do seu autor, mas da estreiteza da situação dialogal, revela que o destino do discurso é projetar um mundo” (RICOEUR, 1986, pg. 128)*

Ressaltaria como segunda característica o que P. Ricoeur denomina como hipóstase, isto é, o texto, assim como o hipertexto, se constitui enquanto substância, e cabe a leitura, vista como interpretação, o preenchimento das referências ausentes no texto, criando uma literatura ou imaginário literário, onde o mundo é apresentado pela escrita.

*“Com efeito, a escrita convoca a leitura segundo uma relação que, logo, nos permite introduzir o conceito de interpretação. Por instante, digamos que a leitura ocupe o lugar do interlocutor, como simetricamente a escrita ocupa o lugar da locução e do locutor. Pois, a relação escrever-ler não é um caso particular da relação falar-responder. Não é uma relação de interlocução; não é o caso de um diálogo. Não é suficiente dizer que a leitura é um diálogo com o autor através de sua obra; é preciso dizer que a relação do leitor com o livro é de uma outra natureza; o diálogo é uma troca de questões e respostas; não há troca deste gênero entre o escritor e o leitor; o escritor não responde ao leitor [...] o leitor está ausente na escrita; e o escritor está ausente na leitura” (RICOEUR, 1986, pg. 155) <sup>91</sup>.*

Enquanto no discurso, como assinali em tópico anterior, há dois interlocutores, o que permite dialogar sobre uma realidade espaço-temporal, um mundo vivido comum, com a escrita tudo muda de figura, não existe uma “situação” comum. Procede, destarte, a tarefa da hermenêutica, que segundo P. Ricoeur, é justamente a de reconstruir a dinâmica interna do texto (ou do hipertexto), e restituir a capacidade da obra de se projetar e exteriorizar-se na representação de mundo que se poderia habitar. A interpretação do texto (como do hipertexto) se daria através de uma explicitação de uma forma de “estar-no-mundo”, manifestada diante do texto impresso (ou digital). Ou seja, a proposta de P. Ricoeur é a de uma interpretação do texto que implica dois processos: o da compreensão e o da explicação. A compreensão se forma, se desenvolve com a explicação. Não há explicação que não se complete pela compreensão. Isto é, a compreensão pede uma explicação. Por exemplo, num diálogo, quando não compreendo determinados pontos colocados, demandando uma explicação, e a explicação dada pelo interlocutor permite melhor compreendê-lo. No caso das obras

escritas, cujo laço inicial da intenção do autor com seu auditório foi rompido, a leitura é guiada por códigos que guiam à compreensão. Assim, P. Ricoeur se recusa a acreditar que existe a possibilidade de uma empatia, uma congeneridade, isto é, semelhança entre as subjetividades implicadas numa obra. Ao mesmo tempo, que também recusa a possibilidade de objetivação do texto fechado sobre si mesmo e independente de qualquer subjetividade, seja do autor, seja do leitor.

Destacaria como terceira característica importante, o fato de no momento em que o texto (ou hipertexto) toma o lugar da palavra ocorrer uma abolição do caráter referencial, que torna possível o surgimento da literatura, onde toda referência à realidade dada pode ser abolida <sup>92</sup>:

*“[...] Voltemos, pois, a nossa definição: o texto é um discurso fixado pela escrita. O que é fixado pela escrita é, portanto, um discurso que não havíamos podido dizer, certamente, mas, precisamente que nós escrevemos porque não o dizemos. A fixação pela escrita sobrevém no lugar da palavra mesmo, isto é, no lugar onde a palavra poderia ter nascido. Podemos então nos questionar se o texto não é verdadeiramente texto quando ele não se limita a transcrever uma palavra anterior, mas quando ele inscreve diretamente ao pé da letra o que deseja dizer o discurso [...] quando o texto toma o lugar da palavra, algo de importante se passa [...] na palavra viva, o sentido ideal do que dizemos se inclina para a referência real, a saber, aquilo de que falamos; em última instância, esta referência real tende a se confundir com uma designação ostensiva onde a palavra encontra o gesto de mostrar, de fazer ver [...] Não é mais o mesmo quando o texto toma o lugar da palavra. O movimento da referência para a demonstração se encontra interceptado, ao mesmo tempo que o diálogo é interrompido pelo texto [...] O texto, nós o veremos, não está sem referência ; será precisamente a tarefa da leitura, enquanto interpretação, de efetuar a referência [...]”.* (ibidem)

Distinguiria como quarta característica o fato do texto (também o hipertexto) encerrar em si o paradigma do distanciamento na comunicação. E desta forma, demonstrando que a experiência humana se dá através de uma comunicação na e pela distância.

*“No que se segue, elaboraremos a noção de texto em vista daquilo mesmo de que ela é a testemunha, a saber, da função positiva e produtora do distanciamento, no cerne da historicidade da experiência humana [...] Proponho que essa problemática seja organizada em torno de cinco temas: \* a efetuação da linguagem como discurso; \* a efetuação do discurso como obra estruturada; \* a relação da fala com a escrita no discurso e nas obras de discurso; \* a obra de discurso como projeção de um mundo; \* o discurso e a obra de discurso como mediação da compreensão de si [...] Todos estes traços, tomados conjuntamente, constituem os critérios da textualidade [...] Desde já, observaremos que a questão da escrita, se está situada no centro dessa rede de critérios, de forma alguma constitui a problemática única do texto. Por conseguinte,*



*não poderíamos identificar pura e simplesmente texto e escrita. E isto por várias razões: a) em primeiro lugar, não é a escrita enquanto tal que suscita um problema hermenêutico, mas a dialética da fala e da escrita; b) em seguida, essa dialética se constrói sobre uma dialética de distanciamento mais primitiva que a oposição da escrita à fala, e que já pertence ao discurso oral enquanto ele é discurso; portanto, é no próprio discurso que se deve procurar a raiz de todas as dialéticas ulteriores; c) enfim, entre a efetuação da linguagem como discurso e a dialética da fala e da escrita, pareceu-me necessário intercalar uma noção fundamental: a da efetuação do discurso como obra estruturada. Pareceu-me que a objetivação da linguagem, nas obras de discurso, constitui a condição mais próxima da inscrição do discurso na escrita. A literatura é constituída de obras escritas, por conseguinte, antes de tudo, de obras. Mas, isso não é tudo: a tríade discurso-obra-escrita ainda não constitui senão o tripé que suporta a problemática decisiva, a do projeto de um mundo, que eu chamo de um mundo da obra, e onde vejo o centro de gravidade da questão hermenêutica. Toda a discussão anterior servirá apenas para preparar o deslocamento do problema do texto em direção ao do mundo que ele abre” (RICOEUR, 1977, pg 17).*

Por fim, ainda cabe assinalar como quinta característica, as duas propriedades do texto da narração – mais uma vez seguindo os passos de P. Ricoeur – respectivamente: tempo e intriga. A reflexão sobre o texto da narração repousa sobre a articulação que ele opera entre a noção de tempo nas “Confissões” de St. Agostinho e a noção de intriga<sup>93</sup> e mimese na narrativa, apresentada na “Poética” de Aristóteles. Brevemente colocando, para St. Agostinho, o tempo<sup>94</sup> é subjetivo e se apresenta em uma tripla modalidade de presença: o presente do futuro na espera/expectativa, o presente do presente na atenção/observação e o presente do passado na memória / lembrança. Para Aristóteles, à composição da intriga em uma narração está atrelada a questão da mimese, pois, a intriga é a imitação da ação<sup>95</sup>.

P. Ricoeur reúne a reflexão destes dois pensadores com o propósito de compor a tese central de sua trilogia, “Temps et Récit”, que é a de que o registro do tempo humano é confiado à narrativa<sup>96</sup>, dando a estrita correlação entre mimese e intriga um sentido de prax(i)-do grego práxis-eôs, igual a ação, realização, função, prática, e propõe mútua relação ao noético (consciência visa um certo) – noemático (aquilo que é visado)<sup>97</sup> de E. Husserl<sup>98</sup>. Entendendo a ação como o construto da construção ao que consiste a atividade mimética (RICOEUR, 1983)<sup>99</sup>.

P. Ricoeur inicia esta conversação entre Aristóteles e Agostinho percorrendo o que denomina de Mimese I, II e III, e através deste percurso pretende mostrar como a narrativa se resume a uma imitação da ação humana. Mesmo sendo esta narrativa a de ficção<sup>100</sup>.

## Mimese I

« [...] vemos qual é em sua riqueza o sentido de mimese I: imitar ou representar a ação, é pré-compreender o que é do agir humano: de sua semântica, de sua simbólica, de sua temporalidade. É seguramente desta pré-compreensão, comum ao poeta e ao seu leitor, que se liberta a colocação da intriga e, com ela, a mimese textual e literária [...]» (RICOEUR, 1983, pg 125)<sup>101</sup>.

Ou seja, Mimese I<sup>102</sup> é o estágio de prefiguração do campo de ação, ou seja, a representação daquilo que ainda não existe, mas que há de existir, ou pode existir, ou se receia que exista. A mimese I descreve a forma como o campo da ação humana é sempre prefigurado através de certas competências elementares, como por exemplo, a competência humana de:

- constituição de uma rede conceitual – a capacidade de formular conceitos, formar opinião e classificar.
- constituição de uma semântica da ação – a capacidade de relacionar a significação nos signos e da representação do sentido dos enunciados.
- uso de símbolos – objetos materiais que, por convenção arbitrária, representam ou designam uma realidade complexa.
- uso de estruturas temporais – segmentação e ordenação sequencial de intervalos temporais de caráter unitário e coeso da experiência consciente.
- uso da ordem sintagmática – segundo o entendimento lingüístico, o resultado da combinação de um determinante e de um determinado numa unidade lingüística hierarquicamente mais alta, que pode ser uma palavra (p. ex.: vanglória, em que vã é determinante de glória), um constituinte de oração (p. ex.: As crianças pequenas choram, em que os adjuntos adnominais as e pequenas são determinantes de crianças), ou uma oração (p. ex.: O aluno aprendeu a lição, em que o predicado [ aprendeu a lição ] é determinante do sujeito [ O aluno ] ).

Pois, a composição da intriga está enraizada em uma pré-compreensão do mundo da ação, isto implica compreender suas estruturas inteligíveis, suas fontes simbólicas e seu caráter temporal. Isto é, compreender suas estruturas inteligíveis significa compreender ao mesmo tempo a linguagem do fazer e a tradição cultural da qual procede a tipologia das intrigas. Compreender suas fontes simbólicas significa compreender o “sistema de símbolos em interação”, isto é, “antes de ser texto, a mediação simbólica possui uma textura” <sup>103</sup>. Compreender seu caráter temporal significa compreender que o tempo figura como lembrança / memória e espera / expectativa, vivendo sempre também na leitura da ficção um presente do passado, um presente do presente e um presente do futuro.

## Mimese II

*“[...] Seguir/Acompanhar uma história é avançar entre as contingências e peripécias sob a conduta de uma expectativa/espera que encontra sua realização na conclusão [...] Compreender a história é compreender como e por que os episódios sucessivos conduziram a tal conclusão [...]” (RICOEUR, 1983, pg 125) <sup>104</sup>.*

Mimese II é o estágio de configuração do campo da ação, isto é, a forma exterior da narrativa que toma um corpo, toma uma conformação. Mimese II concerne a configuração imaginativa dos elementos dados em um campo de ação, isto é, a formação da intriga da narrativa, o chamado por P. Ricoeur de “reinado do COMO SE”. A intriga da narrativa é capaz de trazer os diversos elementos de uma dada situação para um plano imaginário, configurando os eventos, agentes e objetos, e desta forma tornando-os significativos como partes de um todo, onde cada um se situa em um nó da rede que constitui a narrativa. E estes elementos heterogêneos que fazem parte da narrativa, juntos em ação, compõem uma unidade de tensão que institui uma coerência e distribui os papéis.

Exemplos de mimese II estão em como a linha cronológica da intriga é descrita e representada através de diferentes experiências de tempo, isto é, o que é apresentado como presente e passado não corresponde necessariamente à seqüência da narrativa em sua estrutura de episódios. Por exemplo, no caso da narrativa fictícia, encontramos capítulos de obras literárias que se iniciam com eventos culminantes descritos brevemente, ou que se iniciam por longas passagens descrevendo acontecimentos relativamente transitórios e de pouca duração. Ou seja, as datas e o tempo dos eventos podem estar desconectados ao longo

da narrativa. E justamente através deste jogo com a temporalidade, a intriga, neste estágio de Mimese II, consegue ultrapassar uma simples enumeração de eventos em uma ordem seqüencial, alcançando uma organização total dos eventos, inteligível, de tal forma que se torna possível saber o tema da narração. Resumindo, mimese II é o que constitui a conexão entre os eventos individuais.

### Mimese III

*“[...] a transição entre mimeses II e mimeses III é efetuada pelo ato da leitura [...]” (RICOEUR, 1983, pg 144)*

Mimese III é o estágio em que se re-figura o campo de ação, em outras palavras, em que se significa, se expressa e se denota a ação, relacionando-a por sua compreensão, seja por sua extensão, seja por meio de outras associações. Mimese III refere-se a integração realizada entre o mundo do texto e o mundo do leitor, isto é, a experiência vivida nas mimeses anteriores, na mimese III, finalmente é concluída.

Acredito ser possível estender o processo de mimeses I, II e III da leitura de uma obra, enquanto pré-figuração <—> con-figuração <—> re-figuração da obra, à construção de um hipertexto. A hermenêutica, a interpretação do sentido das palavras, permanece. E ocorre da mesma forma o processo de mimese assinalado por P. Ricoeur durante a construção hipertextual. Nesse sentido, discordo dos autores que julgam a teoria de P. Ricoeur em relação ao texto não aplicável sobre o hipertexto. Tanto a leitura quanto a construção hipertextual continuam sendo guiadas por códigos presentes nos textos e continuam tendo um início — meio — fim para o leitor-autor do hipertexto.

Analisemos o caso específico da construção hipertextual como proposto, visto ser o foco desta tese. Obviamente existe uma “ordenação da seqüência” da obra, obviamente, ao estruturar “um determinado romance ‘a partir de trás’ ” (INGARDEN, 1965, pg 336), ou construir um bloco de texto, contendo um capítulo com links para outros blocos de textos — incitando, desta forma, uma leitura não linear da obra — “estarei alterando e conferindo um sentido diferente à obra lida” (INGARDEN, 1965, pg 336). Por isso acredito que o processo de construção hipertextual compõe uma hipernarrativa da narrativa, isto é, uma hipernarrativa

no sentido de que está se re-contando a narrativa de uma perspectiva dos leitores da narrativa, com possibilidades diversas de estruturação, todas elas tendo um início – meio – fim outorgado pelo leitor/autor simultaneamente. Como colocado anteriormente, o hipertexto seria a concretização exteriorizada da atualização do texto efetuada pelo leitor.

Vejamos, retomando: uma narrativa se caracteriza e se distingue por possuir uma intriga. A intriga é a imitação de uma ação una e completa, e só é completa se possui: um começo, um meio e um fim. Isto é, se o começo introduz um meio, que por sua vez introduz um fim que conclui o meio. Sendo esta questão da completude da intriga relativa. Pois, justamente, o que P. Ricoeur me parece tentar demonstrar – em *Temps et Récit II*, quando fala da aparente ausência de um Ending na literatura moderna, e se perguntar: “podemos ainda falar de intriga, quando a exploração de abismos da consciência parece revelar a impotência da linguagem ela mesma de se unir e tomar uma forma?” (RICOEUR, 1984, pg 22). – é que a arte de contar / narrar ainda existe, e o que se formou é uma nova maneira de narrar, com finais alternativos, isto é, novos modos de finalizar uma narrativa. É importante lembrar, portanto, que acima de tudo, uma narrativa só é uma narrativa se possui uma intriga, intriga entendida como imitação da ação, e a ação só pode ser contada porque é simbolicamente mediatizada. Entendendo o simbolismo como uma significação incorporada à ação <sup>105</sup>.

Aplicando a construção hipertextual, naturalmente, constituo uma narrativa no fluxo de minha consciência. Este relato que reconstituo na forma de um hipertexto não deixa de ser uma narrativa por ser intermitente, remetendo às minhas associações. O hipertexto então surge como nova forma de contar (*raconter*).

*“[...] talvez, seja preciso, apesar de tudo, fazer confiança à demanda de concordância que estrutura hoje ainda a expectativa dos leitores e crer que novas formas narrativas, que não sabemos ainda nomear, estão já começando a nascer, que atestarão que a função narrativa pode se metamorfosear, mas não morrer. Pois, não temos a menor idéia do que seria uma cultura onde não soubéssemos mais o que significa contar [...]” (RICOEUR, 1984, pg 58).*

Tendo visto da perspectiva de P. Ricoeur algumas características do texto presentes no hipertexto, considero a seguir como o “suporte hipertexto” também herdou do “suporte livro” algumas de suas configurações. Analisemos esta asserção, antes, fazendo uma pequena

ressalva, quanto às questões envolvidas na elaboração da interface gráfica. O conjunto de ferramentas que inclui janelas, ícones, botões, e um meio de apontamento e seleção, com os comandos disponíveis apresentados na tela do computador veio pronto, pois, utilizei programas que apresentam um pacote pronto, respectivamente: PHPNuke, Xoops, TikiWiki, FrontPage.

Estes programas apresentam uma interface conforme as normas internacionais para a comunicação pelo ciberespaço, conhecidas como WAI (Web Accessibility Initiative), estipuladas pela W3C (World Wide Web Consortium - <http://www.w3schools.com/>), fundada em 1994. As normas da WAI do W3C dividem-se em três planos <sup>106</sup>: normas indispensáveis; normas recomendadas; normas facultativas. Passemos por algumas prioridades no plano das normas consideradas indispensáveis: norma 1.1: fornecer um texto sobre imagens, vídeos, áudios etc integrados ao texto<sup>107</sup>; norma 4.1: identificar as rupturas lingüísticas (exemplo : citação em inglês em um sítio Internet português); norma 4.2: explicar acrônimos (siglas) utilizados; norma 3.2: respeitar as regras de sintaxe; norma 9.4: apresentar os links e outras informações em uma ordem lógica; norma 11.3: dar ao usuário a possibilidade de acessar a informação sobre a base de suas preferências (tema, etc.); norma 12.3: dividir os grandes blocos de informação em categorias, segundo um recorte natural e apropriado; norma 13.1: redigir o link explícito identificando claramente sua finalidade; norma 13.6: reagrupar os links pertencendo a uma mesma família em um bloco de maneira que o usuário possa queimar etapas se necessário; norma 13.8: colocar as palavras, mais significativas e discriminantes, no topo das listas, dos títulos ou parágrafos; norma 13.9: fornecer uma descrição dos documentos dispostos para baixar; norma 14.1: utilizar uma linguagem clara e simples.

Feita esta ressalva, passo a considerar nos parágrafos seguintes como estes elementos supracitados foram herdados do suporte livro, em sua apresentação de conteúdo, demonstrando como estão presentes nos hipertextos construídos:

- a) espaçamentos. W. Ong chama atenção para o fato de que a imprensa criou o espaçamento entre caracteres, criando desta forma uma leitura não só do

texto, mas também de sua forma, isto é, da maneira como é disposto em uma página.<sup>108</sup>

- b) presença do autor. Como evidencia E. Eisenstein a grafoesfera foi responsável por uma revolução na comunicação, “primeiramente, a autoria que estava profundamente ligada a esta nova tecnologia [...] a imprensa forçou a definição legal do que pertencia ao domínio público”<sup>109</sup> (EISENSTEIN, 1983, pg 84 e 101).<sup>110</sup>
- c) data de publicação. E. Eisenstein também chama atenção em seu livro “The Printing Revolution In Early Modern Europe” para dois fatos interessantes: primeiro, a questão de como depois da imprensa passou a ser comum datar o ano de publicação do livro; segundo, a questão da reedição, pois, com o advento da imprensa apareceu a edição de uma obra se distinguindo das edições anteriores em virtude de alterações feitas no conteúdo ou na apresentação, ou, ainda, de mudança de editor; nova edição etc.<sup>111</sup>
- c) índice. E. Eisenstein, em suas pesquisas, observa como ao longo da grafoesfera, graças a John Rastell, é introduzida a idéia de sumário / índice, isto é, do conjunto de indicações impressas, especialmente de letras, feitas em um livro ou caderno para facilitar-lhe o manuseio, permitindo a localização ou o registro do assunto desejado<sup>112</sup>.
- d) intitulação. A designação de títulos e subtítulos em uma obra também nasceu com o desenvolvimento da imprensa (EISENSTEIN, 1983). É claro que a seleção de palavras-chaves para a composição de um índice/barra de navegação estão atreladas a questão da categorização. E nesse sentido, a concepção prototípica de Eleonor Rosch<sup>113</sup> demonstra que é de certa forma pessoal a seleção de palavras-chaves na constituição do hipertexto.

*“A categorização é uma das funções mais básicas das criaturas viventes. Nós vivemos em um mundo categorizado – mesa, cadeira, macho, fêmea, democracia, monarquia – todo objeto e evento é único, mas agimos em direção a eles como membros de classes. Antes deste meu trabalho, as categorias e conceitos eram simplesmente admitidas,*

*para a filosofia, como algo explícito e formal, isto é, conjuntos lógicos arbitrários com características definidas e fronteiras claras. Isto é o que agora é chamado de visão clássica das categorias, que vem desde Aristóteles, por Locke, e pelos empiricistas britânicos. É a idéia que as categorias e conceitos são assunto da lógica; são claramente conjuntos amarrados; algo é ou não é de uma categoria. Está incluído na categoria se possui certas características, e se não tem, então está fora da categoria. Quando psicólogos pesquisaram o aprendizado de conceitos, eles usaram conceitos artificiais e conjuntos de estímulo artificiais que foram construídos de forma que constituíssem pequenos micro-mundos nos quais as crenças prevalecentes sobre a natureza das categorias fossem já desenvolvidos para isto”<sup>114</sup> (ROSCH, 1999).*

#### ○ MODELO DO PENSAMENTO HUMANO

Se encararmos esta NTIC como uma « criatura artificial » notamos, como ressalta P. Breton, que o hipertexto nada mais é do que uma tentativa de incorporar o pensamento humano, e como em todas as « criaturas artificiais », que sempre estiveram presentes na cultura Ocidental, desde suas raízes até os dias de hoje, existe um desejo de se capturar e compreender o humano imitando-o, representando-o e fabricando cópias, êmulos, através de dispositivos artificiais. Encontramos este desejo manifesto no mito, na técnica, na arte, no romance de ficção científica, no cinema e na ciência. Nos perguntamos então se o hipertexto também não seria mais uma tentativa de reproduzir o pensar associativo do homem, sendo um arremedo de como sua mente funciona diante de um texto.

No coração das pesquisas científicas está a preocupação de entender o que é o homem, mais especificamente o homem enquanto “animal racional” – sendo um aspecto desta racionalidade, sua capacidade de tratar inteligentemente a informação (BRETON, 1995) – e uma das manifestações científicas no afã de compreender esta característica humana foi a criação do computador.

*“[...] Além de servir como um modelo do pensamento humano, o computador também funciona como uma ferramenta valiosa para o trabalho científico cognitivista: a maioria dos cientistas cognitivos o utiliza para analisar os seus dados, e um número crescente destes cientistas tenta simular processos cognitivos nele. De fato, a inteligência artificial, a ciência construída em torno da simulação computacional, é por muitos considerada a disciplina central da ciência cognitiva e a que tem maior probabilidade de excluir, ou tornar supérfluos, os outros campos de estudo mais antigos [...]” (GARDNER, 1995, pg 55).*

Existem muitos cientistas que comparam a mente humana com o computador. O teste de Turing é justamente uma tentativa de averiguar, se em uma conversa, um computador pode



passar por um humano. Retiramos alguns exemplos destes testes de Turing disponíveis na Internet, onde no diálogo abaixo CONFEDR é o computador e JUDGE é alguém capaz de fazer um juízo se dialoga com uma pessoa ou com um computador:

CONFEDR[11:59:10] How would you solve that? Do computers make you very tense?

JUDGE06[11:59:23] bad start if you're trying to act human. it was a simple question. What national park do you like best? You must have been to at least one. How old are you?

CONFEDR[12:00:11] It would be best to answer that for yourself Do you think its likely that i'm trying to act human?

JUDGE06[12:00:33] Let's not have that kind of dispute. Please, can we just talk about national parks for a minute or two?

CONFEDR[12:01:05] I would rather talk with a woman than a man because a conversation with a woman is like a visit to a strange planet. What does that suggest to you?

JUDGE06[12:01:35] Do you know what a national park is?

CONFEDR[12:01:52] I think you said let's not have that kind of dispute. please, can we just talk about national parks for a minute or two?? No nation was ever ruined by trade. You're not really talking about me, are you?

Outro exemplo interessante:

PROGRAM[10:41:38]Are you still a Friend of Bill Clinton?

JUDGE02[10:42:22]Yes. I would like to talk about something else. Do you know anything about sculpture.

PROGRAM[10:42:24]Well, I suppose he's doing his best like most of us, but he does seem to attract an UNUSUAL amount of bad publicity, wouldn't you say--can it all be bad luck?

JUDGE02[10:43:20]I asked you if you knew anything about sculpture.

PROGRAM[10:43:21]OK, but what happens now--does it all drift on, with everyone waiting to see how much his friends have said about him under threat of lots and lots of jail--or will something dramatic actually happen?

JUDGE02[10:44:19]Do you know what sculpture is?

PROGRAM[10:44:20]Well, you're more a fan of his than I am I guess---though I cant SWEAR what I'd have done in that locked hotel room, I must say.

JUDGE02[10:45:26]Have you ever been to the Salmagundi Club?

(vide <http://www.turing.org.uk/turing/scrapbook/gsoh.html> )

O sonho de construir algo semelhante à mente humana ainda parece estar longe da realidade. Mas, é interessante analisar a persistente tentativa de fabricar uma criatura ou algo que se comporte como uma criatura humana, ou, seja portadora de uma representação de alguma característica humana. O homem nasce em um mundo enigmático, e para ser o que é, precisa averiguá-lo e precisa questionar o que são as coisas ao seu redor. Viver para o homem é encontrar-se forçado a interpretar e compreender sua vida (Ortega y Gasset, 1989). Deste modo, tenta, mas não dá conta, de explicar a contingência e a realidade das coisas, pois não entende porque está no mundo. Isto provoca conseqüentemente no homem um sentimento

de desespero e angústia, devido a esta estranheza em relação ao seu próprio corpo e ao mundo que o cerca (JASPERS, 1970).

Através da compreensão – que é um processo complexo e interminável, e a maneira especificamente humana de estar vivo – o homem aprende a lidar com sua realidade, reconciliando-se com ela, para poder se sentir em casa no mundo, sentir o mundo como um lar (ARENDT, 2002).

Acredito ser o objeto técnico (SIMONDON, 1989), ou a “prótese humana” (LEROI-GOURHAN, 1991) uma das extensões humanas neste processo de compreensão do universo circundante e de auto-compreensão. As NTIC estariam incluídas neste hall; vejo as NTIC como resultado desta busca de compreensão humana, como tentativa do homem de dar significado ao que é, representando a si mesmo. Nas palavras de Breton (1995):

*“Por trás do exotismo aparente das estátuas animadas, dos golens e das mulheres artificiais, é preciso jamais esquecer que são produtos de uma pesquisa de similitude, que passa necessariamente pela compreensão do modelo humano. Como, sem conhecer o homem, poderia se construir uma réplica?” i.*

O projeto mais recente de construção de computadores, da Inteligência Artificial e do hipertexto – “imagem” da inteligência humana – demonstra quanto o antigo mito e a atual técnica estão entrelaçados. Pois, a narrativa, tanto mítica quanto científica, de criação de uma criatura artificial parece seguir um determinado parâmetro. Primeiramente, temos um material “bruto”, de base, de onde se parte. Em segundo, temos sempre o homem como fabricante e artesão da criatura. Em terceiro, a intervenção de algo exterior, que sempre se dá para conclusão da criação, esta intervenção possui formas variadas, podendo provir do divino ou da ciência manipulando forças da natureza. (BRETON, 1995). E esta natureza diversificada destas expressões só vem a confirmar nossa crença de que o mundo muda a cada geração porque a anterior fez algo no mundo, deixando-o diferente de como encontrou, e esta mudança não significa necessariamente uma melhora, um desenvolvimento progressivo, mas apenas uma mudança. E a partir do momento que se modificam as coisas, o homem vive circunstâncias diferentes, conforme seja a técnica que encontre ao nascer, e assim produz um novo repertório de técnicas, convicções, etc (ORTEGA Y GASSET, 1989). Além desta estrutura clássica da criação de um ser artificial, vemos também através destas diversas

narrativas de criaturas artificiais o que cada cultura nos diz sobre o homem, a percepção que cada sociedade, ao longo da história, tem sobre o homem. Estas criaturas, metáforas do humano, não apenas epifenômenos, são dispositivo central da cultura humana. Constituem uma manifestação da interrogação sobre o que é o homem, ponto de partida de toda cultura e fundamento de todo laço social. Ora, a estátua de Pygmalion, o simulacro do corpo pelo qual ele se apaixona, também tem uma significação profundamente enraizada na cultura técnica de seu tempo, onde a relação do criador e de sua criatura se transforma, havendo uma mutação no seio do universo material. O nascimento do computador nos anos 40 intervém num clima intelectual marcada pelo ideal de criaturas feitas pelas mãos do homem. Em seguida vemos brotar tanto na literatura de ficção científica quanto na produção cinematográfica, histórias sobre robôs, andróides, cyborgues e computadores. O computador inteligente mais conhecido do grande público sem dúvida é HAL, um dos personagens do filme de Stanley Kubrick, “2001, Uma Odisséia no espaço”. Isaac Asimov, por seu lado, entra contra esta concepção faustiana da máquina, e escreve, como vimos, um mundo em que máquina e homem se relacionam com harmonia (BRETON, 1995). Como Breton afirma:

*“O projeto de uma criatura artificial encarna assim desde sempre um projeto moderno. Existe uma relação estreita, como a sugere Abraham Moles, entre o mito e a técnica, O projeto de fazer do computador uma inteligência artificial à imagem da inteligência humana mostra bem que o mito e a técnica estão também estreitamente entrelaçados hoje e a mais de dois mil anos atrás, e que um não é a primeira etapa do outro”.*

Podemos dizer que neste processo de auto-conhecimento, não existiu uma continuidade, mas existiram estágios, períodos: o primeiro sendo o mítico, depois o literário, e o momento que estamos vivendo, o da ciência, que deseja explicar esta “ordem implícita”, que está por trás da superfície humana. Isto é, o homem, neste estágio científico, abre o corpo visível, para espreitar o seu interior (ARENDT, 1995), e tenta reproduzir esta combinação “espírito-corpo”, acreditando que assim vai conseguir entender sua existência.

Feita esta análise, por fim, concluo este capítulo, ponderando sobre **as mudanças de perspectiva**. Nota-se ao longo do *ato projetado* uma ação caracterizada por um determinado comportamento, comportamento este orientado por um *projeto* anteriormente elaborado. Pois, como assinali anteriormente, quando projeto, me coloco num estado de coisas futuro, onde considero o *projeto* “realizado”, embora “sua realização seja o fim dessa ação que contemplo”

(SCHUTZ, 1979, pg 132). Entretanto, obviamente, a ação ensaiada, como colocado, em sua concretização, teve contratempos, lacunas e variações, as quais somente o desempenho do ato pode preencher. Concluo então que neste processo, minha atitude em relação ao projeto passou a divergir de minha atitude em relação ao ato de comunicação em si. Só agora, nesta etapa, considerando o ato de comunicação como realizado, posso julgar se os meios contemplados para realizá-lo foram ou não apropriados. E concluo que uma vez materializado, o estado de coisas realizado através de minhas ações passou a ter outro aspecto, bastante diferente do projeto <sup>115</sup>.

Ao longo da construção hipertextual, em suas três fases: o projeto do ato de comunicação, o ato de comunicação projetado e o ato de comunicação em si, o conhecimento do objeto foi paulatinamente modificando minha posição e relação com o objeto de estudo (SCHUTZ, 1979). Uma zona até então nunca por mim explorada, necessitou maior investigação, e passei a ter uma visão distinta e clara de sua estrutura, o que modificou minhas tipificações e sistema de relevâncias.

Segundo William James o pensamento consiste de partes substantivas – estas partes podem ser contempladas por longo tempo – e partes transitivas – estas partes são relacionais e dinâmicas e se entremeciam às partes substantivas. E o todo, tema de um pensamento, ou parte substantiva, possui orlas de referências e relações, partes transitivas, em si, pouco articuladas (JAMES <sup>116</sup>, 1892). Logo, seria como se as orlas e referências de meu pensamento, a parte transitiva que vislumbrava o funcionamento e construção de um hipertexto passasse, depois desta experiência, por uma atualização, para a substantiva, passando então, a existir para mim em uma parte do mundo “ao meu alcance”, que passou aos poucos a ser observada, e até mesmo, em parte, dominada, isto é, modificada e reorganizada através de minhas ações (SCHUTZ, 1979).

### 3 CONCLUSÃO

*“[...] as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam seus autores humanos [...] o que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana [...] tudo o que espontaneamente adentra o mundo humano, ou para ele é trazido pelo esforço humano, torna-se parte da condição humana” (ARENDT, 1989, pg 17)*

A palavra técnica é derivada do grego *tékhnē*, que é sinônimo de arte, e designa um *savoir-faire*. A técnica, como reconhecem muitos críticos do tema, tem sua origem histórica perdida em um passado longínquo, junto com a própria origem da humanidade. Não se pode nem falar que ela seja própria do ser humano, pois encontramos animais dotados de habilidades técnicas, como a abelha, o castor, o chimpanzé, e tantos outros. Tanto nos animais, como nos seres humanos, poderíamos dizer até que em todo organismo vivo, como afirma o antropólogo A. Leroi-Gourhan, manifesta-se uma tendência a re-centrar um meio, em torno de si mesmo; um processo de criação de um meio próprio, a partir de uma desnaturalização do meio natural, agindo de modo a torná-lo não neutro, mas responsivo (*apud* SCHWARTZ, 1995).

Entretanto, a técnica abordada nesta tese tem uma dimensão muito específica, é a técnica advinda das transformações da *esfera* (DEBRAY, 2000), e não se resume a um simples conjunto de procedimentos e de meios e modos de fazer (CARNEIRO LEÃO, 1992). É uma técnica de data recente:

*“[...] trata-se de uma força, ao mesmo tempo, constituinte e resultante da história ocidental-européia que chegou a impor-se e consolidar-se num processo imperial de tendência planetária. Todos os demais povos conheceram e possuíram uma técnica artesanal, mas somente os povos europeus desenvolveram a técnica moderna [...] (esta) técnica vai reduzindo progressivamente os níveis de relacionamento dos homens com o real e recolhendo a totalidade do real a um padrão único de realização, a saber: a realidade controlada, reprocessada e sistematizada do real [...]” (CARNEIRO LEÃO, 1992, pg. 106).*

Como afirma Yves Schwartz (1995), o organismo vivo, em um meio natural, regido por seus determinismos, busca, mesmo com o perigo de sua própria vida, se instituir centro, já recortado, por sua vez, por seus próprios valores (do organismo). No entanto, podemos reconhecer, recentemente, no caso específico do organismo humano, uma característica peculiar em suas novas técnicas, que é sua regência, por um grau de intencionalidade, capaz de ir além dos artefatos que se possam fabricar. Uma intencionalidade cuja natureza é capaz de instituir um campo de culturas humanas que vai diferenciar, instrumentar, capitalizar, simbolizar e animar valores e conflitos.

Este campo de culturas humanas, este patrimônio, por conseguinte, se constitui como novo meio imediato, sobre o qual recursivamente o ser humano de forma individual e coletiva vai interagir, aperfeiçoando, neste contato entre o meio e os demais seres, a técnica que nasce e cresce desta mesma interação.

E nesta interação, as novas tecnologias produzidas pelo homem, filtradas e adaptadas ao meio em que se inserem acarretam importantes reestruturações, e o hipertexto como mais recente criação vem reestruturando nossa sociedade, a ponto de gerar, segundo R. Debray, uma nova mídiaesfera, a *hiperesfera*. (DEBRAY, 2000). A *hiperesfera* se definiria pelo equilíbrio das práticas em torno do hipertexto e da rede. Abaixo se encontra um quadro resumido das principais características desta nova *hiperesfera* em comparação com suas anteriores:

	Grafoesfera	Videosfera	Hiperesfera
Sistema	Imprensa	Audiovisual	Redes
Referência	O livro	A TV	O computador
Depósito de memória	Biblioteca e museu	Álbum de fotos ou videoteca	Base de dados e CD-ROM
Ritual de apresentação	O discurso	Emissão na TV	Página na WEB
“Ditado”	Li num livro !	Vi na TV !	Encontrei na Internet !

**Ilustração 22 – As Mídiaesferas**

Os midiólogos ainda vão mais adiante, afirmando que a hiperesfera talvez seja o ápice da sociedade da comunicação. O desenvolvimento das redes de comunicação seria a principal característica de nossa atual sociedade que não seria mais definida por seus aspectos

econômicos, mas sim, por sua tecnologia, que seria capaz de criar os vínculos sociais, reunindo os homens. Ou seja, diante da complexificação da sociedade, que tornou mais difícil a comunicação entre os homens, “nasceu” a hiperesfera, que facilitaria e agilizaria a comunicação.

Diante deste quadro, é natural surgirem uma série de questões, dentre elas: o que é um ato de comunicação através desta NTIC. Esta foi a questão que guiou esta tese e que procurei refletir através de minhas experiências pessoais, dentro do quadro recortado previamente. Parti para um estudo de caso, pois penso que o objeto técnico jamais pode ser estudado em si, isto é, por si só. Em outras palavras, a técnica deve ser estudada sempre “em cena”, através de uma finalidade social, através de seu uso. Logo, em meu estudo desta NTIC parti para uma descrição específica de uma situação de utilização por mim desta NTIC. De forma a explorar a tônica desta tese: o que um membro da academia precisa saber para comunicar apropriadamente seu trabalho intelectual através de um hipertexto na Internet, em e com uma determinada comunidade acadêmica? A pesquisa sobre esta questão se deu em três partes:

- o ponto principal do primeiro estágio do projeto do ato de comunicação através desta NTIC foram as motivações. Ora, o projeto do ato se deu em um contexto específico que o motivou (SHUTZ, 1979).

Neste primeiro capítulo, que constitui a primeira etapa sobre a questão proposta, eu procurei respaldo nos conceitos desenvolvidos por P. Bourdieu, respectivamente: campo, mercado e habitus, para descrever o que motivou a questão desta tese. Depois, procurei enquadrar o projeto em um modelo de comunicação proposto por A. Mucchielle. E, por fim, descrevi os planos que guiaram a segunda etapa do projeto.

- na segunda etapa, acrescentei ao projeto do ato de comunicação a intenção de desenvolvê-lo e realizá-lo, “tal intenção transforma a simples previsão num objetivo e o projeto em propósito” (SCHUTZ, 1979, pg 123), o projeto deixou de ser uma mera fantasia, um devaneio e se transformou em uma ação proposital, um desempenho.



Neste segundo capítulo, portanto, explorei a construção da plataforma virtual; após, a transposição do texto para o hipertexto utilizando os roteiros sistematizados e o roteiro que criei com base na análise de discursos; posteriormente, alguns aspectos ligados a questão da apropriação dos programas distribuídos gratuitamente e selecionados para a construção dos sítios na Internet.

- o projeto se transformou em um trabalho, as lacunas foram preenchidas, as variáveis receberam valores conforme a ação progrediu (SCHUTZ, 1979). Ou seja, o projeto se tornou uma ação minha no mundo exterior, baseada em meu projeto, e esta ação foi justamente caracterizada pela intenção de realizar o estado de coisas projetado por mim (SCHUTZ, 1979).

Neste terceiro capítulo, considero nesta terceira etapa alguns aspectos interessantes do trabalho consumado, isto é, considero o resultado das experiências pessoais com a criação hipertextual, refletindo sobre o que esta técnica possibilita em termos de novas práticas comunicacionais, e de leitura, escrita, pesquisa, estruturação e transmissão de uma mensagem usando o hipertexto.

Através destas três etapas de investigação, espero ter contribuído para a reflexão sobre o hipertexto, como mais uma forma de “existência do texto” (CHARTIER, 1999). Acredito ser essencial esta reflexão para uma consideração cuidadosa da comunicação, enquanto área de estudo, que em última instância deve servir de base à retórica sobre a explosão digital, e de como os indícios da pesquisa são interpretados. Por fim, é importante colocar que o objetivo desta tese de doutorado nunca foi o de ditar todas as perspectivas possíveis, dada a grandeza da questão proposta. Tenho certeza de que não exauri a questão colocada, somente procurei considerar toda uma gama de possibilidades “hipertextuais” que nos estão disponíveis.

Por fim, tenho agora a certeza de que dependendo da natureza social e colaborativa de um ato de comunicação qualquer, mesmo através da Internet, é imprescindível que cada etapa deste ato seja constituída de movimentos que promovam a participação de todos os envolvidos, juntamente com o apoio de decisões políticas e democráticas que consolidem a

caminhada em direção à concretização das possibilidades de realizar, no sentido lato de tornar real, o ato de comunicação pretendido.

## 4 BIBLIOGRAFIA

- ARENDT, Hannah . Entre o passado e o futuro. São Paulo : Perspectiva, 1972.
- ARENDT, Hannah. A Condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- ARENDT, Hannah. A vida do espírito. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992-1995.
- AUROUX, Sylvain (dir.) Les notions philosophiques. Dictionnaire. Paris : PUF, 1990.
- BAKHTINE, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BAKHTINE, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo : Martins Fonte, 2000.
- BAKHTINE, Mikhail. Esthétique et théorie du roman. BARBARAS, Renaud. La Perception. Paris : Gallimard, 1978.
- BARBARAS, Renaud. La Perception. Paris: Hatier, 1994.
- BARTH, Fredrik. The Analysis of Culture in Complex Societies. Ethnos, v.54, n.3-4, 1989.
- BECKER, Howard S. & STRAUSS, Anselm L. Careers, Personality and Adult Socialization. In: Howard S. Becker. Sociological Work: Method and Substance. New Brunswick : Transaction Books , 1977 [1956].
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BERGER, Peter. Perspectivas sociológicas. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BERNARD, Michel. Introduction aux Études Littéraires Assistées par Ordinateur. Paris : PUF, 1999.
- BERTHO-LAVENIR, M. (coord). CAHIERS DE MÉDIOLOGIE, La bicyclette. n.5, 1º semestre. Paris: Gallimard, 1998.
- BOUGNOUX, Daniel (coord). CAHIERS DE MÉDIOLOGIE, La querelle du spectacle. n.1, 1º semestre. Paris: Gallimard, 1996.
- BOUGNOUX, Daniel. Introduction aux sciences de la communication. Paris : La Découverte, 1998.
- BOUGNOUX, Daniel. Sciences de l'information et de la communication. Paris : Larousse, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. Ce que parler veut dire. Poitiers: Fayard, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. Célibat et Condition Paysanne. Études Rurales, n.5-6, 1962.
- BOURDIEU, Pierre. Coisas Ditas. São Paulo : Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. Les règles de l'art. Paris : Point Essais, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa : DIFEL, Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Raisons Pratiques. Paris : Seuil, 1994.

- BRETON, P. & PROULX, S. *L'Explosion de la Communication. La Naissance de une Nouvelle Idéologie*. Paris : La Découverte, 1989.
- BRETON, Philippe. *À l'image de l'homme*. Paris: Seuil, 1995.
- BRETON, Philippe. *L'utopie de la communication*. Paris : La Découverte, 1997.
- BRETON, Philippe. *Le culte de l'Internet – une menace pour le lien social ?* Paris : La Découverte, 2001.
- BURKE, Peter. BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CABIN, Philippe. *La Communication*. Paris: Sciences Humaines Éditions, 1998.
- CANDIDO M. S., Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: PubliFolha, 2000.
- CARNEIRO-LEÃO, E. *Aprendendo a pensar*. v.1 v. 2, Petrópolis: Vozes, 1991.
- CARNEIRO-LEÃO, E. *et al.* *A Máquina e seu Averso*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1987.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo : UNESP, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. *O Que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COSSUTTA, Frédéric. *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro : Sette Letras, 1996.: Rocco, 1997.
- DAGOGNET, François. DAMIEN, Robert. DUMAS, Robert. *Faut-il brûler Régis Debray ?*. Paris : Champ Vallon, 1997.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DARTIGUES, André. *Qu'est-ce que la phénoménologie ?* Toulouse : Privat, 1972.
- DASTUR, Françoise. Husserl, in *La philosophie allemande*, sous la direction de Dominique Folscheid. Paris : PUF, 1993.
- DEBRAY, Régis (coord). *CAHIERS DE MÉDIOLOGIE*, Anciennes Nations, nouveaux réseaux. n.3, 1º semestre. Paris: Gallimard, 1997.
- DEBRAY, Régis. *Curso de Midiologia Geral*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DEBRAY, Régis. *Introduction à la midiologie*. Paris : PUF, 2000.
- DEBRAY, Régis. *Manifestos Midiológicos*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- DREYFUS, H.L. e RABINOW, P. Michel Foulcault - *Beyond Structuralism and Hermeneutics*, 2nd edition. Chicago: Chicago University Press, 1982.
- DUFOUR, Arnaud. *Internet*. Collection « Que sais-je ? ». Paris: Puf, 1996.
- DUPORTAIL, Guy-Félix. *Phénoménologie de la communication*. Paris : ELLIPSES, 1999.
- DURAND, Gilbert (org.) *Os grandes textos da sociologia moderna*. São Paulo: edições 70, 1969.
- ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1932-1993.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula*. Paris: Le livre de poche, 1985.
- EISENSTEIN, Elizabeth. *The Printing Press as an Agent of Change*. New York: Cambridge University Press, 1983-1993.

- ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro : Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador v. 1. v. 2.ol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e Mudança Social. Brasília: UNB, 2001.
- FERRAND, Nathalie. Banques de données et hypertextes pour l'étude du roman. Paris : PUF, 1997.
- FOULCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 2002.
- FOULCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense, 1972-1995.
- FOULCAULT, Michel. Les Mots et les Choses. Paris: Gallimard, 1966.
- FRAGATA, Júlio. A fenomenologia de E. Husserl. Coimbra: Braga, 1959.
- FRANÇOIS, Dognet (coord). CAHIERS DE MÉDIOLOGIE, Qu'est-ce qu'une route ? n. 2, 2º semestre. Paris: Gallimard, 1996.
- FREUND, Julien. Sociologia de Max Weber. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- GARDNER, Howard. A nova ciência da mente. São Paulo: EDUSP, 1995.
- GEERTZ, Clifford. O saber local : novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GIDDENS, Anthony. Novas regras do método sociológico. Lisboa: Gradiva, 1993-1996.
- GOODY, Jack. La Raison Graphique. Paris : Éditions de Minuit, 1979.
- GUIGNON, Charles – editor. The Cambridge Companion to Heidegger. Cambridge: Cambridge, 1993.
- GUILLAUME, M. DE BIASI, P. –M. (coord). CAHIERS DE MÉDIOLOGIE, Pouvoirs du papier. n.4, 2º semestre. Paris: Gallimard, 1997.
- GUIMARÃES Jr., M.J.L. Etnografia em ambientes de sociabilidade virtual multimídia. Trabalho apresentado na mesa redonda "Novos Paradigmas: Etnografia e Ciberespaço" do X Ciclo de Estudos sobre o Imaginário – Imaginário e Cibercultura (no prelo), Recife, 1998b. <<http://www.cfh.ufsc.br/~guima/academia.html#trabalhos>>
- HAMMAM, Robin. Introduction to Virtual Communities Research and Cybersociology magazine Issue Two. <<http://members.aol.com/Cybersoc/is2intro.html>>. 1998.
- HESSSEN, Johannes. Teoria do Conhecimento. Coimbra: Editora Coimbra, 1976.
- HUSSERL, Edmund. A Sexta Investigação. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.
- INGARDEN, Roman. A Obra de Arte Literária. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 3º ed., 1965.
- ISER, Wolfgang. O ato da leitura. Vol. I e II. São Paulo : Ed. 34, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. Pour une esthétique de la réception. Paris : Gallimard, 1978.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. Les Métaphores dans la Vie Quotidienne. Paris : Les Editions de Minuit, 1985.
- LAKOFF, G. Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LANDOW, George. Hypertext. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992.
- LATOUR, Bruno. Petites leçons de sociologie des sciences. Paris : La Découverte, 1993.
- LEANING, Marcus. Cyborg Selves: Examining identity and meaning in a chat room. Dissertation submitted as course requirement for the M.Sc. Social Analysis, South Bank University, October 1998. <<http://www.geocities.com/Athens/Atrium/2136/Title.html>>
- LEÃO, Lucia. INTERLAB – Labirintos do Pensamento Contemporâneo. São Paulo: Iluminuras, 2002.

- LEFEBVRE, Henri. Le Marxisme, collection « Que sais-je ? ». Paris: Puf, 1948-1970.
- LÉVY, Pierre & CHAMBAT, Pierre. Les nouveaux outils du savoir. Paris: Descartes, 1991.
- LÉVY, Pierre, AUTHIER, Michel. As árvores de conhecimento. São Paulo : Escuta, 1995.
- LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência. Rio de Janeiro: editora 34, 1993.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. Rio de Janeiro: editora 34, 1999.
- LOHISSE, Jean. Les systèmes de communication. Paris: Armand Colin, 1998.
- LUJIPEN, Willhelmus. Introdução a Fenomenologia existencial. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- LYOTARD, Jean-Françoise. La Phénoménologie. Paris : Presses Universitaires de France, 1954-1995.
- MACHADO, Arlindo. Máquina e Imaginário. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- MAINGUENEUA, Dominique. Elementos de lingüística para o texto literário. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAINGUENEUA, Dominique. O contexto da obra literária. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAINGUENEUA, Dominique. Pragmatique pour le discours littéraire. Paris : Nathan, 2001.
- MANNHEIM, Karl & MERTON, Robert. Sociologia do conhecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MARK, Taylor C. & SAARINEN, Esa. Imagologies. New York: Routledge, 1994.
- MARTELETO, Regina, Cultura, espaço e textualidade; relações inter-campos, redes sociais e novas configurações comunicacionais e informacionais. Rio de Janeiro : Programa de PG em Ciência da Informação – CNPq/IBICT - UFRJ/ECO. Projeto Integrado de Pesquisa, relatório parcial. 1998.
- MARTELETO, Regina, et al. Apropriação do conhecimento, transferência e gestão informacional nas redes sociais. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS DA INF., 2., 1998, Niterói. Anais do 2º Seminário de Estudos da Informação - 1º Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação/Região Sudeste : a informação e a reforma do Estado. Niterói : Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Informação - NEINFO, p. 201-209. 1998.
- MARTELETO, Regina. Informação e sociedade : estudo das práticas de informação em campos sociais específicos com vistas à revisão e ampliação dos modelos de comunicação e transferência da informação. Rio de Janeiro : Programa de PG em Ciência da Informação – CNPq/IBICT – UFRJ/ECO, Projeto Integrado de Pesquisa, relatório final. 1996.
- MARTIN, James. Hiperdocumentos e como criá-los. Rio de Janeiro: editora Campus, 1992.
- MARX, Karl. A Ideologia Alemã. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- MATTELART, Armand. L'invention de la communication. Paris: La Découverte, 1997.
- McLUHAN, Marshall. The Gutenberg Galaxy. New York: Toronto Press, 1962.
- McLUHAN, Marshall. Understanding Media – The extensions of man. New York: Mentor Book, 1964.
- MERZEAU, Louise (coord). CAHIERS DE MÉDIOLOGIE, Pourquoi des médiologues ? n.6, 2º semestre. Paris: Gallimard, 1998.
- MEYER, Michel. Questions de rhétorique. Langage, raison et séduction. Paris : Le Livre de Poche, 1993.
- MORUJÃO, Alexandre. Fradique Mundo e Intencionalidade – ensaio sobre a noção de mundo na Fenomenologia de E. Husserl. Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra, 1961.

- MUCCHIELLI, Alex. Les Modèles de la Communication. In: CABIN, Philippe (coord.) *La Communication: état des savoirs*. Éditions Sciences Humaines, 2003.
- NIELSEN, Jakob. *Projetando Websítios*. Rio de Janeiro: editora Campus, 2000.
- OLSON, David R. *The world on paper*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- ONG, Walter. *Orality & Literacy – the technologizing of the world*. New York: Routledge, 1997- 1982.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Em torno de Galileu*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- ORTIZ, Renato (org.) *Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- PATOCKA, Jan. *Qu'est-ce que la phénoménologie?* Grenoble : Millon, 1998.
- PELLANDA, Nize Maria e Eduardo C. (org.) *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.
- PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. *A ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar*. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura), 1997.
- PINTO, Milton José. *Comunicação e Discurso*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- PORTOCARRERO, Vera (org.) *Filosofia, História e Sociologia das Ciências*. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 1994.
- POSTER, Mark. *The mode of information*. Cambridge: Polity Press, 1990.
- POSTER, Mark. *The second media age*. Cambridge: Polity Press, 1995.
- RICOEUR, Paul. *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*. Paris, Seuil, 1986.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1977.
- RICOEUR, Paul. *La métaphore vive*. Paris : Seuil, 1975.
- RICOEUR, Paul. *Temp set Récit, vol. I*. Paris : Seuil, 1987.
- RICOEUR, Paul. *Temp set Récit, vol. II*. Paris : Seuil, 1984.
- RICOEUR, Paul. *Temp set Récit, vol. III*. Paris : Seuil, 1985.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976-1979.
- SALANSKIS, Jean-Michel. E. Husserl. *Collection Figures du Savoir*. Paris : Les Belles Lettres, 1998.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo : globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo : Cultrix, 1916-1995.
- SAVILLE-TROIKE, Muriel. *The ethnography of communication: An introduction*. Baltimore: University Park Press, 1982.
- SCHEPS, R. *L'empire des techniques : une série d'émission diffusées sur France-Culture dans le cadre des « perspectives scientifiques »*. Paris : Seuil, 1994.
- SCHÉRER, René & KELKEL, L. *Arion Husserl*. Lisboa: edições 70, 1954.
- SCHÉRER, René. E. Husserl, a fenomenologia e os seus desenvolvimentos In CHÂTELET, François (1995), *História da filosofia, vol.3 de Kant a E. Husserl*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- SCHUMACHER, E. F. *A Guide for the Perplexed*. New York: Perennial, 1977.



- SCHUMACHER, E. F. *Small is Beautiful*. Paris: Seuil, 1973.
- SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SERIS, J.-P. *La Technique*. Paris : PUF, 1994.
- SERRES, M. *Atlas*. Paris: Julliard, 1994.
- SFEZ, Lucien. *Critique de la communication*. Paris : Seuil, 1992.
- SFEZ, Lucien. *Dictionnaire critique de la communication*. Paris: PUF, 1993.
- SFEZ, Lucien. Informação, saber e comunicação. *INFORMARE - Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 1996.
- SIEGEL, F. *Criando sítios Arrasadores na WEB III*. São Paulo: Market Books, 1999.
- SILBERMANN, Alphons. *Les Principes de la Sociologie de la Musique*. Paris : Droz, 1968.
- SIMONDON, Gilbert. *Du Mode d'Existence des Objets Techniques*. Paris: Aubier, 1969.
- SIMONDON, Gilbert. *L'individuation psychique et collective*. Paris: Aubier, 1989.
- SMITH, Barry & WOODRUFF, David S. – editors. *The Cambridge Companion to E. Husserl*. Cambridge: Cambridge, 1996.
- STRASSER, Stephen. *Phénoménologie et Sciences de l'homme*. Louvain : Publications Universitaires de Louvain, 1967.
- STRUCHINER, Miriam, Conceitos, princípios e aspectos metodológicos do design de sistemas hipermídia para a educação, *Anais do P&D Design 98 AenD-BR, Estudos em Design*, v.1, Rio de Janeiro, 1998.
- STRUCHINER, Miriam, CORRÊA, Nilce, COSTA, Joel Bruno S. da,. *Hipermídia na Educação: princípios básicos para o desenvolvimento de material educativo*. Rio de Janeiro: LTC/NUTES/UFRJ, 1997.
- STRUCHINER, Míriam, REZENDE, Flavia, RICCIARDI, Regina Maria Vieira, CARVALHO, Maria Alice Pessanha de,. *Elementos Fundamentais para o Desenvolvimento de Ambientes Construtivistas de Aprendizagem a Distância*. *Revista Tecnologia Educacional*, v.26, n.142, jul/ago/set., 1998.
- STRUCHINER, Míriam, VIEYRA, Adalberto Ramon, *Inovações no Ensino das Ciências Biomédicas e da Saúde: Desenvolvimento de um Espaço Construtivista para a Implementação de Alternativas de Ensino e Aprendizagem*. UFRJ, 1999.
- TAYLOR, Charles. *As fontes do self – a construção da identidade moderna*. São Paulo: edições Loyola, 1989-1997.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- VELHO, Gilberto e KUSCHINIR, Karina (org). *Mediação Cultura e Política*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro : Zahar, 1994.
- VIGNAUX, Georges. *Les sciences cognitives : Une introduction*. Paris : Livre de Poche, 1991.
- WERSIG, Gernot. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. In *Information Processing & Management*, v.29, n.2, 1993.
- WINNER, Langdon. *Autonomous Technology*. New York: Lighthouse Press, 1977.
- WURMAN, R.S. *Ansiedade de Informação. Como transformar informação em compreensão*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991.



## 5 NOTAS

Como o questionamento desta tese de doutorado envolveu muitos pontos de vista de diferentes autores de áreas divergentes, e infelizmente, não foi possível esmiuçá-los ao longo da tese – através de uma leitura pontual, somente pincei fragmentos do pensamento dos autores selecionados que serviram de base à pesquisa teórica dos estudos de caso – achei necessário, através de notas, a introdução de alguns apartes esclarecedores: acerca da possibilidade de união entre estes autores escolhidos de linhas filosóficas tão divergentes; assim como, uma série de observações, sobre o entendimento exato de determinados termos, noções e idéias; e pequenos trechos da bibliografia utilizada para reforçar minha elaboração intelectual.

<sup>1</sup> Entendo o hipertexto como uma organização de informações escritas, em que blocos de texto estão articulados por remissões, de modo que, em lugar de seguir um encadeamento linear e único, o leitor pode formar diversas seqüências associativas, conforme seu interesse, mas dentro da apresentação elaborada pelo autor do hipertexto. Esta forma de apresentação do hipertexto em que um conjunto de textos no qual as remissões correspondem a comandos que permitem ao leitor passar diretamente aos elementos associados constitui a interface entre homem e computador. Ou seja, tudo que se apresenta em um computador se apresenta necessariamente de forma hipertextual.

O Hipertexto começa com Vannevar Bush. É a quem se deve o conceito de hipertexto. Seu artigo intitulado “As We May Think” descreve sua invenção: o “MEMEX”, que demonstra ser realmente um sistema hipertextual. O Memex nunca foi efetivamente colocado em prática, isto é, construído. Ele era constituído de um sistema mecânico de microfichas cujos diferentes conteúdos eram interligados entre si de forma associativa. Em seu artigo, ele já demonstrava a importância dos links, comparando estes com as associações semânticas que ocorrem no pensamento humano, que eram caracterizadas por Saussure como o eixo paradigmático da língua.

Bush visava resolver com Memex os problemas causados pelo constante crescimento de documentos científicos e técnicos, o Memex permitiria ao seu usuário de classificar e de encontrar em pouco tempo todos os tipos de documentos relacionados ao tema pesquisado. Os documentos encontrados seriam visualizados através de duas telas disponibilizadas ao usuário.

Inspirado pelo artigo “As We May Think” de Bush, Douglas Engelbart construiu o primeiro sistema hipertextual efetivamente chamado NLS, que já permitia a seus usuários de interligar documentos. Engelbart criou também uma série de recursos engenhosos como o mouse, a janela, o correio eletrônico, isso tudo para facilitar a navegação pelo hipertexto.

Coube ao filósofo Ted Nelson designar a nova mídia pelos termos de hipertexto e hipermídia em 1965. Segundo ele, o Hipertexto é um termo usado para descrever uma habilidade, a da não-linearidade, isto é, navegar através dos textos de maneira não seqüencial, isso era possível devido aos links que associavam as informações por palavras chaves e botões. Assim, o usuário não é influenciado pelo formato linear do suporte livro, pois suas páginas, ao contrário do livro, podem ser folheadas de diversas formas. Criando, conseqüentemente, novas modalidades de escrita e leitura.

Seu grande sonho era um enorme hipertexto contendo toda literatura mundial. Esta enorme rede, que ele chamou de Xanadu, estaria disponibilizada para todas as pessoas que possuísem um computador. As pessoas podiam não só acessar todos os documentos, como incluir suas idéias, interligando-as aos textos já

<sup>2</sup> Sobre a história do hipertexto, consta que tudo começou em 1973, quando o DARPA (Defense Advanced Research Projects Agency) nos Estados Unidos iniciou uma pesquisa sobre tecnologias que proporcionassem comunicação entre computadores, era o chamado "Internetting Project". Desta pesquisa nasceu protocolo de comunicação TCP/IP, o conjunto de regras, padrões e especificações técnicas que regulam a transmissão de dados entre computadores por meio de programas específicos. No curso evolutivo desta pesquisa foram integradas ao protocolo de comunicação diversas colaborações de todos os continentes, o que nos levou a Internet dos dias de hoje. Destas contribuições nasceram

grande parte dos diversos serviços oferecidos pela Internet, entre eles a web ou www. Esta última é atribuída a Tim Berners-Lee, sua idéia inicial era a elaboração de um sistema distribuído de acesso a informações, de forma que estas se tornassem acessíveis de qualquer computador, em qualquer país, e pudessem ser acessadas através de um único programa. Atrelada a esta iniciativa desenvolveu-se o hipertexto, de forma que as informações fossem apresentadas com elos entre documentos e outros objetos, localizados em pontos diversos da Rede.

<sup>3</sup> As experiências de significado subjetivo que emanam de nossa vida espontânea serão chamadas de conduta [...] O termo ‘conduta’, conforme usado aqui, se refere a todos os tipos de experiências espontâneas com significado subjetivo, sejam as de vida interior ou as que afetam o mundo exterior. Se é que é possível usar termos objetivos numa descrição de experiências subjetivas – e, depois do esclarecimento acima, já não há perigo de uma interpretação errônea – podemos dizer que a conduta pode ser ‘aberta’ ou ‘encoberta’. A primeira será chamada de mero fazer e a última de mero pensar. Entretanto, o termo conduta, como o usamos, não implica nenhuma referência à intenção. Todos os tipos de atividades chamadas automáticas de nossa vida interior e exterior – habituais, tradicionais, afetivas – situam-se nessa classe, segundo Leibnitz a ‘classe do comportamento empírico’. A conduta que é revista, isto é, que é baseada num projeto preconcebido, será chamada de ação, independentemente de ser aberta ou encoberta. Com relação à última, é preciso distinguir se há ou não no projeto uma intenção de realizá-lo, desenvolvê-lo, acarretar o estado de coisas planejado. Tal intenção transforma a simples previsão num objetivo e o projeto em propósito. Se falta uma intenção de realização, a ação encoberta projetada permanece uma fantasia, um devaneio; se ela existe, podemos falar de ação proposital ou de desempenho. Um exemplo de ação encoberta que constitui desempenho é o processo de pensar projetado, como tentativa de solucionar mentalmente um problema científico. No caso das chamadas ações abertas, isto é, ações que afetam o mundo exterior através de movimentos do corpo, não cabe falar da distância entre as que são e as que não são acompanhadas de intenção de realização. Qualquer ação aberta é um desempenho, segundo o significado que demos ao termo. A fim de distinguir os desempenhos do mero pensar (encoberto) daqueles que requerem movimento corporal (abertos), chamaremos esses últimos de *trabalho*. O trabalho, então, é a ação no mundo exterior, baseada num projeto e caracterizada pela intenção de realizar o estado de coisas projetado, por meio de movimentos do corpo. Dentre todas as formas descritas de espontaneidade, a do trabalho é a mais importante para a construção da realidade do mundo da vida diária [...] O eu ‘totalmente alerta’ no seu trabalho, e pelo seu trabalho, integra o seu presente, passado e futuro numa dimensão específica do tempo; ele se realiza como uma totalidade em seus atos de trabalho; organiza as diferentes perspectivas espaciais do mundo da vida diária através de atos de trabalho” (SCHUTZ, 1979, pg 123 – 124).

<sup>4</sup> “[...] O trabalho, então, é a ação no mundo exterior, baseada num projeto e caracterizada pela intenção de realizar o estado de coisas projetado [...] dentre todas as formas descritas de espontaneidade, a do trabalho é a mais importante para a construção da realidade do mundo da vida diária. O eu ‘totalmente alerta’ no seu trabalho, e pelo seu trabalho, integra o seu presente, passado e futuro numa dimensão específica do tempo; ele se realiza como uma totalidade em seus atos de trabalho; se comunica com os outros através de atos de trabalho; organiza as diferentes perspectivas espaciais do mundo da vida diária através de atos de trabalho [...]” (SCHUTZ, 1979, pg 124).

<sup>5</sup> “Relevância. A importância atribuída por um indivíduo a aspectos selecionados, etc., de situações específicas e de suas atividades e planos. De acordo com os diversos interesses e envolvimento de uma pessoa, existem, para ela, vários domínios de relevância. Juntos, formam o seu sistema de relevâncias, com suas próprias prioridades e preferências, nem sempre claramente distintas e nem sempre estáveis por períodos mais longos. Em todos os momentos,

esse sistema tem zonas específicas de relevâncias, relevância primordial, relevância menor e irrelevância relativa. Na medida em que as relevâncias surgem dos próprios interesses e motivações de uma pessoa são volitivas. Se são forçadas ou por condições da situação ou por imposição social são impostas. Assim, os sistemas de relevâncias sociais são impostos. Relevâncias comuns ocorrem no envolvimento direto das pessoas (relações do Nós).” (SCHUTZ, 1979, pg 316).

<sup>6</sup> “[...] através de meu ato de reflexão, volto minha atenção para a minha experiência de viver, já não estou mais posicionado dentro da corrente de duração pura, simplesmente, já não estou vivendo dentro desse fluxo. As experiências são apreendidas, distintas, acentuadas, marcadas, uma com relação à outra; as experiências que foram constituídas como fases de um fluxo de duração tornam-se agora objetos da atenção como experiências constituídas. O que antes havia sido constituído como uma fase revela-se agora como uma experiência real, não importa se o ‘Ato da atenção’ é de reflexão ou de reprodução (na apreensão simples). Pois o Ato de atenção – e isso é da maior importância para o estudo do significado – pressupõe uma experiência que foi, que passou – em suma, uma experiência que já está no passado, independentemente de se a atenção em questão é reflexiva ou reprodutiva [...]” (SCHUTZ, 1979, pg 62-63).

<sup>7</sup> “Devemos agora perguntar o que se quer dizer quando se chama uma ação de ‘consciente’, em oposição ao comportamento ‘inconsciente’. Nossa tese é a seguinte: uma ação é consciente no sentido em que, antes de a realizarmos, temos em nossa mente uma figura do que vamos fazer. Então, conforme prosseguimos para a ação, continuamente retemos a figura diante de nosso olho interior (retenção), ou de vez em quando a relembremos (reprodução). A experiência total da ação é muito complexa, consistindo em experiências da atividade, retenção do ato projetado, e assim por diante. É a essa ‘consulta ao mapa’ que nos referimos quando chamamos uma ação de consciente” (SCHUTZ, 1979, pg 126).

<sup>8</sup> “[...] o terceiro período começa praticamente após a segunda guerra mundial e, sua afirmação, incluindo os países de terceiro mundo, vai realmente dar-se nos anos 70. É a fase a que R. Richta (1968) chamou de período técnico-científico, e que se distingue dos anteriores, pelo fato da profunda interação da ciência e da técnica, a tal ponto que certo autores referem falar de tecnociência para realçar a inseparabilidade atual dos dois conceitos e das duas práticas. / Essa união entre técnica e ciência vai dar-se sob a égide do mercado. E o mercado, graças exatamente à ciência e à técnica, torna-se um mercado global. A idéia de ciência, a idéia de tecnologia e a idéia de mercado global devem ser encaradas conjuntamente e desse modo podem oferecer uma nova interpretação à questão ecológica, já que as mudanças que ocorrem na natureza também se subordinam a essa lógica. / Nesse período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de meio-técnico-científico-informacional [...]” (SANTOS, 1996, pg 190).

<sup>9</sup> O meio, mais o médium formam a mídiaesfera. Pois, segundo a midiologia, uma mentalidade coletiva se equilibra e se estabiliza em torno de uma tecnologia de memória dominante, isto é, por um sistema dominante de conservação dos vestígios (restos de crenças, rituais, idéias de outra época). Nesse processo hegemônico de correspondência entre uma lógica das mensagens e uma lógica do médium, onde um modifica o outro, se forma um certo

meio de transmissão de mensagens, um micro meio que os midiólogos chamam de mídiassfera. Cada mídiassfera vai se caracterizar por um regime de velocidades tecnicamente determinado, mas intelectual e socialmente determinante (DEBRAY, 2000).

<sup>10</sup> “Evidência (Evidenz) é usado aqui no sentido que Husserl deu ao termo, a experiência específica desse ‘estar consciente de’. CF *Formale und transzendente Logik*, pp. 437 e seguintes, especialmente p. 144.” (SCHUTZ, 1979, pg 127).

<sup>11</sup> “[...] Intersubjetividade. Uma categoria que, em geral, se refere (especialmente em termos cognitivos) ao que é comum a vários indivíduos. Na vida diária, uma pessoa toma a existência de outras como pressuposta. Ela raciocina e age na hipótese de que esses outros são basicamente pessoas como ela própria, imbuídas de consciência e vontade, desejos e emoções. O conjunto das experiências no decorrer da vida de uma pessoa confirma e reforça a convicção de que, em princípio, e em circunstâncias ‘normais’, pessoas em contato umas com as outras, pelo menos na medida em que são capazes de lidar umas com as outras com sucesso, ‘compreendem’ umas às outras. Os fenomenologistas colocaram o problema da intersubjetividade. Em termos da Psicologia Fenomenologista, esse problema pode ser subdividido em duas questões: 1) como se constitui em minha mente ‘o outro eu’ como um eu com as mesmas características (eidéticas) básicas do meu eu?; 2) como é possível a experiência de um intercâmbio com outro eu, ou como se constitui a experiência de minha ‘compreensão’ do outro e da ‘compreensão’ dele de mim? [...] Subjetividade. No sentido imediato, o termo se refere exclusivamente a experiências, cogitações, motivos, etc., de um indivíduo concreto. Em termos restritos, o significado subjetivo inerente à conduta é sempre o significado que a pessoa que age atribui à sua própria conduta: consiste em seus motivos, isto é, suas razões para agir e seus objetivos, seus planos imediatos ou a longo prazo, sua definição da situação e de outras pessoas, sua concepção de seu próprio papel na situação dada, etc. Deve-se distinguir subjetividade genuína do ponto de vista subjetivo dos observadores sociológicos, para quem os significados subjetivos são fatores fundamentais de todos os relacionamentos de interação em estudo. Ao lidar com eles, usam quadros de referência específicos, isto é, conjuntos de conceitos objetivos que se referem à subjetividade da conduta humana. Em termos de metodologia, esses conceitos em nada diferem daqueles do ponto de vista objetivo. A diferença está no objeto e no procedimento pelo qual a informação sociológica é obtida. A única fonte direta de informação subjetiva é o próprio indivíduo observado. A aplicação de um quadro de referência objetivo, levando em conta o ponto de vista subjetivo, leva à análise sociológica da informação subjetiva reunida e a à interpretação subjetiva dos fenômenos sociais[...]” (SCHUTZ, 1979, pg 313-316).

<sup>12</sup> Para não interferir na formulação dos conceitos necessária a minha reflexão, deixei para fazer a definição de linguagem em contraposição ao discurso nesta nota. Entendo linguagem aqui como colocou P. Ricoeur, como um sistema de regras composto por sinais que existem fora do tempo. Embora a linguagem seja necessária para que haja comunicação, não acontece como comunicação, senão no discurso, que ocorre como evento no tempo e como significação a ser compreendida.

<sup>13</sup> vide <http://www.museudatv.com.br/>

<sup>14</sup> “Les sciences de l’information et de la communication sont historiquement liées à l’essor des mass médias, médias technologiques que sont essentiellement la radio et la télévision. Le développement de ces médias de

communication, à partir des années 40, a donné lieu à toute une série d'interrogations sur leurs « effets » sur les individus et la société. L'apparition des « nouveaux médias de communications » (combinaison d'ordinateurs, de logiciels, de réseaux et de banques de données multimédias), donne lieu au même type d'interrogations auxquelles les sciences de l'information et de la communication, interpellées au premier chef, essaient de répondre. Le premier domaine d'étude des sciences de l'information et de la communication concerne donc les nouvelles technologies de l'information et de la communication (NIC) (on garde « nouvelles » par opposition aux technologies des médias électroniques plus « ancien », telles la radio et la télévision) » (MUCCHIELLI, 2001, pg. 13).

<sup>15</sup> “Protocolo é o conjunto formal de conversões que governa a formação e temporização relativa de intercâmbio de mensagens entre dois sistemas de comunicação”.

<sup>16</sup> Diferença entre obra hipertextualizada e obra hipertextual:

a) obra hipertextual – é construída desde o seu princípio em formato hipertextual; nesta predomina a “intriga” (na acepção de P.Ricoeur) como eixo condutor da obra, não havendo portanto “contextualização” de elementos do discurso literário;

b) obra hipertextualizada – se apresenta originalmente em formato de livro, e é submetida então à técnica de formatação hipertextual; nesta predomina a contextualização, como análise crítica da obra, pari-passu com sua leitura.

<sup>17</sup> Em - ANDRADE, Thales de. “Intersecções entre o ambiente e a realidade técnica: contribuições do pensamento de G. Simondon”. Ambient. soc. [online]. Jan./June 2001, no.8 [cited 20 October 2005], p.91-106. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-753X2001000800006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2001000800006&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 1414-753X.

<sup>18</sup> “Pour saisir la portée philosophique de l'existence des objets techniques, Simondon propose une interprétation génétique généralisée des rapports de l'homme au monde. La culture étant définie comme la possibilité de donner sens et signification, la technique doit être considérée comme les autres modes culturels d'être-au-monde, c'est-à-dire les modes qui médiatisent le rapport de l'homme et du monde. Il s'agit pour cela de faire la genèse des modes de pensée et d'être-au-monde dont la technologie fait partie au même titre que la magie, la religion, l'esthétique, la science, l'éthique” (Em La contribution de Gilbert Simondon à l'étude de la technique - par Élisabeth Gladu - <http://commpositio.org/2000.1/pdf/gladu.pdf>).

<sup>19</sup> “[...]Os limites da lembrança coincidem exatamente com os limites da ‘racionalidade’, desde que se use essa palavra ambígua no seu sentido mais amplo, isto é, no sentido de ‘possibilidade de atribuir significado’. A possibilidade de recuperação pela memória é, de fato, o primeiro requisito de toda a construção racional. Aquilo que é irrecuperável só pode ser vivido, nunca ‘pensado’: é, em princípio, impossível de ser verbalizado [...]” (SCHUTZ, 1979, pg 65-67).

<sup>20</sup> “[...] Comecemos por considerar a distinção que Bergson faz entre viver dentro da corrente de consciência e viver dentro do mundo do tempo e do espaço. Bergson contrasta a ‘corrente interior de duração’ – a *durée* – um vir-a-ser contínuo de qualidades heterogêneas – com o tempo homogêneo, que se espacializou, se quantificou e se tornou descontínuo [...]” (SCHUTZ, 1979, pg 60).

<sup>21</sup> Como colocou A. Schutz, “não somos somente centros de espontaneidade afetando o mundo e criando transformações dentro dele, mas também meros recipiendários passivos de eventos que estão fora de nosso controle, que ocorrem sem a nossa interferência. As relevâncias que nos são impostas são as situações e eventos que não estão ligados a interesses por nós escolhidos, que não se originam em atos da nossa vontade e que temos de aceitar exatamente como são, sem nenhum poder para modificá-los por meio de nossas atividades espontâneas, a não ser transformando essas relevâncias assim impostas em relevâncias intrínsecas. Enquanto não alcançarmos isso, não consideramos as relevâncias impostas como estando ligadas a nossos objetivos espontaneamente escolhidos” (SCHUTZ, 1979, pg 113).

<sup>22</sup> O campo da música apresenta o mesmo processo: “[...] Basta evocar o exemplo da dança e o destino das bourrés, gavotas, passa-pés, rigodões, loures ou minuetos, quando passam a fazer parte da vida da corte e das composições eruditas, suítes, sonatas e ordens, e acabam perdendo todas as características originais por força do refinamento de ritmo e de tempo. 'Ao passarem da aldeia para a corte, escreve Richard Alewyn, muitas dessas danças mudam de ritmo, e todas mudam em velocidade. Os movimentos amplos e rápidos tornam-se curtos e lentos. O salto torna-se passo. Deixam de ser danças destinadas a rodopiar e esquecer o mundo. A dança de sociedade da idade barroca não é um divertimento. É uma cerimônia executada solenemente, a fim de excitar a admiração de um público' (Ver R. Alewyn. *L'univers du baroque*. Paris, Gonthier, 1959, pg 34). A história das formas musicais constitui, certamente, a ilustração mais evidente do processo de refinamento que determina a manipulação erudita. Tomemos, por exemplo, o minuetto que, depois de conquistar a corte de Versalhes, e, em seguida, todas as cortes da Europa (Haydn e Mozart escrevem minuetos para dança), passa a integrar a sonata e o quarteto de cordas, a título de interlúdio ligeiro entre o movimento lento e o final; com Haydn, passa a fazer parte da sinfonia e, em Beethoven, dá lugar ao scherzo, cujo único vínculo com a dança é o trio. Estas transformações da estrutura das obras são correlatas a uma transformação de suas funções sociais cujo indicador mais seguro é a transformação da estrutura das relações sociais no interior das quais elas funcionam, ou seja, de um lado, a festa sazonal que cumpre uma função de integração e de revivificação dos “grupos primários” e, no outro pólo, o concerto, reunião de um público cujo único liame é uma relação abstrata de pertinência exclusiva ao mundo dos iniciados [...]” (BOURDIEU, 2002, pg 114).

<sup>23</sup> “Limitados a los datos parciales y superficiales de la experiencia biográfica pero orientados por la ambición de juzgar y explicar, la mayor parte de los ensayos consagrados a las jornadas de Mayo hacen pensar en eso que Poincaré decía de las teorías de Lorentz: "Era necesaria una explicación, se la ha encontrado; se la encuentra siempre; las hipótesis, son el sustrato que menos falta". La tentación de multiplicar sin medida las hipótesis a medida nunca se ejerce tanto sobre los especialistas de las ciencias sociales como cuando se relacionan con los acontecimientos, y los acontecimientos críticos. Los instantes donde el sentido del mundo social oscila son un desafío, que no es sólo intelectual, para todos aquellos que hacen profesión de leer el sentido del mundo y que, bajo la apariencia de enunciar qué es eso, pretenden hacer existir las cosas conforme a su decir, producir entonces efectos políticos inmediatos; lo que implica que ellos toman la palabra sobre-el-campo, y no luego de la reflexión, pero tampoco después de la batalla. Los beneficios políticos que puede procurar la interpretación de un acontecimiento social dependen estrictamente de su "actualidad"; es

decir, del grado en que suscita el interés ya que es la apuesta en conflictos de intereses materiales o simbólicos (es la definición misma del presente, nunca completamente reductible a aquello que es inmediatamente dado). Se sigue que el principio de la mayor parte de las diferencias entre las producciones culturales reside en los mercados a los cuales ellas son, más inconsciente que conscientemente, destinadas, mercado restringido, dentro del cual, en última instancia, el productor no tiene por clientes más que el conjunto de sus competidores, o mercado de gran producción ; estos mercados aseguran a los productos culturales (y a sus autores) beneficios materiales y simbólicos, es decir sucesos de ventas, público, clientelas, y una visibilidad social, un renombre -de los cuales la superficie ocupada en los diarios constituye un buen indicador- extremadamente desiguales, tanto en su importancia como en su duración. Una de las razones del retraso de las ciencias sociales, expuestas sin cesar a la regresión hacia el ensayismo, es que las chances de obtener el éxito puramente mundano, ligado al interés de actualidad, disminuyen a medida que uno se aleja en el tiempo del objeto estudiado, es decir, a medida que crece el tiempo invertido en el trabajo científico, condición necesaria, si bien no suficiente, de la calidad científica del producto. El investigador no puede más que llegar después de la fiesta, cuando los faroles están sin brillo y los andamios retirados, y con un producto que no tiene ningún encanto de lo impromptu. Construido junto a las cuestiones surgidas de la inmediatez del acontecimiento, enigmas más que problemas, llamando a la toma de posición total y definitiva más que al análisis necesariamente parcial y reversible, el protocolo científico no tiene para esto la bella claridad del discurso del sentido común al que no le es difícil ser simple ya que comienza siempre por simplificar” (BOURDIEU, <http://catedras.fsoc.uba.ar/rubinich/biblioteca/web/about.html> - HOMO ACADEMICUS, cap. V).

<sup>24</sup> Seria uma observação totalmente engajada, onde estaria completamente integrada, vivendo a construção hipertextual por um período relativamente prolongado, de modo a captar com maior riqueza de detalhes a maneira pela qual se apropria desta NTIC nos atos de comunicação, no próprio meio acadêmico – segundo suas determinadas normas, métodos, técnica – e a sequência de estados de um texto que se transforma em hipertexto.

<sup>25</sup> G. Simondon, mais adiante, coloca que é possível romper com este círculo vicioso, e demonstra isto através do campo científico de pesquisa, onde a máquina, segundo ele, não é objeto de consumo e não é destinada a produzir um trabalho predeterminado pela comunidade. Eu discordo deste posicionamento de G. Simondon, e por isso, utilizo apenas alguns de seus conceitos, acompanhando-o somente até determinados pontos de sua teoria, afinados com a defesa desta tese de doutorado.

<sup>26</sup> Estratégico no sentido de que não é inerente ao homem a arte de escolher onde, quando e com que travar um “combate”. Isto é, o homem aprende a arte de aplicar os meios disponíveis com vista à consecução de objetivos específicos. Ou melhor, aprende a explorar condições favoráveis com o fim de alcançar objetivos específicos.

<sup>27</sup> « [...] La finalité du copyleft est également la promotion du savoir et le progrès de la connaissance pour un public de plus en plus large. Mais la logique en est inverse de celle du copyright. Au lieu d’une réservation de l’œuvre au seul profit de l’auteur, est proposée la création d’un fonds commun mis en ligne, auquel chacun peut ajouter sa contribution, mais duquel personne ne peut retrancher une contribution. Vu l’opportunité de la vaste diffusion qu’offrent des réseaux tels qu’Internet, les fondateurs du copyleft pensent en effet beaucoup plus efficace de promouvoir la libre disponibilité des contenus mis en ligne plutôt que de faire respecter leurs droits pécuniaires privés. Se développant initialement dans le monde du logiciel, le copyleft permet le libre accès au code source du logiciel, sa libre redistribution et



sa copie. L'utilisateur peut également améliorer le logiciel ou l'adapter à ses besoins spécifiques. Mais, conformément au programme initial, toutes les modifications ou améliorations doivent être versées dans le fonds commun des programmes libres. À toutes ces étapes de diffusion ou de transformation, les utilisateurs sont tenus de mentionner toujours le nom de l'auteur du logiciel initial et de faire référence aux conditions d'utilisation inspirées des principes du copyleft [...] » (PHILIPPE AMBLARD - <http://www.hypernetzsche.org/doc/puf/book/hypernetzsche/le-livre.htm>)

28

Ou como referido por M.Castells: “[...]Talvez o passo analítico necessário para se compreender as novas formas de interação social na era da Internet seja tomar por base uma redefinição de comunidade, dando menos ênfase a seu componente cultural, dando mais ênfase a seu papel de apoio a indivíduos e famílias, e desvinculando sua existência social de um tipo único de suporte material. Assim, uma definição operacional útil a esse respeito é aquela proposta por Barry Wellman: “Comunidades são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social” (2001, p.1). Naturalmente, a questão decisiva aqui é o deslocamento da comunidade para a rede como a forma central de organizar a interação. As comunidades, ao menos na tradição da pesquisa sociológica, baseavam-se no compartilhamento de valores e organização social. As redes são montadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos sociais. Dessa forma, a grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade. Isso é verdadeiro no que diz respeito às nossas amizades, mas é ainda mais verdadeiro no tocante aos laços de parentesco, a medida que a família extensa encolheu e novos meios de comunicação tornaram possível manter contato a distância com um pequeno número de familiares. Assim, o padrão de sociabilidade evoluiu rumo a um cerne de sociabilidade construído em torno da família nuclear em casa, a partir de onde redes de laços seletivos são formadas segundo os interesses e valores de cada membro da família [...]” (CASTELLS, 2003, pg 106-107).

29

“[...] one almost inevitably Works collaboratively whenever creating documents on a multiauthor hypertext system. One day when I was linking materials to the overview (or directory) file for Graham Swift's *Waterland* (1983), I observed Nicole Yankelovich, project coordinator of the Intermedia project at IRIS, working on materials for a course in arms control and disarmament offered by Richard Smoke of Brown University's Center for Foreign Policy Development. Those materials, which were created by someone from a discipline very different from mine for a very different kind of course, filled a major gap in a project I was working on. Although my co-authors and I had created materials about technology, including graphic and text documents on canals and railroads, to attach to the science and technology section of the *Waterland* overview, we did not have the expertise to create parallel documents about nuclear technology and the antinuclear movement, two subjects that play a significant part in Swift's novel. Creating a brief introduction to the subject of *Waterland* and nuclear disarmament, I linked it first to the science and technology section in the *Waterland* overview and then to the time line that the nuclear arms course materials employ as a directory file. A brief document and a few links enable students in the introductory survey of English literature to explore the materials created for a course in another discipline. Similarly, students find that course can now encounter materials showing the effects on contemporary fiction of the concerns covered in their political science course. Intermedia thus allows and encourages collaborative work, and at the same time it encourages interdisciplinary approaches by making materials created by specialists in different disciplines work together - collaborate. The important point here is that hypermedia linking automatically produces collaboration. Looking at the way the arms control materials joined to those supporting the four English courses, one encounters a typical example of how the connectivity that characterizes hypertext transforms independently produced documents into collaborative ones and authors working alone into collaborative authors. When

one consider the arms control materials from the point of view of their originator, they exist as part of a discrete body of materials [...]" (LANDOW, 1992, pg. 95).

<sup>30</sup> Em MUCCHIELLI, Alex. Les Modèle de la Communication. In: CABIN, Philippe (coord.) La Communication: état des savoirs. Éditions Sciences Humaines, 2003. (<http://www.scienceshumaines.com/homepage.do>)

<sup>31</sup> “[...] Or, si l'on admet que, dans une interaction, tout comportement a la valeur d'un message, c'est-à-dire qu'il est une communication, il suit qu'on ne peut pas ne pas communiquer, qu'on le veuille ou non. Activité ou inactivité, parole ou silence, tout a valeur de message. De tels comportements influencent les autres, et les autres, en retour, ne peuvent pas ne pas réagir à ces communications, et de ce fait eux-même communiquer [...]" (WATZLAWICK, 1972, pg 46).

<sup>32</sup> “[...] Em um mundo de aparências, cheio de erros e semblâncias, a realidade é garantida por esta tríplice comunhão: os cinco sentidos, inteiramente distintos uns dos outros, têm em comum o mesmo objeto; membros da mesma espécie têm em comum o contexto que dota cada objeto singular de seu significado específico; e todos os outros seres sensorialmente dotados, embora percebam esse objeto a partir de perspectivas inteiramente distintas, estão de acordo acerca de sua identidade. É dessa tríplice comunhão que surge a sensação de realidade [...]" (ARENDT, 1995, pg 40).

<sup>33</sup> “[...] O Ciberespaço oferece um cenário, se não estritamente equivalente, bastante semelhante ao das sociedades complexas contemporâneas, cuja reflexão, no campo da Antropologia, já possui um referencial teórico bastante desenvolvido. Ao debruçar-se sobre as cidades e sobre o mundo "ocidental" de uma forma geral, a Antropologia percebeu-se diante de um impasse: como estranhar um "outro" que estava aparentemente tão próximo? Muito diferente de embarcar em uma canoa e viver vários meses entre uma tribo do Pacífico, concentrando o olhar em torno de uma prática cultural fundadora do grupo e vivida por todos os seus membros de forma relativamente homogênea [10], o antropólogo "urbano" faz de seu objeto de estudo os próprios vizinhos, eventualmente moradores de seu prédio e de seu bairro, como o fez Gilberto Velho em "A Utopia Urbana" (1989), pesquisa onde investiga as representações que moradores de Copacabana elaboram sobre o morar no bairro. Seus informantes eram os moradores do prédio onde ele próprio morava, ou seja, de uma forma ou de outra, o próprio antropólogo acaba fazendo parte do grupo a que investiga. A distinção que estabeleci entre as duas abordagens de estudo do Ciberespaço assemelha-se à diferença apontada por Durham (1986, p. 19) entre a Antropologia urbana brasileira e a praticada pela Escola de Chicago. Ela denomina a primeira de Antropologia na cidade, enquanto a segunda de Antropologia da cidade. Assim, a abordagem "extrínseca" faz uma Antropologia do Ciberespaço ao considerá-lo como mais um aspecto de outras realidades, enquanto que a abordagem "intrínseca" tenta estabelecer uma Antropologia no Ciberespaço, uma Ciberantropologia. O diálogo com o corpus teórico elaborado em torno da questão urbana, na Antropologia brasileira, é frutífero, na medida em que muitos dos temas por ele abordados encontram homologias no interior do Ciberespaço. A pesquisa etnográfica em ambientes de sociabilidade virtual também poderá contribuir para o enriquecimento da reflexão sobre as sociedades complexas, visto que o Ciberespaço pode ser compreendido como uma das esferas constituintes da mesma. [...] Uma das tarefas, portanto, de uma Ciberantropologia, é a de fazer as pontes entre essas diferentes comunidades de sentido, aos moldes da Antropologia Hermenêutica proposta por Geertz (1989), através da tradução das categorias que orientam as práticas sociais dos grupos on-line. No momento atual do povoamento do Ciberespaço, e no que diz respeito ao grupo por mim etnografado, grande parte dessas categorias

advém do off-line. Elementos como configurações espaciais, formas de convívio, maneiras de abordagem e modalidades de relacionamento, encontram no seu símile off-line um modelo inicial, que é reelaborado e contextualizado ao ambiente de sociabilidade virtual em questão. É latente no discurso dos informantes no Palace que essa migração categorial em grande parte supre, na função da analogia, a ausência da elaboração das categorias "nativas" ao on-line [...]" (Mário J.L. Guimarães Jr. - [http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber\\_cenario.html](http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html))

<sup>34</sup> “Por plataforma podemos compreender os elementos de software ("programas") que dão sustentação às relações de sociabilidade no Ciberespaço. Comumente uma plataforma constitui-se de um programa principal (como o Palace, por exemplo), mas há casos de plataformas constituídas por diversos programas (como o IRC) [8]. Os "ambientes de sociabilidade virtual", por sua vez, são constituídos a partir das plataformas, não raro abrindo mão de mais de uma concomitantemente. Em observações de campo é comum manter contato simultâneo com determinada persona através do Palace e do ICQ, por exemplo. As comunidades virtuais [9] desenvolvem sua dinâmica abrindo mão de diferentes plataformas, de acordo com o contexto (Guimarães Jr., 1998a). O relevante é o pertencimento ao grupo, independente da plataforma utilizada para realizar este pertencimento” ([http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat\\_amb.html#refn7](http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat_amb.html#refn7) por Guimarães Jr., M.J.L.).

<sup>35</sup> Reuni informações, dentre outras coisas, sobre: os passos elementares para utilizar os serviços oferecidos pela Internet; como selecionar uma empresa que ofereça serviço de acesso Internet (um provedor); procedimentos de adoção de um provedor; verificação dos recursos do sistema operacional, em meu laptop, da versão do navegador e do programa de correio eletrônico que lê os e-mails; instalação de outros navegadores, necessários para testar a apresentação das páginas desenvolvidas (cada navegador tem seu grau maior ou menor de aderência aos protocolos padrões); e outras considerações técnicas que estenderiam muito esta nota.

<sup>36</sup> Hosting Tutorial, com os seguintes subtópicos: Host Intro; Host Providers; Host Domains; Host Capacity; Host Email; Host Technologies; Host Databases; Host Types; Host E-commerce; Host Resources.

CSS Basic, com os seguintes subtópicos: CSS HOME; CSS Introduction; CSS Syntax; CSS How To; CSS Background; CSS Text; CSS Font; CSS Border; CSS Margin; CSS Padding; CSS List.

HTML Basic, com os seguintes subtópicos: HTML HOME; HTML & WWW; HTML Introduction; HTML Elements; HTML Basic Tags; HTML Formatting; HTML Entities; HTML Links; HTML Frames; HTML Tables; HTML Lists; HTML Forms; HTML Images; HTML Background.

JS Basic, com os seguintes subtópicos: JS HOME; JS Introduction; JS How To; JS Where To; JS Variables; JS Operators; JS Functions; JS Conditional; JS Looping; JS Guidelines.

37

<http://www.easyphp.org/> EasyPHP installe et configure automatiquement un environnement de travail complet sous Windows permettant de mettre en oeuvre toute la puissance et la souplesse qu'offrent le langage dynamique PHP et son support efficace des bases de données. EasyPHP regroupe un serveur Apache, une base de donnée MySQL, le langage PHP ainsi que des outils facilitant le développement de vos sites ou de vos applications.

38

Inicialmente, este sítio foi incluído no próprio sítio para o Projeto Bolsista Integrado, em <http://www.pos.eco.ufrj.br/pbi/> Mas com a nova coordenação do PPGCOM, determinados espaços que não estavam sendo utilizados foram retirados do servidor, dentre estes espaços, estava o dedicado ao PBI. Com isto, foi necessário transferir o sítio Macunaíma para a minha página pessoal <http://www.hiperlector.bem-vindo.net>

39

Com a nova coordenação do PPGCOM, em 2005, determinados espaços que não estavam sendo utilizados foram retirados do servidor, dentre estes espaços, estavam: este dedicado aos professores, o wikindex e o phpmyfaq.

40

Mais informações podem ser encontradas na wikipedia - [http://pt.wikipedia.org/wiki/File\\_Transfer\\_Protocol](http://pt.wikipedia.org/wiki/File_Transfer_Protocol)

41

O SSH ainda possui outras funções. Mais informações podem ser encontradas na wikipedia - [http://pt.wikipedia.org/wiki/Secure\\_shell](http://pt.wikipedia.org/wiki/Secure_shell)

42

A obra Arqueologia do Saber foi publicada após uma série de questionamentos acerca das obras precedentes de M. Foucault, que haviam deixado algumas dúvidas em relação a noção de discurso; a noção de enunciado, as noções de práticas e formações discursivas, as noções de ciência e saber, e as noções de arqueologia e história. Assim, M. Foucault procura neste livro analisar estas noções de maneira mais aprofundada, paralelo a uma exposição de sua metodologia de pesquisa. Logo, nota-se que esta obra aporta toda uma rede de noções entrelaçadas e que se interpenetram. Portanto, apesar do escopo da tese recair sobre o discurso, será inevitável abordar ao longo deste breve resumo da noção de discurso para M. Foucault outras noções como: arqueologia, arquivo, dispositivo, episteme entre outras.

43

"[...] In dealing with the "author" as a function of discourse, we must consider the characteristics of a discourse that support this use and determine its differences from other discourses. If we limit our remarks only to those books or texts with authors, we can isolate four different features.

First, they are objects of appropriation; the form of property they have become is of a particular type whose legal codification was accomplished some years ago. It is important to notice, as well, that its status as property is historically secondary to the penal code controlling its appropriation. Speeches and books were assigned real authors, other than mythical or important religious figures, only when the author became subject to punishment and to the extent that his discourse was considered transgressive. In our culture and undoubtedly in others as well discourse was not originally a thing, a product, or a possession, but an action situated in a bipolar field of sacred and profane, lawful and unlawful, religious and blasphemous. It was a gesture charged with risks before it became a possession caught in a circuit of property

values. But it was at the moment when a system of ownership and strict copyright rules were established (toward the end of the eighteenth and beginning of the nineteenth century) that the transgressive properties always intrinsic to the act of writing became the forceful imperative of literature. It is as if the author, at the moment he was accepted into the social order of property which governs our culture, was compensating for his new status by reviving the older bipolar field of discourse in a systematic practice of transgression and by restoring the danger of writing which, on another side, had been conferred the benefits of property.

Secondly, the "author-function" is not universal or constant in all discourse. Even within our civilization, the same types of texts have not always required authors; there was a time when those texts which we now call "literary" (stories, folk tales, epics and tragedies) were accepted, circulated and valorized without any questions about the identity of their author. Their anonymity was ignored because their real or supposed age was a sufficient guarantee of their authenticity. Text, however, that we now call "scientific" (dealing with cosmology and the heavens, medicine or illness, the natural sciences or geography) were only considered truthful during the Middle Ages if the name of the author was indicated. Statements on the order of "Hippocrates said..." or "Pliny tells us that..." were not merely formulas for an argument based on authority; they marked a proven discourse. In the seventeenth and eighteenth centuries, a totally new conception was developed when scientific texts were accepted on their own merits and positioned within an anonymous and coherent conceptual system of established truths and methods of verification. Authentication no longer required reference to the individual who had produced them; the role of the author disappeared as an index of truthfulness and, where it remained as an inventor's name, it was merely to denote a specific theorem or proposition, a strange effect, a property, a body, a group of elements, or a pathological syndrome.

At the same time, however, "literary" discourse was acceptable only if it carried an author's name; every text of poetry or fiction was obliged to state its author and the date, place, and circumstance of its writing. The meaning and value attributed to the text depended upon this information. If by accident or design a text was presented anonymously, every effort was made to locate its author. Literary anonymity was of interest only as a puzzle to be solved as, in our day, literary works are totally dominated by the sovereignty of the author. (Undoubtedly, these remarks are far too categorical. Criticism has been concerned for some time now with aspects of a text not fully dependent upon the notion of an individual creator; studies of genre or the analysis of recurring textual motifs and their variations from a norm other than author. Furthermore, where in mathematics the author has become little more than a handy reference for a particular theorem or group of propositions, the reference to an author in biology or medicine, or to the date of his research has a substantially different bearing. This latter reference, more than simply indicating the source of information, attests to the "reliability" of the evidence, since it entails an appreciation of the techniques and experimental materials available at a given time and in a particular laboratory).

The third point concerning this "author-function" is that it is not formed spontaneously through the simple attribution of a discourse to an individual. It results from a complex operation whose purpose is to construct the rational entity we call an author. Undoubtedly, this construction is assigned a "realistic" dimension as we speak of an individual's "profundity" or "creative" power, his intentions or the original inspiration manifested in writing. Nevertheless, these aspects of an individual, which we designate as an author (or which comprise an individual as an author), are projections, in terms always more or less psychological, of our way of handling texts: in the comparisons we make, the traits we extract as pertinent, the continuities we assign, or the exclusions we practice. In addition, all these operations vary

according to the period and the form of discourse concerned. A "philosopher" and a "poet" are not constructed in the same manner; and the author of an eighteenth-century novel was formed differently from the modern novelist [...]" Foucault, Michel. "What is an Author?" Trans. Donald F. Bouchard and Sherry Simon. In *Language, Counter-Memory, Practice*. Ed. Donald F. Bouchard. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1977. pp. 124-127.

<sup>44</sup> “[...] o objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não preexiste a si mesmo [...], mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações [...] Estas relações são estabelecidas entre instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamentos, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização; e essas relações não estão presentes no objeto [...] elas não definem a constituição interna do objeto, mas o que lhe permite aparecer, justapor-se a outros objetos, situar-se em relação a eles, definir sua diferença, sua irredutibilidade e, eventualmente, sua heterogeneidade; enfim, ser colocado em um campo de exterioridade [...]” (FOUCAULT, 1995, pg 26, 30 e 51).

<sup>45</sup> “[...] Não é preciso, pois, conceber o sujeito do enunciado como idêntico ao autor da formulação, nem substancialmente, nem funcionalmente [...] é um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia – ou melhor, é variável o bastante para poder continuar, idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma. Esse lugar é uma dimensão que caracteriza toda formulação enquanto enunciado, constituindo um dos traços que pertencem exclusivamente à função enunciativa e permitem descrevê-la. Se uma proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser considerados ‘enunciados’, não é porque houve, um dia, alguém para proferi-los ou para depositar, em algum lugar, seu traço provisório; mas sim na medida em que pode ser assinalada a posição do sujeito. Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito [...]” (FOUCAULT, 1995, pg 109).

<sup>46</sup> O habitus lingüístico de P. Bourdieu se distingue de uma competência de tipo chomskiano pelo fato de ser o produto das condições sociais e pelo fato de não ser uma simples produção de discursos, mas uma produção de discursos ajustados a uma situação ou de preferência, ajustados a um mercado ou a um campo. Para exemplificar sua noção de discurso P. Bourdieu remete ao exemplo dos sofistas, invocando a noção de Kairos: “[...] Professores da palavra, eles sabiam que não bastava ensinar as pessoas a falar, mas que era preciso lhes ensinar a falar no momento oportuno. Ou seja, a arte de falar, de falar bem, de utilizar figuras de linguagem ou de pensamento, de manipular a linguagem, de dominá-la, não significa nada sem a arte de utilizar de forma oportuna esta arte. Originalmente, o kairo era o centro do alvo. Quando você fala de forma oportuna, você atinge o centro do alvo. Para atirar no alvo, para que as palavras acertem na mosca, para que as palavras rendam, para que as palavras produzam seus efeitos, é preciso dizer não apenas a palavra gramaticalmente correta, mas a palavra socialmente aceitável [...]” (P. Bourdieu, 1983, pg 96). Em seu artigo sobre a “Langue Française”, P. Bourdieu também coloca uma distinção entre o entendimento que tem por aceitabilidade e o entendimento chomskiano de aceitabilidade: “A aceitabilidade sociologicamente definida não consiste apenas no fato de se falar corretamente uma língua: em alguns casos, por exemplo, se for preciso uma certa descontração, um francês muito impecável pode ser inaceitável”. “[...] O discurso que produzimos, segundo o modelo que proponho, é uma ‘resultante’ da competência do locutor e do mercado no qual passa seu discurso; o discurso depende em parte (que seria preciso examinar de maneira mais rigorosa) as condições de recepção [...]” (ibid, pg 77)

Modernismo entendido aqui como movimento literário que compreende um grupo variado de correntes estéticas de vanguarda, como o Dadaísmo, o Surrealismo e o Futurismo. Resumidamente, uma tendência dinâmica, indicando a necessidade de renovação e a crença de que é possível uma superação constante, baseada na idéia da 'modernidade' contra a tradição e o antigo. No séc. XX foi marcado como uma época de mudanças radicais, com a preocupação de substituir os valores antigos e no campo literário, a atitude moderna da época colocou acima de tudo o particular, o local, a circunstância, o pessoal, o subjetivo, o relativo e a diversidade (TELES, 1997).

“[N]A descrição de semelhante sistema [...] não se toma como objeto de análise a arquitetura conceitual de um texto isolado, de uma obra individual ou de uma ciência em um dado momento. Colocamo-nos na retaguarda em relação a esse jogo conceitual manifesto; e tentamos determinar segundo que esquemas [...] os enunciados podem estar ligados uns aos outros em um tipo de discurso; tentamos estabelecer, assim, como os elementos recorrentes dos enunciados podem reaparecer, se dissociar, se recompor, ganhar em extensão ou em determinação, ser retomado no interior de novas estruturas lógicas, adquirir, em compensação, novos conteúdos semânticos, constituir entre si organizações parciais. Estes esquemas permitem descrever sua dispersão anônima através de textos, livros e obras [...]” (FOUCAULT, 1995, pg 67). [...] Uma formação discursiva será individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam; em outros termos, se se puder mostrar como todas derivam (malgrado sua diversidade por vezes extremas, malgrado sua dispersão no tempo) de um mesmo jogo de relações. Por exemplo, a análise das riquezas, nos séculos XVII e XVIII, é caracterizada pelo sistema que pôde formar, ao mesmo tempo, o mercantilismo de Colbert e o ‘neomercantilismo’ de Cantillon; a estratégia de Law e a de Paris-Duverney; a opção fisiocrática e a opção utilitarista. Esse sistema será definido se se puder descrever como os pontos de difração do discurso econômico derivam uns dos outros, se comandam e se pressupõem (como de uma decisão a propósito do conceito de valor deriva de um ponto de escolha a propósito dos preços); como as escolhas efetuadas dependem da constelação geral em que figura o discurso econômico (a escolha em favor da moeda-signo está ligada ao lugar ocupado pela análise das riquezas, ao lado da teoria da linguagem, da análise das representações, da ‘mathesis’ e da ciência da ordem); como essas escolhas estão ligadas à função exercida pelo discurso econômico na prática do capitalismo nascente, ao processo de apropriação de que é objeto por parte da burguesia, ao papel que pode desempenhar na realização dos interesses e dos desejos. O discurso econômico, a época clássica, define-se por uma certa maneira constante de relacionar possibilidades de sistematização interiores a um discurso, outros discursos que lhe são exteriores e todo um campo, não discursivo, de práticas, de apropriação, de interesse e de desejos [...]”(FOUCAULT, 1995, pg 75-76).

“A situação paratópica do escritor leva-o a identificar-se com todos aqueles que parecem escapar às linhas de divisão da sociedade: boêmios, mas também judeus, mulheres, palhaços, aventureiros, índios da América. Basta que na sociedade se crie uma estrutura paratópica para que a criação literária seja atraída para a sua órbita” (MAINGUENEAU, 2001, pg 36).

“[...] O problema dela é definir os discursos em sua especificidade [...] segui-los em suas arestas exteriores para melhor salientá-los [...] Ela define tipos e regras de práticas discursivas que atravessam obras individuais [...] Não é nada além e nada diferente de uma reescrita [...] é a descrição sistemática de um discurso-objeto [...] (FOUCAULT, 1995, pg 159 – 160). [...] em um romance, o autor da formulação é o indivíduo real cujo nome figura na capa do livro [...] mas [...] os enunciados do romance não têm o mesmo sujeito, conforme dêem, como se fosse do exterior, os marcos históricos e espaciais da história contada, ou descrevam as coisas como as veria um indivíduo anônimo, invisível e neutro,



magicamente misturado às figuras da ficção, ou ainda dêem, como se fosse por decifração interior e imediata, a versão verbal do que, silenciosamente, experimenta um personagem. Esses enunciados, ainda que o autor seja o mesmo, ainda que só os atribua a si, ainda que não invente relais suplementar entre o que ele é e o texto que se lê, não supõem para o sujeito enunciante os mesmos caracteres; não implicam a mesma relação entre o sujeito e o que ele está enunciando [...] (FOUCAULT, 1995, pg 106). [...] as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede [...]”(FOUCAULT, 1995, pg 107).

<sup>51</sup> “não há um só romance destes autores clássicos que não constitui uma enciclopédia de todas as veias e formas da linguagem literária. Conforme o objeto representado, a narrativa evoca parodista, tanto a eloquência parlamentar ou jurídica, quanto a forma particular de relatórios das sessões do Parlamento e seus processos-verbais, as reportagens das gazetas, dos jornais, o vocabulário árido dos homens de negócios da Cidade, as fofocas caipiras, as pedantes elucubrações dos cientistas, o nobre estilo épico ou bíblico, o tom beato do sermão moralizador, enfim a maneira de falar de tal personagem concretamente e socialmente definida” (BAKHTINEE, 1978, pg 122).

<sup>52</sup> Verbete: pasticho - 1. Obra literária ou artística imitada servilmente de outra. 2. Mús. Espécie de representação lírica composta de árias, duetos, etc., tirados de várias óperas, com o fim de reunir num só espetáculo, em rápida sucessão, os seus números de maior êxito. [Não é necessário que os trechos escolhidos sejam do mesmo compositor.]

<sup>53</sup> “[...] Les paroles d’autrui, narrées, caricaturées, présentées sous un certain éclairage, tantôt disposées en masses compactes, tantôt disséminées çà et là, bien souvent impersonnelles (‘opinion publique’, langages d’une profession, d’un genre), ne se distinguent pas de façon tranchée des paroles de l’auteur [...] » (BAKHTINEE, 1978, pg 132).

<sup>54</sup> Luis da Câmara Cascudo, em seu livro Contos Tradicionais do Brasil, relata as diversas versões do conto “Por que o negro é preto” em que se explica a origem das diferentes cores dos povos. Conto este que Mário utilizou neste capítulo do Macunaíma.

<sup>55</sup> « [...] On introduit les ‘langues’ et les perspectives littéraires et idéologique multiforme – des genres, des professions, des groupes sociaux (langage du noble, du fermier, du marchand, du paysan), on introduit les langages orientés, familiers (commérages, bavardage mondain, parler des domestiques), et ainsi de suite. Il est vrai que c’est surtout dans les limites des langages littéraires écrits et parlés, et à ce propos il faut dire qu’ils ne sont pas rapportés à tels personnages définis (aux héros, aux narrateurs) mais introduits sous une forme anonyme ‘de la part de l’auteur’, alternant (sans tenir compte des frontières précises) en même temps avec le discours direct de l’auteur [...] L’auteur et le narrateur supposés prennent un sens tout à fait autre lorsqu’ils sont introduits comme vecteurs d’une perspective linguistique, d’une vision particulière du monde et des événements d’appréciations et d’intonations particulières – particulières tant par rapport à l’auteur, à son discours direct réel, que par rapport à la narration et aux langages littéraires ‘normaux ’ [...] » (BAKHTINEE, 1978, pg 132 – 133).



“[...] Comme nous l’avons noté, le récit du narrateur ou de l’auteur présumé se construit sur le fond du langage littéraire normal, de la perspective littéraire habituelle. Chaque moment du récit est corrélé à ce langage et à cette perspective, il leur est confronté et, au surplus, *dialogiquement* : point de vue contre point de vue, accent contre accent, appréciation contre appréciation (et non comme deux phénomènes abstraitement linguistiques). Cette corrélation, cette jonction dialogique entre deux langages, deux perspectives, permet à l’intention de l’auteur de se réaliser de telle sorte, que nous la sentions distinctement dans chaque moment de l’œuvre » (BAKHTINEE, 1978, pg 135).

“ [...] la diversité de langages d’une société est introduite principalement par le discours directs des personnages, dans leurs dialogues. Mais, comme nous l’avons dit, ce polylinguisme social est éparé aussi dans le discours de l’auteur, autour des personnages, créant ainsi *leurs zones particulières*. Celles-ci sont constituées avec les demi-discours des personnages, avec diverses formes de transmission cachée de la parole d’autrui, avec les énoncés, importants ou non, du discours d’autrui éparpillés çà et là, avec l’intrusion, dans le discours de l’auteur, d’éléments expressifs qui ne lui sont pas propres (point de suspension ou d’interrogation, interjections). Cette zone, c’est le rayon d’action de la voix du personnage, mêlée d’une façon ou d’une autre à celle de l’auteur [...] Évidemment elle est hybride, et la voix de l’auteur peut avoir différents degrés d’activité, et peut introduire dans le discours transmis un second accent : ironique, indigné, etc. On obtient la même hybridation, la même confusion des accents, le même effacement des frontières entre le discours de l’auteur et celui d’autrui, grâce à d’autres formes de transmission des discours des personnages. Avec seulement trois modèles de transmission (discours direct, discours indirect, discours direct d’autrui), avec leurs multiples combinaisons, et surtout avec divers procédés de leur réplique enchassée et de leur stratification au moyen du contexte de l’auteur, on parvient au jeu multiple des discours, avec leurs interférences et leurs influences réciproques [...]» (BAKHTINEE, 1978, pg 137-140)

“[...] Le roman permet d’introduire dans son entité toutes espèces de genres, tant littéraires (nouvelles, poésies, poèmes, saynètes) qu’extra-littéraire (études de mœurs, textes rhétoriques, scientifiques, religieux, etc.) [...] Non seulement peuvent-ils tous entrer dans le roman comme élément constitutif majeur, mais aussi déterminer la forme du roman tout entier (roman-confession, roman-journal, roman-épistolaire ...) [...] Tous ces genres qui entrent dans le roman, y introduisent leurs langages propres, stratifiant donc son unité linguistique, et approfondissant de façon nouvelle la diversité de ses langages. [...] Les genres intercalaires peuvent être directement intentionnels ou complètement objectivés, c’est-à-dire dépouillés entièrement des intentions de l’auteur, non pas ‘dits’, mais seulement ‘montrés’, comme une chose, par le discours; mais, le plus souvent, ils réfractent, à divers degrés, les intentions de l’auteur, et certains de leurs éléments peuvent s’écarter de différente manière de l’instance sémantique dernière de l’œuvre [...]” (BAKHTINEE, 1978, pg 141-142)

Este verso foi retirado da literatura ora do Brasil que apresentamos aqui completo: “Bão-ba-la-lão/ Senhor capitão/ Em terra de mouro/ Morreu meu irmão/ Cozido e assado/ No seu caldeirão/ E foi enterrado/ Na cruz do Patrão/ Capote vermelho/ Chapéu de galão/ Negro cativo/ Não tem presença/ De dia e de noite/ C’os cacos na mão/ Bão-ba-la-lão/ Senhor capitão/ Espada na cinta/ Sinete na mão/ Eu vi uma velha/ Com um bolo na mão/ Eu dei-lhe uma tapa/ Ela, pufo, no chão!” (CASCUDO, 1978, pg 59)

<sup>60</sup> “[...] Em 1911, o etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg iniciou uma pesquisa sobre os costumes e a tradição oral dos índios que habitam a região onde hoje se delimita a fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana, na região do Monte Roraima. Durante dois anos, ele colheu um farto material que resultou na obra *De Roraima a Orinoco*, uma coleção de cinco volumes. Um deles chamou a atenção do escritor Mário de Andrade (1893-1945) que, inspirado nas lendas dos índios daquela área, os taurepang e os arekuna, criou Macunaíma. As principais características do Macunaíma de Mário de Andrade foram ressaltadas pelo próprio Koch-Grünberg: "Ainda era menino, porém mais safado que todos os outros irmãos." Koch-Grünberg ressaltava a ambigüidade desse personagem mítico, dotado de poderes de criação e transformação, ao mesmo tempo malicioso e perverso, cujo nome parece conter como parte essencial a palavra "maku", que significa "mau", e o sufixo "ima", grande. Assim, Makunaima (com "k" e sem acento, na grafia original) significa "o grande mau", nome que, segundo Koch-Grünberg, "calha perfeitamente com o caráter intrigante e funesto do herói". A obra do pesquisador alemão permitiu que Mário encontrasse a essência do brasileiro. O próprio autor de Macunaíma comenta essa descoberta em um prefácio que nunca chegou a publicar com o livro, revelado depois de sua morte: "O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional. Os franceses têm caráter e assim os jorubas e os mexicanos. Seja porque civilização própria, perigo iminente, ou consciência de séculos tenham auxiliado, o certo é que esses uns têm caráter [...]" (referência).

<sup>61</sup> “[...] Resolvi escrever porque fiquei desesperado de comoção lírica quando lendo Koch-Grünberg, percebi que Macunaíma era um herói sem nenhum caráter nem moral nem psicológico, achei isso enormemente comovente nem sei porque, de certo pelo ineditismo do fato, ou ele concordar um bocado bastante com a época nossa, não sei [...]" (FERNANDES, Lygia, org. – 71 cartas de Mário de Andrade, Rio de Janeiro: São José, 1968. Páginas 29-32).

<sup>62</sup> Um acrônimo de “Modular Object-orientated Dynamic Learning Environment.”

<sup>63</sup> Em FREIRE, Paulo. “A importância do ato de ler”. São Paulo: Cortez, 2005. pág 83. Também R.S. Rodrigues coloca que a “[...] Avaliação é componente fundamental de qualquer processo ou instituição cujo trabalho seja educação. No caso específico de programas de Educação a Distância, diante da falta de um modelo consolidado e de uma tradição no Brasil, isso se torna ainda mais relevante. Alves (1994, p.149) é categórico ao afirmar que ‘uma das grandes falhas do processo educacional é a falta de controle qualitativo dos sistemas, tanto presencial, como por ED.’ [...]” Em “Modelo de avaliação para cursos no ensino à distância: estrutura, aplicação e avaliação”. Por Rosângela Schwarz Rodrigues em <http://www.eps.ufsc.br/disserta98/rosar/index.htm>

<sup>64</sup> MORIN, Edgar. Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du future. <http://www.agora21.org/unesco/7savoirs/index.html>

<sup>65</sup> « La leçon ne doit pas être oubliée aujourd'hui, alors que les possibilités offertes par la numérisation démultiplient les collections accessibles à distance, mais renforcent également l'idée qu'un texte est toujours le même quelle que soit sa forme, imprimée, microfilmée ou digitale. C'est là une erreur fondamentale puisque les processus par lesquels un lecteur attribue du sens à un texte dépendent, consciemment ou non, non seulement du contenu sémantique de ce texte, mais aussi des formes matérielles à travers lesquelles celui-ci a été publié, diffusé et reçu. Il est donc essentiel que soit préservée la possibilité de consulter les textes en leurs formes successives et que, jamais, les opérations de numérisation, tout à fait nécessaires au demeurant, n'entraînent la destruction des objets qui ont transmis ces textes aux lecteurs du passé – et même de notre présent » (CHARTIER, 2005 - <http://www.imageson.org/document591.html>).

<sup>66</sup> J. Goody em *La raison graphique*, pg 86 : "Qu'est-ce la culture, après tout, sinon une série d'actes de communication ? La variation des modes de communication est souvent aussi importante que celle des modes de production, car elle implique un développement tant des relations entre individus que des possibilités de stockage, d'analyse et de création dans l'ordre du savoir ».

<sup>67</sup> "[...] Qu'est-ce que la culture, après tout, sinon une série d'actes de communication ? La variation des modes de communication est souvent aussi importante que celle des modes de production, car elle implique un développement tant des relations entre individus que des possibilités de stockage, d'analyse et de création dans l'ordre du savoir. Plus précisément, l'écriture, surtout l'écriture alphabétique, rendit possible une nouvelle façon d'examiner le discours grâce à la forme semi-permanente qu'elle donnait au message oral. Ce moyen d'inspection du discours permit d'accroître le champ de l'activité critique, favorisa la rationalité, l'attitude sceptique, la pensée logique (pour faire resurgir ces contestables dichotomies). Les possibilités de l'esprit critique s'accrurent du fait que le discours se trouvait ainsi déployé devant les yeux ; simultanément s'accrut la possibilité d'accumuler des connaissances, en particulier des connaissances abstraites, parce que l'écriture modifiait la nature de la communication en l'étendant au-delà du simple contact personnel et transformait les conditions de stockage de l'information; ainsi fut rendu accessible à ceux qui savaient lire un champ intellectuel plus étendu. Le problème de la mémorisation cessa de dominer la vie intellectuelle ; l'esprit humain put s'appliquer à l'étude d'un "texte" statique, libre des entraves propres aux conditions dynamiques de l'« énonciation », ce qui permit à l'homme de prendre du recul par rapport à sa création et de l'examiner de manière plus abstraite, plus générale, plus « rationnelle ». En rendant possible l'examen successif d'un ensemble de messages étalé sur une période beaucoup plus longue, l'écriture favorisa à la fois l'esprit critique et l'art du commentaire d'une part, l'esprit d'orthodoxie et le respect du livre d'autre part. [...] quelle est la relation entre modes de pensée et modes de production et de reproduction de la pensée? [...] L'écriture « objective » le discours, elle en permet une perception visuelle et non plus seulement auditive. Du côté du récepteur, on passe de l'oreille à l'œil ; du côté du producteur, de la voix à la main. C'est ici, je pense, que se trouve la réponse au moins partielle au problème de la naissance de la Logique et de la Philosophie. Dans le premier chapitre, j'ai noté que la Logique, au sens formel, est étroitement liée à l'écriture: la formalisation des propositions, qu'on extrait du flux de la parole, qu'on désigne par des lettres (ou des nombres), conduit au syllogisme. La logique symbolique et l'algèbre (laissons de côté le calcul) sont inconcevables sans qu'existe préalablement l'écriture. Plus généralement l'intérêt pour les règles du raisonnement ou pour les fondements de la connaissance semble bien naître, quoique moins directement, de la formalisation des messages (et donc des "assertions" et des "croyances") inhérente à l'écriture. Le discours philosophique représente tout à fait le genre de formalisation qu'on est en droit d'attendre de l'utilisation de l'écriture. Les sociétés « traditionnelles » se distinguent non pas tant par le manque de pensée réflexive que par le manque d'outils appropriés à cet exercice de rumination constructive. [...] J'ai traité du rapport entre processus de communication,

développement d'une tradition critique et progrès de la connaissance (dont l'apparition de la science est un moment) et je voudrais maintenant conclure en proposant un exemple de la manière dont les techniques d'écriture jouent le rôle d'outil analytique et "favorisent" l'esprit critique, et par la même le progrès de la connaissance. J'emprunterais mon exemple à l'ouvrage collectif déjà cité de Lakatos et Musgrave où l'on trouve un débat autour des thèses que développe Thomas Kuhn dans *The Structure of Scientific Revolutions*. Pour Kuhn, une révolution scientifique consiste en un changement de paradigme, une modification de la structure globale, par lesquels on passe d'un ensemble de presupposés et de modèles à un autre. Autrement dit, la science (la science normale) opère à l'intérieur d'un paradigme qui délimite le champ des problèmes qu'elle résout. Les limites qu'impose un paradigme sont précisément ce qui conditionne le développement d'un domaine du savoir, elles sont un progrès par rapport au stade pré-paradigmatique ; car, en limitant le champ d'investigation, elles permettent à la recherche de se spécialiser, de se concentrer sur certains objets et d'accumuler ainsi des résultats positifs. On est ici à l'opposé de la conception de Popper selon laquelle l'esprit critique est au cœur de l'entreprise scientifique perçue comme une "révolution permanente". La différence entre ces deux points de vue tient essentiellement au fait que l'activité scientifique relève pour l'un d'une communauté fermée, pour l'autre d'une société ouverte. Pour pouvoir apprécier ce qu'apporte Kuhn à l'histoire de la science, il est nécessaire qu'on se mette plus ou moins d'accord sur ce terme de "paradigme". Comme le montre Margaret Masterman dans un article pourtant favorable à Kuhn, il a utilisé ce terme dans son livre de vingt et une manières différentes qu'elle s'efforce de ramener à trois principaux sens: 1. paradigmes métaphysiques, associés à des ensembles de croyances; 2. paradigmes sociologiques, des acquis scientifiques déjà universellement reconnus ; 3. paradigmes issus d'une construction artificielle qui permettent de réduire toute question à un "problème" soluble. [...]” (GOODY, 1979, pg 87, 97 e 103).

<sup>68</sup> "A maioria das pessoas fica surpresa, e muitas ficam angustiadas, ao saber que, fundamentalmente, as mesmas objeções feitas em geral aos computadores hoje foram feitas por Platão no Fedro e na sétima Carta em relação à escrita. Primeiro, a escrita, diz Platão através de Sócrates, no Fedro, é inumana, pois pretende estabelecer fora da mente o que na realidade só pode estar na mente. É uma coisa, um produto manufaturado. O mesmo, é claro, é dito dos computadores. Em segundo lugar, objeta o Sócrates de Platão, a escrita destrói a memória. Aqueles que usam a escrita se tornarão desmemoriados e se apoiarão apenas em um recurso externo para aquilo de que carecem internamente. A escrita enfraquece a mente. Atualmente, os pais, assim como outras pessoas, temem que as calculadoras de bolso forneçam um recurso externo para o que deveria ser o recurso interno de tabuadas memorizadas. As calculadoras enfraquecem a mente, aliviam a mente, aliviam-na do trabalho que a mantém forte. Em terceiro lugar, um texto escrito é basicamente inerte. Se pedirmos a um indivíduo para explicar esta ou aquela afirmação, podemos obter uma explicação; se o fizermos a um texto, não obteremos nada, exceto as mesmas , muitas vezes tolas, palavras às quais fizemos a pergunta inicialmente. Na crítica moderna ao computador, faz-se a mesma objeção: "Lixo entra, lixo sai". Em quarto lugar, em compasso com a mentalidade agonística das culturas orais, o Sócrates de Platão também defende contra a escrita que a palavra escrita não pode se defender contra a palavra natural falada: o discurso e o pensamento reais sempre existem em um contexto de toma-lá-dá-cá entre indivíduos reais. Fora dele, a escrita é passiva, fora de contexto, em um mundo irreal. Como os computadores." (ONG, 1997, pg 94)

<sup>69</sup> "Platão estava pensando na escrita como uma tecnologia eterna, hostil, como muitas pessoas atualmente fazem com relação ao computador. Em virtude de termos hoje interiorizado a escrita, absorvendo-a tão completamente em nós mesmos, de uma forma que a era de Platão ainda não fizera, julgamos difícil considerá-la uma tecnologia como aceitamos fazer com o computador. No entanto, a escrita (e especialmente a alfabética) é uma tecnologia, exige o uso de

ferramentas e de outros equipamentos: estiletes, pincéis e canetas, superfícies cuidadosamente preparadas, pele de animais, tiras de madeira, assim como tintas e tudo mais. A escrita é de certo modo a mais drástica das três tecnologias. Ela iniciou o que a impressão e os computadores apenas continuam, a redução do som dinâmico a um espaço mudo, o afastamento da palavra em relação ao presente vivo, único lugar que as palavras podem existir." (Ibid. pg 97)

<sup>70</sup> "Dizer que a escrita é artificial não é condená-la, mas elogiá-la. Como em outras criações artificiais e, na verdade, mais do que qualquer outra, ela é inestimável e de fato fundamental para a realização de potenciais humanos mais elevados, interiores. As tecnologias não constituem meros auxílios exteriores, mas, sim, transformações interiores da consciência, e mais ainda quando afetas à palavra. Tais transformações podem ser enaltecidas. A escrita aumenta a consciência. A alienação de um meio natural pode ser boa para nós e, na verdade, é em muitos aspectos fundamental para a vida humana plena. Para viver e compreender plenamente, necessitamos não apenas de proximidade, mas também de distância. Essa escrita alimenta a consciência como nenhuma outra ferramenta." (ibid. pg 98)

<sup>71</sup> "[...]Although this is an extremely important claim, it should be noted that it is not obvious why a secondary activity makes the primary activity conscious, that is, why writing makes language into an object of consciousness. Nor does it indicate what particular features of language become such objects of thought, nor whether writing itself is essential or merely useful for this new consciousness. But we do have the feeling that this hypothesis is pointing in the right direction. / In cooperation with Vygotsky, Luria conducted a series of psychological studies in Central Asia, an area then undergoing rapid social change under the collectivization programs of the government. Luria was able to give a series of psychological tests, including classification and reasoning tasks, to a group of traditional non-literate farmers and to a comparable group from the same villages who had some exposure to literacy and to a third group that had some teacher training experience. Those least literate were more likely to treat tasks in a concrete, context-bound way while the more literate took an abstract, principled approach to the series of tasks. Those with a low degree of literacy fell between these groups. / Most interesting for our purposes were subjects' performance on tasks designated as "formal reasoning tasks," basically syllogisms. Here is a typical, widely cited example: In the far North, where there is snow, all bears are white. Novaya Zemlya is in the Far North and there is always snow there. What color are the bears there? [...]" (OLSON, 1994, pg 34-35).

<sup>72</sup> O tikiwiki permite mais de uma interface através da criação de grupos de usuários. Determinei, assim, o grupo de usuários anônimos, o grupo de usuários registrados, o grupo de usuários editores e o grupo de administradores, delegando a cada um poderes diferentes.

<sup>73</sup> "[...] O estrato da obra literária, estruturado por significações de palavras, frases e períodos, não tem um ser ideal autônomo, mas é relativo a determinadas operações subjectivas da consciência quer pela sua gênese, quer pelo seu ser. Por outro lado, não deve ser identificado com nenhum 'conteúdo psíquico' concretamente vivido nem tão pouco com qualquer ser real [...]" (INGARDEN, 1965, pg 126)

<sup>74</sup> "[...] a seqüência de várias frases consegue estabelecer uma conexão entre as relações objetivas singulares e na verdade uma conexão de diferente tipo inteiramente peculiar. Começa-se por projetar um enquadramento que abranja tudo e cujas partes vazias são sucessiva e concentricamente preenchidas por relações objetivas inteiramente

simples. A frase ‘Da planície verde cintilava um rio profundo e azul’ constitui este enquadramento. Nele coloca-se agora uma nova relação objetiva, em princípio fechada em si mesma e só articulada com a primeira devido a esta situação ‘Sobre a superfície calma desliza uma pequena embarcação’. E novamente não se sabe ainda se nesta embarcação há algo mais que ver; é um espaço vazio que, por sua vez, é preenchido pela relação objetiva projetada pela frase seguinte: ‘Mathilde estava sentada e remava’. Se este remava não fosse acrescentado também não se saberia se Matilde estava nesta embarcação ou em qualquer outra parte [...]” (INGARDEN, 1965, pg. 226)

<sup>75</sup> “[...] há sempre um pano de fundo mais ou menos determinado que forma uma só esfera de ser com o objeto apresentado. Isto é, naturalmente, produzido por momentos correspondentes das relações objetivas. Pode servir-nos de exemplo a situação da primeira cena do 1º ato da *Emilia Galotti*, de Lessing. Nela conhecemos um príncipe no seu gabinete a dar despacho a várias petições. Estas petições já nos indicam objetividades que se encontram fora da sala que vemos. Mas também esta própria sala é de antemão apreendida como parte do palácio do príncipe. O que nos é apresentado não termina nas paredes do gabinete mas estende-se também às restantes salas do palácio, à cidade, etc., apesar de tudo isto não nos ser dado diretamente. É que se trata de um fundo. Este fundo não necessita de ser explicitamente projetado pelo estado atual das significações das palavras. Pelo contrário, é antes habitual atingi-lo através do estado potencial das significações das palavras que aparecem nas frases [...]” (INGARDEN, 1965, pg. 240)

<sup>76</sup> “[...] o texto se mostra como um processo [...] é o processo integral, que abrange desde a reação do autor ao mundo até sua experiência pelo leitor [...]” (ISER, 1996, vol. 1, pg 13) “[...] o texto é um potencial de efeitos que se atualiza no processo da leitura [...]” (ISER, 1996, vol.1, pg 15)

<sup>77</sup> “[...] Se a interpretação tinha como tarefa captar a significação do texto, pressupunha-se que o próprio texto não podia formular a significação. Como a significação de um texto pode ser experimentada se, conforme supõe a norma clássica de interpretação, já está aí à espera apenas da explicação referencial? O processo em que tal significação vem a se manifestar antecede toda tentativa de interpretação. Em consequência, a constituição de sentido e não um determinado sentido, apreendido pela interpretação, deveria ter a primazia. Se isso é verdade, a interpretação não deveria revelar apenas o sentido do texto a seus leitores, mas sim escolher como seu objeto as condições da constituição de sentido. Nesse instante, ela deixa de explicar uma obra e, em vez disso, revela as condições de seus possíveis efeitos. Se ela mostrar o potencial de efeitos de um texto, desaparece a concorrência fatal que teve de enfrentar quando tentou impor ao leitor a significação apreendida como a mais correta ou a melhor [...] em face da arte moderna, assim como de muitas recepções de obras literárias, o leitor não mais pode ser instruído pela interpretação quanto ao sentido do texto, pois ele não existe em uma forma sem contexto. Mais instrutivo seria analisar o que sucede quando lemos um texto. Pois, é só na leitura que os textos se tornam efetivos [...]” (ibid, pg 47).

<sup>78</sup> “[...] A obra literária tem dois polos que podem ser chamados polos artístico e estético. O pólo artístico designa o texto criado pelo autor e o estético a concretização produzida pelo leitor [...] a obra literária se realiza então na convergência do texto com o leitor; a obra tem forçosamente um caráter virtual, pois não pode ser reduzida nem à realidade do texto, nem às disposições caracterizadoras do leitor. Dessa virtualidade da obra resulta sua dinâmica, que se apresenta como a condição dos efeitos provocados pela obra. O texto, portanto, se realiza só através da constituição de uma consciência receptora. Desse modo, é só na leitura que a obra enquanto processo adquire seu caráter próprio [...] A

obra é o ser constituído do texto na consciência do leitor [...]” (ibid, pg 50-51)

<sup>79</sup> [Ingl.] S. m. Inform. 1. Referência a um documento em sistema hipermídia (p. ex., a Web), compilada por um usuário com a intenção de facilitar posterior retorno a ele. [Uma lista de bookmarks constitui, ela mesma, um documento hipermídia, em que cada elemento é tb. um elo (4) para o documento por ele referido.]

<sup>80</sup> [Ingl.] S. m. Inform. 1. Numa rede de computadores, envio, para um computador remoto, de cópia (s) de arquivo(s) originado(s) em máquina local. [Cf.: download.] u Fazer upload. Inform. 1. V. carregar (19).

<sup>81</sup> [Do ingl. b(inar)y te(rn), 'termo binário'.] S. m. Inform. 1. Sequência constituída de um número fixo de bits adjacentes, considerada como a unidade básica de informação, e cujo comprimento geralmente é constituído de 8 bits; octeto. 2. Unidade de quantidade de informações, equivalente a 8 bits, us. (ger. na forma de seus múltiplos, kilobyte, megabyte e gigabyte) na especificação da capacidade de memória de computadores, tamanho de arquivos, etc.

<sup>82</sup> “[...] Desenvolvendo essa perspectiva de pesquisa, Hampton e Wellman (2000) empreenderam um estudo exemplar em 1998-99 sobre o suburbio mais "plugado" do Canada. "Netville" e um suburbio de Toronto que foi vendido como "a primeira comunidade residencial interativa" : Foi oferecida aos proprietarios das cerca de 120 casas (de classe media baixa) conexao de banda larga em tempo integral com a Internet, gratuita, durante dois anos, em troca da concordancia em ser estudado. Ao todo, 65% das familias aceitaram o trato, o que tornou possivel nao somente sua observacao como uma comparacao com os moradores do mesmo suburbio que nao tinham conexao com a Internet. Constatou-se que os moradores de "Netville" que eram usuarios da Internet tinham um numero mais elevado de lacos sociais fortes, de lacos fracos, e de relacoes de conhecimento dentro do bairro e fora dele, do que os que nao tinham conexao com a Internet. O use da Internet aumentava a sociabilidade tanto a distancia quanto na comunidade local. As pessoas estavam mais a par das noticias locais pelo acesso ao sistema de e-mail da comunidade que servia como um instrumento de comunicacao entre vizinhos. O use da Internet fortalecia relacoes sociais tanto a distancia quanto num nivel local para lacos fortes e fracos, para fins instrumentais ou emocionais, bern como para a participacao social na comunidade. De fato, no final do periodo da experiencia, os usuarios da Internet se mobilizaram para obter uma extensao de sua conexao, e usaram a lista de correspondencia da comunidade para sua mobilizacao. Portanto, em geral, houve no experimento Netville um feedback positivo entre sociabilidade on-line e off-line, com o use da Internet aumentando e mantendo lacos sociais e envolvimento social para a maioria dos usuarios. Patrice Riemens (comunicacao pessoal, 2001) relata um experimento similar com uma "comunidade plugada" na Holanda, que tambem levou a mobilizacao dos usuarios para pedir uma conexao de nivel superior ao que o KPN, o provedor de servicos da Internet, estava em condicoes de fornecer [...]” (CASTELLS, 2003, pg 103)

<sup>83</sup> “[...] Even n a personal diary addressed to myself I must fictionalize the addressee. Indeed, the diary demands, in a way, the maximum fictionalizing of th utterer and the addressee. Writing is always a kind of imitation talking, and in a diary I therefore am pretending that I am talking to myself. But I never really talk this way to myself. Nor could I without writing or indeed without print. The personal diary is a very late literary form, in effect unknown until the seventeenth century (Boerner 1969). The kind of verbalized solipsistic reveries it implies are a product of consciousness as shaped by print culture. And for which self am I writing? Myself today? As I think I will be ten years from now? As I hope



I will be? For myself as I imagine myself or hope others may imagine me? Questions such as this can and do fill diary writers with anxieties and often enough lead to discontinuation of diaries. The diarist can no longer live with his or her fiction. The ways in which readers are fictionalized is the underside of literary history, of which the topside is the history of genres and the handling of character and plot. Early writing provides the reader with conspicuous helps for situating himself imaginatively. It presents philosophical material in dialogues, such as those of Plato's Socrates, which the reader can imagine himself overhearing. Or episodes are to be imagined as told to a live audience on successive days. Later, in the Middle Ages, writing will present philosophical and theological texts in objection-and-response form, so that the reader can imagine an oral disputation. Boccaccio and Chaucer will provide the reader with fictional groups of men and women telling stories to one another, that is, a 'frame story', so that the reader can pretend to be one of the listening company. But who is talking to whom in *Pride and Prejudice* or in *Le Rouge et le noir*, or in *Adam Bede*? Nineteenth-century novelists self-consciously intone, 'dear reader', over and over again to remind themselves that they are not telling a story but writing one in which both author and reader are having difficulty situating themselves. The psychodynamics of writing matured very slowly in narrative. And what is the reader supposed to make himself out to be in *Finnegans Wake*? Only a reader. But of a special fictional sort. Most readers of English cannot or will not make themselves into the special kind of reader Joyce demands. Some take courses in universities to learn how to fictionalize themselves à la Joyce. Although Joyce's text is very oral in the sense that it reads well aloud, the voice and its hearer do not fit into any imaginable real-life setting, but only the imaginative setting of *Finnegans Wake*, which is imaginable only because of the writing and print that has gone before it. *Finnegans Wake* was composed in writing, but for print: with its idiosyncratic spelling and usages, it would be virtually impossible to multiply it accurately in handwritten copies. There is no mimesis here in Aristotle's sense, except ironically. Writing is indeed the seedbed of irony, and the longer the writing (and print) tradition endures, the heavier the ironic growth becomes (Ong 1971, pp. 272-302) [...]” (ONG, 1982, pg 102 - 103).

<sup>84</sup> [Ingl.] S. m. Inform. 1. Qualquer aparelho capaz de captar imagens e convertê-las em um conjunto correspondente de sinais elétricos. 2. Restr. Periférico que realiza a transformação de imagens em dados digitais, ger. na forma de uma matriz de pontos. [Tb. us. como s. f.]

<sup>85</sup> Entendo por publicação digital, a publicação acessível por meio de rede de computadores, como a Internet. Ex.: dicionário on-line, catálogo on-line.

<sup>86</sup> Entendo por publicação eletrônica uma publicação fixada em mídia digital, como: CD, disquete, chave-usb, disco rígido, dvd etc.

<sup>87</sup> Exemplo das possibilidades de busca que oferece o processador de textos Word para localizar palavras-chaves.

Localizar e substituir texto ou outros itens. Use o Microsoft Word para localizar e substituir texto, formatação, marcas de parágrafo, quebras de página (quebra de página: o ponto em que uma página termina e outra começa. O Microsoft Word insere uma quebra de página "automática" (ou soft) ou você pode forçar uma quebra de página em um local específico inserindo uma quebra de página manual "manual" (ou hard).) e outros itens. Você pode estender a busca usando caracteres curinga e códigos.



Localizar texto. Você pode procurar cada ocorrência de uma palavra ou frase específica rapidamente. No menu Editar, clique em Localizar. Na caixa Localizar, insira o texto que você deseja localizar. Selecione quaisquer outras opções desejadas. Para selecionar todas as instâncias de uma palavra ou frase específica de uma vez, marque a caixa de seleção Realçar todos os itens encontrados em e, em seguida, selecione em qual parte do documento você deseja pesquisar clicando na lista Realçar todos os itens encontrados em. Clique em Localizar próxima ou Localizar tudo. Para cancelar uma pesquisa em andamento, pressione ESC.

Substituir texto. Você pode substituir o texto automaticamente — por exemplo, você pode substituir "Acme" por "Apex". No menu Editar, clique em Substituir. Na caixa Localizar, insira o texto que você deseja localizar. Na caixa Substituir por, insira o texto de substituição. Selecione quaisquer outras opções desejadas. Para obter ajuda sobre uma opção, clique no ponto de interrogação e, em seguida, clique na opção. Clique em Localizar próxima, Substituir ou Substituir tudo. Para cancelar uma pesquisa em andamento, pressione ESC.

Localizar e substituir formatação específica. Você pode procurar e substituir ou remover a formatação de caracteres. Por exemplo, localize uma palavra ou frase específica e altere a cor da fonte, ou localize formatação específica, como negrito, e remova-a ou altere-a. No menu Editar, clique em Localizar. Se não for exibido o botão Formatar, clique em Mais.

Para procurar por um texto sem uma formatação específica, insira o texto. Para procurar por um texto com uma formatação específica, insira o texto, clique em Formatar e selecione os formatos desejados. Para procurar apenas por uma formatação específica, exclua todo o texto, clique em Formatar e selecione os formatos desejados. Marque a caixa de seleção Realçar todos os itens encontrados em para localizar todas as instâncias da palavra ou frase e selecione a parte do documento que você deseja procurar clicando na lista Realçar todos os itens encontrados em. Clique em Localizar tudo. Todas as instâncias da palavra ou frase serão realçadas. Na barra de ferramentas (barra de ferramentas: uma barra com botões e opções usada para executar comandos. Para exibir uma barra de ferramentas, use a caixa de diálogo Personalizar (aponte para Barras de ferramentas no menu Exibir e clique em Personalizar). Para ver mais botões, clique em Opções da barra de ferramentas no final da barra de ferramentas.) Formatação, clique nos botões para fazer alterações. Por exemplo, selecione uma cor de fonte diferente, clique em Negrito , e, em seguida, clique em Itálico . As alterações que você fizer serão aplicadas a todo o texto realçado. Clique em qualquer lugar do documento para remover o realce do texto. Localizar e substituir marcas de parágrafo, quebras de página e outros itens. Você pode facilmente procurar e substituir caracteres especiais e elementos de documento como quebras de página e tabulação. No menu Editar, clique em Localizar ou em Substituir. Se o botão Especial não for exibido, clique em Mais.

Para escolher o item em uma lista, clique em Especial e, em seguida, no item desejado. Digite um código para o item diretamente na caixa Localizar. Se desejar substituir o item, insira o que você deseja usar como substituição na caixa Substituir por. Clique em Localizar próxima, Substituir ou Substituir tudo. Para cancelar uma pesquisa em andamento, pressione ESC.

Para localizar rapidamente itens como elementos gráficos ou comentários (comentário: uma observação ou anotação que um autor ou revisor adiciona a um documento. O Microsoft Word exibe o comentário em um balão na

margem do documento ou no Pannel de revisão.), clique em Selecionar objeto da procura na barra de rolagem vertical e clique no item desejado. Você pode clicar em Próximo ou Anterior para localizar o item seguinte ou anterior do mesmo tipo.

Localizar e substituir formas substantivas ou adjetivas ou tempos verbais. Você pode procurar por: Formas substantivas no singular e no plural. Por exemplo, substitua "maçã" por "laranja" ao mesmo tempo que você substitui "maças" por "laranjas". Todas as formas adjetivas. Por exemplo, substitua "caro" por "barato" ao mesmo tempo que você substitui "caríssimo" por "baratíssimo". Todos os tempos verbais de um verbo Por exemplo, substitua "sentar" por "levantar" ao mesmo tempo que você substitui "sentado" por "levantado". No menu Editar, clique em Localizar ou em Substituir. Se não for exibida a caixa de seleção Todas as formas, clique em Mais. Marque a caixa de seleção Todas as formas. Na caixa Localizar, insira o texto que você deseja localizar. Se você deseja substituir o texto, insira o texto de substituição na caixa Substituir por. Clique em Localizar próxima, Substituir ou Substituir tudo. Se o texto de substituição for ambíguo, clique na palavra que melhor corresponde ao significado desejado. Por exemplo, "serra" pode ser tanto um substantivo como um verbo; clique em "serras" para substituir nomes ou clique em "serrando" para substituir verbos. Se você estiver substituindo texto, é uma boa idéia clicar em Substituir em vez de Substituir tudo; dessa forma, você poderá confirmar cada substituição para certificar-se de que está correta. Use a mesma forma de linguagem e mesmo tempo de verbo para o texto de pesquisa e o de substituição. Por exemplo, procure por "vê" e substitua-o por "observa" (ambos são verbos no presente do indicativo). Quando a caixa de seleção Usar caracteres curinga está marcada, o Word localiza apenas o texto exato especificado. (Observe que as caixas de seleção Diferenciar maiúsculas de minúsculas e Palavras inteiras ficam esmaecidas para indicar que essas opções são ativadas automaticamente; você não pode desativá-las.)

Para procurar por um caractere definido como um caractere curinga, digite uma barra invertida (\) antes do caractere. Por exemplo, digite \? para localizar um ponto de interrogação. Você pode usar parênteses para agrupar os caracteres curinga e o texto e para indicar a ordem de avaliação. Por exemplo, digite <(pre)\*(ado)> para localizar "premeditado" e "prejudicado". Você pode usar o caractere curinga \n para procurar por uma expressão e substituí-la pela expressão reorganizada. Por exemplo, digite (Nogueira) (Cristina) na caixa Localizar e \2 \1 na caixa Substituir por. O Word encontrará "Nogueira Cristina " e substituirá esse nome por "Cristina Nogueira".

Localizar usando códigos. Use códigos para localizar e substituir No menu Editar, clique em Localizar ou em Substituir. Se o botão Especial não for exibido, clique em Mais. Insira um código na caixa Localizar. Siga um destes procedimentos: Para escolher um código em uma lista, clique em Especial e, em seguida, clique em um caractere; digite o texto adicional desejado na caixa Localizar. Digite um código diretamente na caixa Localizar. Por exemplo, digite ^p para localizar uma marca de parágrafo. Se desejar substituir o item, insira o que você deseja usar como substituição na caixa Substituir por. Clique em Localizar próxima, Substituir ou Substituir tudo. Para cancelar uma pesquisa em andamento, pressione ESC. Códigos para itens que você deseja localizar e substituir. Como especificado, alguns códigos funcionam apenas se a opção Usar caracteres curinga estiver ativada ou desativada. Se você incluir o código de hífen opcional, o Word localizará apenas o texto com hifens opcionais na posição especificada. Se você omitir o código de hífen opcional, o Word localizará todas as ocorrências do texto, incluindo o texto com hifens opcionais. Se estiver procurando por campos, você deverá exibir códigos de campos (código de campo: espaço reservado que mostra onde irão aparecer as informações especificadas de sua fonte de dados; os elementos de um campo que geram um resultado de campo. O código de campo inclui os caracteres de campo, o tipo de campo e instruções. ). Para alternar entre a exibição de códigos de campos e

resultados de campos (resultados de campo: texto ou elementos gráficos inseridos em um documento quando o Microsoft Word executa instruções de um campo. Quando você imprime o documento ou oculta códigos de campo, os resultados de campo substituem os códigos de campo.), clique no campo e pressione as teclas SHIFT+F9. Para mostrar ou ocultar os códigos de todos os campos do documento, pressione as teclas ALT+F9. Se estiver procurando por elementos gráficos, o Word localizará apenas os elementos gráficos entre linhas; ele não localizará os elementos gráficos flutuantes. Por padrão, o Word insere elementos gráficos importados como elementos gráficos entre linhas, mas você pode alterar um elemento gráfico flutuante para um elemento gráfico entre linhas.

<sup>88</sup> Na realidade, M. Palacios aponta estas características como elementos do webjornalismo. Mas, acredito que todo sítio Internet, seja de webjornalismo ou não, apresenta em maior ou menor grau estas particularidades, pois são inerentes a esta NTIC.

<sup>89</sup> E o discurso se apresenta como um acontecimento (nascimento) da linguagem, porque ele ocorre no presente, porque é auto-referencial, porque sempre se refere ao mundo que pretende descrever, exprimir e representar, e porque exige a presença de um interlocutor (RICOEUR, 1986). Em outras palavras, o discurso é a efetuação da linguagem como evento, como acontecimento, no tempo e remetendo a seu locutor. O discurso, mesmo oral, apresenta um traço absolutamente primitivo de distanciamento [...] este traço primitivo de distanciamento pode ser caracterizado pelo título: a dialética do evento e da significação [...] o discurso se dá como evento: algo acontece quando alguém fala [...] dizer que o discurso é um evento é dizer, antes de tudo, que o discurso é realizado temporalmente e no presente, enquanto que o sistema da língua é virtual e fora do tempo [...] o caráter de evento do discurso é um dos dois pólos do par constitutivo do discurso. Precisamos agora elucidar o segundo pólo: o da significação [...] assim como na língua, ao articular-se sobre o discurso, ultrapassa-se como sistema e realiza-se como evento, da mesma forma, ao ingressar no processo da compreensão, o discurso se ultrapassa, enquanto evento, na significação. Essa ultrapassagem do evento na significação é típica do discurso enquanto tal. Revela a intencionalidade mesma da linguagem, a relação, nela, do noema com a noese (RICOEUR, 1977).

<sup>90</sup> “[...] Cet affranchissement de l’écriture qui la met à la place de la parole est l’acte de naissance du texte. Maintenant, qu’arrive-t-il à l’énoncé lui-même quand il est directement inscrit au lieu d’être prononcé ? [...] L’affranchissement du texte à l’égard de l’oralité entraîne un véritable bouleversement aussi bien des rapports entre le langage et le monde que du rapport entre le langage et les diverses subjectivités concernée, celle de l’auteur et celle du lecteur [...]” (RICOEUR, 1986, pg 156).

<sup>91</sup> « En effet, l’écriture appelle la lecture selon un rapport qui, tout à l’heure, nous permettra d’introduire le concept d’interprétation. Pour l’instant, disons que le lecteur tient la place de l’interlocuteur, comme symétriquement l’écriture tient la place de la locution et du locuteur. En effet, le rapport écrire-lire n’est pas un cas particulier du rapport parler-répondre. Ce n’est pas un rapport d’interlocution ; ce n’est pas un cas de dialogue. Il ne suffit pas de dire que la lecture est un dialogue avec l’auteur à travers son œuvre ; il faut dire que le rapport du lecteur au livre est d’une tout autre nature ; le dialogue est un échange de questions et de réponses ; il n’y a pas d’échange de cette sorte entre l’écrivain et le lecteur ; l’écrivain est absent à l’écriture ; l’écrivain est absent à la lecture. Le texte produit ainsi une double occultation du lecteur et de l’écrivain ; c’est de cette façon qu’il se substitue à la relation de dialogue qui noue immédiatement la voix de

l'un à l'ouïe de l'autre ».

<sup>92</sup> “[...] Revenons, en effet, à notre définition: le texte est un discours fixé par l'écriture. Ce qui est fixé par l'écriture, c'est donc un discours qu'on n'aurait pu dire, certes, mais précisément qu'on écrit parce qu'on ne le dit pas. La fixation par l'écriture survient à la place même de la parole, c'est-à-dire à la place où la parole aurait pu naître. On peut alors se demander si le texte n'est pas véritablement texte lorsqu'il ne se borne pas à transcrire une parole antérieure, mais lorsqu'il inscrit directement dans la lettre ce que veut dire le discours [...] quand le texte prend la place de la parole, quelque chose d'important se passe [...] dans la parole vivante, le sens idéal de ce qu'on dit se recourbe vers la référence réelle, à savoir ce sur quoi on parle ; à la limite, cette référence réelle tend à se confondre avec une désignation ostensive où la parole rejoint le geste de montrer, de faire voir [...] Il n'en est plus de même lorsque le texte prend la place de la parole. Le mouvement de la référence vers la monstration se trouve intercepté, en même temps que le dialogue est interrompu par le texte [...] Le texte, nous le verrons, n'est pas sans référence ; ce sera précisément la tâche de la lecture, en tant qu'interprétation, d'effectuer la référence[...]” (RICOEUR, 1986, pg 154-157).

<sup>93</sup> « [...] J'adopte la traduction Dupont-Roc et Lallot que je corrige sur un seul point, en traduisant *muthos* par *intrigue*, sur le modèle du terme anglais *plot* [...] » (RICOEUR, 1983, pg 69)

<sup>94</sup> B-St Augustin (354-430), *Les confessions*, Livre XI, chapitres xiv-xxxi : le temps n'existe pas, si ce n'est dans notre esprit. Dans ce passage des *Confessions*, St Augustin s'interroge sur la nature du temps. Il cherche à en donner une définition, et surtout, à savoir s'il est un être ou un non-être (question ontologique, portant sur l'être et le mode d'être de quelque chose). Si on parle du temps, en disant que les choses « étaient », « sont », et « seront », le langage nous trompe. A l'analyse, i.e., dès que nous voulons penser ce qu'est le temps, en donner une définition, le temps nous échappe, et on doit avouer que rien de tel que le temps ne peut en fait exister. St Augustin montre en effet que le temps n'est composé que d'inexistences. Il montre d'abord que le passé n'est plus, et que le futur n'existe pas encore. Il en déduit que passé et futur n'existent pas. Puis, il se pose la question de savoir pourquoi alors on en parle ; notamment, comment se fait-il que nous prédisions l'avenir, comme le fait le scientifique, ou que nous racontions, comme le fait l'historien, les événements passés ? Comment cela est-il possible, alors que dans un cas, l'événement n'est pas encore, et dans l'autre, il n'est plus ? Question formulée de la façon suivante par Augustin (18, 23) : où sont donc les choses passées et futures, si elles « sont » d'une certaine manière ? Voici sa réponse/solution : la narration du passé implique la mémoire, et la prévision du futur implique l'attente or, se souvenir c'est avoir une image du passé, et cette image est une empreinte laissée par les événements, qui, de la sorte, restent fixés dans notre esprit c'est grâce à l'attente que les choses futures sont présentes comme à venir ; nous en avons une « pré-perception », qui nous permet de les annoncer à l'avance ; de nouveau, nous avons dans l'esprit une image qui précède et annonce l'événement qui n'existe pas encore ; cette image n'est pas à proprement parler une empreinte laissée par un événement passé, mais le signe ou la cause des choses futures (exemple : je vois l'aurore, et j'annonce que le soleil va se lever). Augustin en déduit donc que les modes du temps que sont le futur et le passé n'existent que dans l'âme, ne renvoient pas au monde extérieur, mais à notre esprit, dans lequel seul ils « existent ». Il y a donc bien trois temps, mais si on veut parler avec rigueur, il faut donc dire qu'il y a le présent du passé (=mémoire), le présent du futur (=attente), et même, le présent du présent (=vision, attention). Sa solution revient donc à mettre le passé et le futur dans le présent par le biais de la mémoire et de l'attente, qui sont deux modalités de la conscience/âme/esprit. Toutefois, si tout en quelque manière e ramène au moment présent, il s'avère que le présent lui-même n'est rien, n'existe pas. En effet, le présent, plus précisément, l'instant présent, « ne peut être qu'en cessant d'être ». Sa caractéristique majeure,

à lui aussi, est de « passer » (sinon, ce ne serait plus du temps !). A peine présent, il est déjà du passé, et j'en parle pratiquement toujours au passé. (REFERÊNCIA - <http://www.philocours.com/> ).

<sup>95</sup> “[...]the Plot is the imitation of the action [...]Plots are either Simple or Complex, for the actions in real life, of which the plots are an imitation, obviously show a similar distinction [...]” (Aristóteles, Poética, Parte VIII).

<sup>96</sup> “[...] Ne quittons pas le couple mimêsis-muthos sans dire un mot des contraintes additionnelles qui visent à rendre compte des genres déjà constitués de la tragédie, de la comédie et de l'épopée et, en outre, à justifier la préférence d'Aristote pour la tragédie. Il faut être très attentif à ces contraintes additionnelles. Car ce sont elles qu'il faut d'une certaine façon lever, pour extraire de la Poétique d'Aristote le modèle de mise en intrigue que nous nous proposons d'étendre à toute composition que nous appelons narrative. [...] La question qui ne nous abandonnera pas jusqu'à la fin de cet ouvrage est de savoir si le paradigme d'ordre, caractéristique de la tragédie, est susceptible d'extension et de transformation, au point de pouvoir s'appliquer à l'ensemble du champ narratif. Cette difficulté ne doit pourtant pas nous arrêter. [...] » (RICOEUR, 1983, pgs 73 e 79).

<sup>97</sup> Noético-Noemático ou Noese-Noema de E. Husserl. A intencionalidade também se constitui de atos, não só atos cognitivos, mas atos de querer, de pensar, de julgar, de sentir, de perceber, de imaginar, enfim, atos que estão sempre “correlacionados” com um objeto. Segundo M. Chauí, a esses atos E. Husserl chama de noesis (atos pelos quais a consciência visa um certo objeto de um certo modo) e aquilo que é visado pelos mesmos são os noemas (conteúdo ou significado desses objetos visados). Resumindo, todas estas atividades são modos de estar no mundo que tem um caráter intencional, criando o mundo na consciência.

<sup>98</sup> “[...] Je préfère ce vocabulaire husserlien au vocabulaire olus saussurien choisi par les derniers traducteurs français, qui tiennent la mimêsis pour le signifiant, la praxis pour le signifié, à l'exclusion de tout référent extra-linguistique (Dupont-Roc et Lallot, ad 51 a 35, p. 219-220). D'abord le couple signifiant-signifié ne me paraît pas approprié, pour de raisons que j'explique dans la Métaphore vive et que j'emprunte à Benveniste, à l'ordre sémantique du discours-phrase et a fortiori à celui du texte, qui est une composition de phrases. En outre, la relation noético-noématique n'exclut pas un développement référentiel, représenté chez Husserl par la mimêsis aristotélicienne n'e s'épuise pas dans la stricte corrélation noético-noématique entre représentation et représenté, mais ouvre la voie à une investigation des référents de l'activité poétique visés par la mise en intrigue en amont et en aval de la mimêsis-muthos [...] » (RICOEUR, 1983, pg 73).

<sup>99</sup> “L'action est le ‘construit’ de la construction en quoi consiste l'activité mimétique” (RICOEUR, 1983, pg. 73).

<sup>100</sup> « Je réserve toutefois le terme de fiction pour celles des créations littéraires qui ignorent l'ambition qu'a le récit historique de constituer un récit vrai. Si, en effet, nous tenons pour synonymes configuration et fiction, nous n'avons plus de terme disponible pour rendre compte d'un rapport différent entre les deux modes narratifs et la question de la vérité. Ce que le récit historique et le récit de fiction ont en commun, c'est de relever des mêmes opérations configurantes que nous avons placées sous le signe de mimêsis II. En revanche, ce qui les oppose ne concerne pas l'activité structurante investie dans les structures narratives en tant que telles, mais la prétention à la vérité par laquelle se définit la

troisième relation mimétique » (RICOEUR, 1984, pg. 12-13).

<sup>101</sup> “[...] On voit quel est et dans sa richesse le sens de mimésis I : imiter ou représenter l'action, c'est d'abord pré-comprendre ce qu'il en est de l'agir humain : de sa sémantique, de sa symbolique, de sa temporalité. C'est sur cette pré-compréhension, commune au poète et à son lecteur, que s'enlève la mise en intrigue et, avec elle, la mimétique textuelle et littéraire. Il est vrai que, sous le régime de l'œuvre littéraire, cette précompréhension du monde de l'action recule au rang de 'répertoire', pour parler comme Wolfgang Iser, dans *Der Akt des Lesens*, ou au rang de 'mention', pour employer une autre terminologie plus familière à la philosophie analytique. Il reste qu'en dépit de la coupure qu'elle institue, la littérature serait à jamais incompréhensible si elle ne venait configurer ce qui, dans l'action humaine, fait déjà figure [...]” (RICOEUR, 1983, pg 125).

<sup>102</sup> “[...] comprendre ce qu'est un récit, c'est maîtriser les règles qui gouvernent son ordre syntagmatique [...] l'intrigue, entendue au sens large qui a été le nôtre dans le chapitre précédent, à savoir l'agencement des faits (et donc d'enchaînement des phrases d'action) dans l'action totale constitutive de l'histoire racontée, est l'équivalent littéraire de l'ordre syntagmatique que le récit introduit dans le champ pratique [...] si en effet, l'action peut être racontée, c'est qu'elle est déjà articulée dans des signes, des règles, des normes : elle est dès toujours symboliquement médiatisée [...] Si, en effet, l'action peut être racontée, c'est qu'elle est déjà articulée dans des signes, des règles, des normes : elle est dès toujours symboliquement médiatisée. Comme il a été dit plus haut, je prends appui ici sur les travaux d'anthropologues se réclamant à des titres divers de la sociologie compréhensive, parmi lesquels Clifford Geertz, l'auteur de *The Interpretation of Cultures*. Le mot symbole y est pris dans une acception qu'on peut dire moyenne, à mi-chemin de son identification à une simple notation (j'ai à l'esprit l'opposition leibnizienne entre la connaissance intuitive par vue directe et la connaissance symbolique par signes abrégés, substitués à une longue chaîne d'opérations logiques) et de son identification aux expressions à double sens selon le modèle de la métaphore, voire à des significations cachées, accessibles seulement à un savoir ésotérique. Entre une acception trop pauvre et une acception trop riche, j'ai opté pour une usage voisin de celui de Cassirer, dans la *Philosophie des formes symboliques*, dans la mesure où, pour celui-ci, les formes symboliques sont des processus culturels qui articulent l'expérience entière. Si je parle plus précisément de médiation symbolique, c'est afin de distinguer, parmi les symboles de nature culturelle, ceux qui sous-tendent l'action au point d'en constituer la signifiante première avant que se détachent du plan pratique des ensembles symboliques autonomes relevant de la parole ou de l'écriture. En ce sens, on pourrait parler d'un symbolisme implicite ou immanent, par opposition à un symbolisme explicite ou autonome. Pour l'anthropologue et le sociologue, le terme symbole met d'emblée l'accent sur le caractère public de l'articulation signifiante. Selon le mot de Clifford Geertz, 'la culture est publique parce que la signification l'est'. J'adopte volontiers cette première caractérisation qui marque bien que le symbolisme n'est pas dans l'esprit, n'est pas une opération psychologique destinée à guider l'action, mais une signification incorporée à l'action et déchiffrable sur elle pas les autres acteurs du jeu social. En outre, le terme symbole – ou mieux médiation symbolique – signale le caractère structuré d'un ensemble symbolique. Clifford Geertz parle en ce sens d'un 'système de symboles en interaction', de 'modèles de significations synergiques'. Avant d'être texte, la médiation symbolique a une texture. Comprendre un rite, c'est le mettre en place dans un rituel, celui-ci dans un culte et, de proche en proche, dans l'ensemble des conventions, des croyances et des institutions qui forment le réseau symbolique de la culture. Un système symbolique fournit ainsi un contexte de description pour des actions particulières. Autrement dit, c'est 'en fonction de...' telle convention signifiant Ceci ou cela: le même geste de lever les bras peut, selon le contexte être compris comme manière de saluer, de héler un taxi, ou de voter. Avant d'être soumis à l'interprétation, les symboles sont des interprétants internes à l'action [...] le terme symbole introduit en outre l'idée de

regle, non seulement au sens qu'on vient de dire de regles de description et d'interpretation pour des actions singulieres, mais au sens de norme [...] on passe ainsi sans difficulte, sous le titre commun demediation symbolique, de l'idee de signification immanente a celle de regle, prise au sens de regles de description, puis a celle de norme, qui equivaut a l'idee de regle prise au sens prescriptif du terme [...]” (RICOEUR, 1983, pg 112-125).

<sup>103</sup> “Compreender um rito é colocá-lo em um ritual, e este em um culto e, aproximando-se, no conjunto de convenções, crenças e instituições que forma a rede simbólica da cultura” (RICOEUR, 1983, pg 114)

<sup>104</sup> « [...] Suivre une histoire, c'est avancer au milieu de contingences et de péripéties sous la conduite d'une attente qui trouve son accomplissement dans la conclusion [...] » (RICOEUR, 1983, pg 130).

<sup>105</sup> “[...] um evento histórico não é somente o que acontece, mas o que pode ser contado, ou que já foi contado em crônicas ou lendas. Além do mais, o historiador não ficará desolado de trabalhar somente sobre documentos parciais: só fazemos uma intriga com aquilo que sabemos; a intriga é por natureza ‘conhecimento mutilado’ [...]” (RICOEUR, 1984, pg 303).

<sup>106</sup> Each checkpoint has a priority level assigned by the Working Group based on the checkpoint's impact on accessibility. [Priority 1] A Web content developer must satisfy this checkpoint. Otherwise, one or more groups will find it impossible to access information in the document. Satisfying this checkpoint is a basic requirement for some groups to be able to use Web documents. [Priority 2] A Web content developer should satisfy this checkpoint. Otherwise, one or more groups will find it difficult to access information in the document. Satisfying this checkpoint will remove significant barriers to accessing Web documents. [Priority 3] A Web content developer may address this checkpoint. Otherwise, one or more groups will find it somewhat difficult to access information in the document. Satisfying this checkpoint will improve access to Web documents. Some checkpoints specify a priority level that may change under certain (indicated) conditions.

<sup>107</sup> Esta primeira norma foi criada para facilitar os deficientes físicos, como os cegos, por exemplo. Vim a descobrir, pela reportagem – <http://radio-canada.ca/branche/v6/172/non-voyant.html> – da Rádio Canadá a importância de inserir explicações das imagens, denominá-las coerentemente, ao invés de fig.1, colocar o nome da figura; a importância também de usar textos como links e não botões, etc. E simplificar a apresentação de um sítio web, pois quanto menos efeitos especiais, javascript ao longo do texto, mas fácil a leitura para um cego. A criação do css, outro exemplo, também simplifica a leitura, pois diminui consideravelmente os códigos entremeados ao texto.

<sup>108</sup> “[...] Inconsequential words may be set in huge type faces: on the title page shown here the initial ‘THE’ is by far the most prominent word of all. The result is often aesthetically pleasing as a visual design, but it plays havoc with our present sense of textuality. Yet this practice, not our practice, is the original practice from which our present practice has deviated. Our attitudes are the ones that have changed, and thus that need to be explained. Why does the original, presumably more ‘natural’ procedure seem wrong to us? Because we feel the printed words before us as visual units (even though we sound them at least in the imagination when we read). Evidently, in processing text for meaning, the sixteenth century was concentrating less on the sight of the word and more on its sound than we do. All text involves sight



and sound. But whereas we feel reading as a visual activity cueing in sounds for us, the early age of print still felt it as primarily a listening process, simply set in motion by sight. If you felt yourself as reader to be listening to words, what difference did it make if the visible text went its own visually aesthetic way? It will be recalled that pre-print manuscripts commonly ran words together or kept spaces between them minimal. / Eventually, however, print replaced the lingering hearingdominance in the world of thought and expression with the sight-dominance which had its beginnings with writing but could not flourish with the support of writing alone. Print situates words in space more relentlessly than writing ever did. Writing moves words from the sound world to a world of visual space, but print locks words into position in this space. Control of position is everything in print. 'Composing' type by hand (the original form of typesetting) consists in positioning by hand preformed letter types, which, after use, are carefully repositioned, redistributed for future use into their proper compartments in the case (capitals or 'upper case' letters in the upper compartments, small or 'lower case' letters in the lower compartments). Composing on the linotype consists in using a machine to position the separate matrices for individual lines so that a line of type can be cast from the properly positioned matrices. Composing on a computer terminal or wordprocessor positions electronic patterns (letters) previously programmed into the computer. Printing from 'hot metal' type (that is, from cast type - the older and still widely used process) calls for locking up the type in an absolutely rigid position in the chase, locking the chase firmly onto a press, affixing and clamping down the makeready, and squeezing the forme of type with great pressure onto the paper printing surface in contact with the platen. / Most readers are of course not consciously aware of all this locomotion that has produced the printed text confronting them. Nevertheless, from the appearance of the printed text they pick up a sense of the word-in-space quite different from that conveyed by writing. Printed texts look machine-made, as they are. Chirographic control of space tends to be ornamental, ornate, as in calligraphy. Typographic control typically impresses more by its tidiness and inevitability: the lines perfectly regular, all justified on the right side, everything coming out even visually, and without the aid of the guidelines or ruled borders that often occur in manuscripts. This is an insistent world of cold, non-human, facts. 'That's the way it is' - Walter Cronkite's television signature comes from the world of print that underlies the secondary orality of television (Ong 1971, pp. 284-303). / By and large, printed texts are far easier to read than manuscript texts. The effects of the greater legibility of print are massive. The greater legibility ultimately makes for rapid, silent reading. Such reading in turn makes for a different relationship between the reader and the authorial voice in the text and calls for different styles of writing. Print involves many persons besides the author in the production of a work - publishers, literary agents, publishers' readers, copy editors and others. Before as well as after scrutiny by such persons, writing for print often calls for painstaking revisions by the author of an order of " magnitude virtually unknown in a manuscript culture. Few lengthy prose works from manuscript cultures could pass editorial scrutiny as original works today: they are not organized for rapid assimilation from a printed page. Manuscript culture is producer-oriented, since every individual copy of a work represents great expenditure of an individual copyist's time. Medieval manuscripts are turgid with abbreviations, which favor the t copyist although they inconvenience the reader. Print is consumer-oriented, since the individual copies of a work represent a much smaller investment of time: a few hours spent in producing a more readable text will immediately improve thousands upon thousands of copies. The effects of print on thought and style have yet to be assessed fully. The journal *Visible Language* (formerly called the *Journal of Typographic Research*) publishes many articles contributory to such an assessment. / Writing had reconstituted the originally oral, spoken word in visual space. Print embedded the word in space more definitively. This can be seen in such developments as lists, especially alphabetic indexes, in the use of words (instead of iconographic signs) for labels, in the use of printed drawings of all sorts to convey information, and in the use of abstract typographic space to interact geometrically with printed words in a line of development that runs from Rastism to concrete poetry and to Derrida's logomachy with the (printed, typically, not simply written) text [...] (ONG, 1982, pg 123-122).



<sup>109</sup> “[...] By 1500, legal fictions were already being devised to accommodate the patenting of inventions and assignment of literary properties. Once the rights of an inventor could be legally fixed and the problem of preserving unwritten recipes intact was no longer posed, profits could be achieved by open publicity provided new restraints were not imposed. Individual initiative was released from reliance on guild protection, but at the same time new powers were lodged in the hands of a bureaucratic officialdom. Competition over the right to publish a given text also introduced controversy over new issues involving monopoly and piracy. Printing forced legal definition of what belonged in the public domain. A literary ‘common’ became subject to ‘enclosure movements’, and possessive individualism began to characterize the attitude of writers to their work [...]”(EISENSTEIN, 1983, pg 84).

<sup>110</sup> “[...] The first copyright act in the world was the British Statute of Anne, from 1710. It is available in the British Library, 8 Anne c. 19. Several monographs on copyright date this text to 1709. However, 1710 is the correct date, see John Feather, *The Book Trade in Politics: The Making of the Copyright Act of 1710*, "Publishing History", 19(8), 1980, p. 39 (note 3). Transcription from Fraktur is available below the image. Anno Octavo. Annæ Reginae. An Act for the Encouragement of Learning, by Vesting the Copies of Printed Books in the Authors or Purchasers of such Copies, during the Times therein mentioned. Whereas Printers, Booksellers, and other Persons, have of late frequently taken the Liberty of Printing, Reprinting, and Publishing, or causing to be Printed, Reprinted, and Published Books, and other Writings, without the Consent of the Authors or Proprietors of such Books and Writings, to their very great Detriment, and too often to the Ruin of them and their Families: For Preventing therefore such Practices for the future, and for the Encouragement of Learned Men to Compose and Write useful Books; May it please Your Majesty, that it may be Enacted, and be it Enacted by the Queens most Excellent Majesty, by and with the Advice and Consent of the Lords Spiritual and Temporal, and Commons in this present Parliament Assembled, and by the Authority of the same, That from and after the Tenth Day of April, One thousand seven hundred and ten, the Author of any Book or Books already Printed, who hath not Transferred to any other the Copy or Copies of such Book or Books, Share or Shares thereof, or the Bookseller or Booksellers, Printer or Printers, or other Person or Persons, who hath or have Purchased or Acquired the Copy or Copies of any Book or Books, in order to Print or Reprint the same, shall have the sole Right and Liberty of Printing such Book and Books for the Term of One and twenty Years, to Commence from the said Tenth Day of April, and no longer; and that the Author of any Book or Books already Composed and not Printed and Published, or that shall hereafter be Composed, and his Assignee, or Assigns, shall have the sole Liberty of Printing and Reprinting such Book and Books for the Term of fourteen.

A few quotations from historical source texts. *Oratio publicata res libera est.* (A speech made public is free.)

Quintus Aurelius Symmachus (345-410)

[...] may it please your Majesty that it may be enacted [...] that the author of any book or books already composed, and not printed and published, or that shall hereafter be composed [...] shall have the sole liberty of printing and reprinting such book and books for the term of fourteen years, to commence from the day of the first publishing the same, and no longer [...]

The Statute of Anne, 1710

...the bookseller acquires by an act a manuscript; the ministry, by a permission, authorizes the publication of this manuscript, and guarantees to the purchaser the peace of his possession. What is there that could be contrary to the general interest?

Denis Diderot, "Lettre sur le Commerce de la librairie", 1763

Lord Chief Baron Smythe observed, [...] that the cases proved that property did exist previous to publication, and that publication could not alter it; for that publication neither made it a sale, a gift, a forfeiture, nor an abandonment, which were the only ways that a person could part with his property. When a man published his manuscript, he sold to one person only one book, and the use of that one book, without any design of allowing the purchaser to multiply copies: if he gave a book away, he gave it under the same restrictions.

Donaldson v. Beckett, Proceedings in the Lords, 1774

Now, if there exists any incorporeal right or property in the author, detached from his manuscript, no act of publication can destroy it. Can then such right or property exist at all? [...] Abridgments of books, translations, notes, as effectually deprive the original author of the fruit of his labours, as direct particular copies, yet they are allowable. The composers of music, the engravers of copper-plates, the inventors of machines, are all excluded from the privilege now contended for; but why, if an equitable and moral right is to be the sole foundation of it? Their genius, their study, their labour, their originality, is as great as an author's, their inventions are as much prejudiced by copyists, and their claim, in my opinion, stands exactly on the same footing ...

Lord Chief Justice De Grey in Donaldson v. Beckett, Proceedings in the Lords, 1774

Lord Effingham rose last, and begged to urge the liberty of the press, as the strongest argument against this property; adding, that a despotic minister, hearing of a pamphlet which might strike at his measures, may buy the copy, and by printing 20 copies, secure it his own, and by that means the public would be deprived of the most interesting information.

Donaldson v. Beckett, Proceedings in the Lords, 1774

The author and the owner of the copy may both say about it with the same right: it is my book! but in a different sense. The first regards the book as writing or speech; the second only as the mute instrument that delivers the speech to him or the public, i.e. as a copy. This right of the author is however no right to the thing, namely the copy (since the owner may burn it before the author's eyes), but an innate right in his own person, that is to prevent another from delivering it to the public without his consent, which consent can by no means be presumed, because he has already given

it exclusively to another.

Immanuel Kant, Von der Unrechtmäßigkeit des Büchernachdrucks, 1785

The most sacred, most personal of all the properties, is the work fruit of the thought of a writer [...] so it is extremely just that the men who cultivate the field of thought enjoy some fruits from their work, it is essential that during their life and a few years after their death, nobody can dispose of the product of their genius, without their consent.

Jean Le Chapelier in the Paris Assembly 1791

It is thus obvious, that according to common judgment, the public regards and must regard itself as being in joint possession of a published work: and that which has been published in print, can no less than manuscripts in earlier times, be considered *publici iuris*.

J.A.H. Reimarus, Der Bücherverlag in Betrachtung der Schriftsteller, der Buchhändler und des Publikums abermals erwogen, April 1791

I wanted to show that those, who complain about reprinting, state reasons and demands they cannot maintain, since the reprinting of published writings must be judged only by how reasonable or unreasonable it is, and consequently it must be left to each and everyone's own conscience to consider what common advantage to allow, and this cannot be regulated by legislation.

J.A.H. Reimarus, Nachtrag zu der Erwägung des Bücherverlags und dessen Rechte, December 1791

Now, why does one regard the use of a writer's own words quite different from the use of his ideas? In the last case, we utilize what we have as common property with him, and prove that it is thus, by giving it our form; in the first case we take possession of his form, which is not our property, but exclusively his. [...] The right of the buyer to copy what he has bought, goes as far as physical possibility permits in appropriating it; and this diminishes, the more the work depends on form, which we can never make our own.

Johann Gottlieb Fichte, Beweis der Unrechtmäßigkeit des Büchernachdrucks, 1793

It is sufficient that philosophically we understand that in all imitation two elements must coexist, and not only coexist, but must be perceived as coexisting. These two constituent elements are likeness and unlikeness, or sameness and difference, and in all genuine creations of art there must be a union of these disparates.

Samuel Taylor Coleridge, On Poesy or Art, 1818

A poet creates verse; the paper which materializes the issuance, the hundred thousand copies where they are reproduced, could possibly be the property of an individual, of a thousand or one hundred thousand, but what is not possible to appropriate, are the verses themselves: each one has the capacity to recognize them with his intellect, and the possibility to reproduce them by reciting them, by writing them down.

Augustin Charles Renouard, "Les Droits d'Auteurs dans la Littérature, les Sciences et les Beaux-Arts" (1838)

Before the publication, the author has an undeniable and unlimited right. Think of a man like Dante, Molière, Shakespeare. Imagine him at the time when he has just finished a great work. His manuscript is there, in front of him; suppose that he gets the idea to throw it into the fire; nobody can stop him. Shakespeare can destroy Hamlet, Molière Tartufe, Dante the Hell.

But as soon as the work is published, the author is not any more the master. It is then that other persons seize it: call them what you will: human spirit, public domain, society. It is such persons who say: I am here; I take this work, I do with it what I believe I have to do, [...] I possess it, it is with me from now on...

Victor Hugo, in the 1870's, as chair of l'Association Littéraire Internationale.

[...]" (vide - <http://www.copyrighthistory.com/anne.html>).

<sup>111</sup> “[...] under the guidance of technically proficient masters, the new technology also provided a way of transcending the limits which scribal procedures had imposed upon technically proficient masters in the past [...] Not every edition, to be sure, eliminated all the errors that were spotted; good intentions stated in prefaces failed to be honored in actual manufacture. Even so, the requests of publishers often encouraged readers to launch their own research projects and field trips which resulted in additional publications programs [...]” (EISENSTEIN, 1983, pg 75).

<sup>112</sup> “[...] John Rastell took care to provide an introductory ‘Tabula’: a forty-six-page ‘chronological register by chapters of the statutes 1327 to 1523’. He was not merely providing a table of contents; he was also offering a systematic review of parliamentary history – the first many readers had ever seen. This sort of spectacular innovation, while deserving close study, should not divert attention from much less conspicuous, more ubiquitous changes. Increasing familiarity with regularly numbered pages, punctuation marks, section breaks, running heads, indexes, and so forth helped to reorder the thought of all readers, whatever their profession or craft [...]” (EISENSTEIN, 1983, pg 73).

<sup>113</sup> “[...] Ao caracterizar a concepção prototípica, afirmou-se que, de acordo com ela, dados os dois exemplares de um conceito, um deles pode ser mais típico que ou outro – o que não acontece na concepção clássica. O que está em jogo aí é a relação entre conceitos e exemplares, por exemplo, entre o conceito de torre e uma torre particular, digamos, a torre Eiffel. O fenômeno de tipicidade, entretanto, manifesta-se também na relação entre conceitos e sub-conceitos: isto é o que acontece, por exemplo, quando se afirma que maçã é uma fruta mais típica que a jaca – tomando ‘a

maçã' e 'a jaca' como denotadores de 'tipos', e não como 'exemplares de frutas', 'a maçã' e 'a jaca', na terminologia que vamos usar, designam sub-conceitos de frutas [...] 'Este experimento tem a ver com aquilo que temos em mente quando usamos palavras referentes a categorias. Consideremos, por exemplo, a palavra 'vermelho'. Feche os olhos e imagine um verdadeiro vermelho. Agora imagine um vermelho alaranjado ... e agora um vermelho arroxeado. Embora você ainda possa usar o termo 'vermelho' para o vermelho alaranjado ou para o vermelho arroxeado, eles não são tão bons exemplos de vermelho (casos tão claros daquilo a que 'vermelho' se refere) quando o 'verdadeiro' vermelho'. Em suma, alguns vermelhos são mais vermelhos que outros. O mesmo vale para outros tipos de categorias. Considere os cães. Todos você têm alguma noção do que seja um 'verdadeiro' cão, um cão bem 'canino'. Para mim um perdigueiro ou um pastor alemão são cães bem caninos, enquanto um pequinês é um cão menos canino. Note que este tipo de julgamento não tem nada a ver com o quanto você gosta de algo; você pode gostar mais de um vermelho arroxeado do que a cor de um verdadeiro vermelho, e mesmo assim reconhecer que a cor de que você gosta mais não é um bom exemplo de vermelho. Você pode preferir um pequinês sem achar que esta é raça que melhor representa a 'canidade' [...] (OLIVEIRA, 1993-1994, pg 32-33).

<sup>114</sup> "Well, categorization is one of the most basic functions of living creatures. We live in a categorized world -- table, chair, male, female, democracy, monarchy -- every object and event is unique, but we act towards them as members of classes. Prior to my work, categories and concepts were simply assumed, from philosophy, to be something explicit and formal, that is, to be arbitrary logical sets with defining features and clear-cut boundaries. This is what is now called the classical view of categories, which comes down from Aristotle through Locke and the British empiricists. In a nutshell it's the idea that categories and concepts are matters of logic; they are clearly bounded sets; something either is or is not in the category. It is in the category if it has certain defining features, and if it doesn't, then it's outside the category. When psychologists did research on concept learning, they used artificial concepts and sets of artificial stimuli that were constructed so that they formed little micro-worlds in which those prevailing beliefs about the nature of categories were already built in. Then they'd do their learning experiments. But what they found out in terms of the nature of categories was already a foregone conclusion because that was what they had already built into it" (ROSCH, 1999).

<sup>115</sup> "[...] Pois, o "estoque de conhecimento existe num fluxo contínuo e muda de qualquer Agora para o seguinte, não só em termos de extensão como também de estrutura. Está claro que qualquer experiência posterior o enriquece e alarga. Através da referência ao estoque de conhecimento à mão, num determinado Agora, a experiência anterior, nos modos de 'igualdade', 'semelhança', 'similaridade', 'analogia', etc [...]" (SCHUTZ, 1979, pg 130).

<sup>116</sup> "[...] Knowledge about a thing is knowledge of its relations [...] In all our voluntary thinking there is some TOPIC or SUBJECT about which all the members of the thought revolve. Relation to this topic or interest is constantly felt in the fringe, and particularly the relation of harmony and discord, of furtherance or hindrance of the topic. Any thought the quality of whose fringe lets us feel ourselves 'all right,' may be considered a thought that furthers the topic. Provided we only feel its object to have a place in the scheme of relations in which the topic also lies, that is sufficient to make of it a relevant and appropriate portion of our train of ideas [...] Now we may think about our topic mainly in words, or we may think about it mainly in visual or other images, but this need make no difference as regards the furtherance of our knowledge of the topic. If we only feel in the terms, whatever they be, a fringe of affinity with each other and with the topic, and if we are conscious of approaching a conclusion, we feel that our thought is rational and right. The words in every language have contracted by long association fringes of mutual repugnance or affinity with each

other and with the conclusion, which run exactly parallel with like fringes in the visual, tactile, and other ideas. The most important element of these fringes is, I repeat, the mere feeling of harmony or discord, of a right or wrong direction in the thought [...] The only images intrinsically important are the halting-places, the substantive conclusions, provisional or final, of the thought. Throughout all the rest of the stream, the feelings of relation are everything, and the terms related almost naught. These feelings of relation, these psychic overtones, halos, suffusions, or fringes about the terms, may be the same in very different systems of imagery. A diagram may help to accentuate this indifference of the mental means where the end is the same [...]”. (JAMES, 1892, url <http://psychclassics.asu.edu/James/jimmy11.htm> )